

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS, HISTÓRIAS DE TRABALHO:
SOCIALIZAÇÃO E TRANSMISSÃO INTER-GERACIONAL**

Autora: Adriana Carnielli de Lima

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Fonseca de Almeida

2010

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

L628h Lima, Adriana Carnielli de.
Histórias de famílias, histórias de trabalho: socialização e transmissão inter-geracional / Adriana Carnielli de Lima. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Ana Maria Fonseca de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Trabalho infantil. 2. Família - História. 3. Socialização. 4. Transmissão inter-geracional. I. Almeida, Ana Maria Fonseca de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-285/BFE

Título em inglês: Stories of families, stories of work: socialization and intergenerational transmission

Keywords: Child labor; Family – History; Socialization; Itergenerational transmission

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Ana Maria Fonseca de Almeida (Orientadora)

Profª. Drª. Graziela Serroni Perosa

Profª. Drª. Kimi Aparecida Tomizaki

Profª. Drª. Águeda Bernardete Bittencourt

Profª. Drª. Heloísa Helena Pimenta Rocha

Data da defesa: 14/12/2010

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : adrianacarnielli@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS, HISTÓRIAS DE TRABALHO:
SOCIALIZAÇÃO E TRANSMISSÃO INTER-GERACIONAL

Autora: Adriana Carnielli de Lima

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Maria Fonseca de Almeida

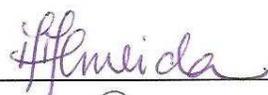
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Adriana Carnielli de Lima e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 14 de dezembro de 2010

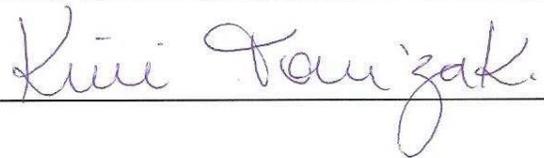
Assinatura: 

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:







2010

A todos os entrevistados, os quais sem eles essa dissertação não existiria

À memória de Aparecida, minha avó
À Cássia e Júnior, meus pais
À Renata, minha irmã
Ao Feliipe, meu marido

Soli Deo Gloria

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação resultou de uma longa caminhada de estudos. Muitas foram as dificuldades encontradas e os obstáculos a serem superados nesse percurso, mas tudo isso tornou ainda mais gratificante a conclusão desta tarefa.

Eis que chegou o momento de expressar meus sinceros agradecimentos a muitas e tantas pessoas, amados familiares e amigos – tanto aos ‘velhos’ e queridos quanto aos que se revelaram ao longo desse tempo – que contribuíram cada qual o seu modo para essa dissertação.

Bem sei o risco que corro de não dar conta desse ‘muitíssimo obrigado’ como é merecido, porque será difícil exprimir a beleza que foi a construção dessa pesquisa, no sentido da formação de uma verdadeira rede de solidariedade e afeto.

Dessa forma, dedico meu agradecimento àqueles que fizeram parte dessa história direta ou indiretamente ou, ainda, pelo fato de simplesmente existirem.

Vamos lá!

Primeiramente à Deus, fonte eterna e misteriosa de força e vida, presente em todos os momentos da minha vida. Por me amparar nos momentos difíceis, me dar força interior e serenidade para superar as dificuldades, mostrar os caminho nas horas incertas e suprir todas as minhas necessidades.

À minha família, pelos valores ensinados, imprescindíveis para a construção da minha personalidade científica e pessoal delineada de muita dedicação, determinação e força. Infinitos agradecimentos aos meus pais, Cássia e Júnior, pelo amor incondicional, ternura alegria e atenção sem reservas... À minha mãe um especial agradecimento pelo exemplo de vida que sempre me deu, por sempre acreditar e me fazer acreditar que sou capaz, além da constante força e estímulo para que pudesse realizar todas as minhas “invenções de moda”.

À minha irmã Renata pelo carinho, paciência e incentivo SEMPRE. Por atender meus pedidos de última hora...

Ao meu marido Fellipe, companheiro e amigo de todas as horas que sempre esteve ao meu lado, me ajudando, me ouvindo, me instigando... Agradeço o apoio, incentivo, força, paciência e compreensão pelas minhas ausências... E pelas muitas alegrias proporcionadas!

À minha tia e madrinha Denise que com muita atenção e paciência leu essa dissertação me instigando com questões e sugerindo correções. Suas sugestões levaram a sucessivas revisões do texto, cujas eventuais falhas, inteiramente responsabilidade da autora, teriam sido mais numerosas não fosse por sua crítica incisiva.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Ana Maria Fonseca de Almeida, agradeço por ter me iniciado na pesquisa, em especial por ter acreditado nesse projeto possibilitando a realização de mais uma etapa tão importante na minha vida. Agradeço pela confiança, compreensão e orientação durante esses anos de trabalho.

Às professoras Kimi e Graziela por acreditarem nesta pesquisa, pelos comentários, sugestões e incentivos “provocando” grandes reflexões. Suas críticas e ensinamentos foram fundamentais para a análise aqui desenvolvida.

Muitos foram os docentes que me incentivaram nessa longa caminhada iniciada na graduação. De todos guardo boas recordações. Em especial os professores Valério Arantes, Neusa Gusmão, Aparecida Neri, Sérgio Leite, Heloísa Rocha, Débora Mazza, Zacarias Borges, Vera Rossi, Maria do Carmo Martins, Ana Goulart de Faria e Luiz Carlos de Freitas cujos cursos contribuíram, cada qual ao seu modo, para o desenvolvimento desta pesquisa e para minha formação acadêmica.

Ao grupo de pesquisa Focus e ao pequeno grupo no interior dele, “Fronteiras”, que em conjunto construímos um trabalho admirável. Parabéns!

Às amigas do Focus Rosângela, Cláudia, Ana Paula, Juliana, Léia, Camila e Iracema que me acompanharam nessa trajetória e contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Às minhas amigas e companheiras de longa data Danusa, Flávia e Maria Inês. Agradeço a amizade e o apoio incondicionais a mim oferecidos mesmo em meio a tantas ausências...

À Melissa, Luciana e Paula, amigas e companheiras de trabalho que com paciência compreenderam meus cansaços e me ajudaram nos momentos em que eu estava desanimada...

Às minhas queridas amigas e companheiras de Vinhedo, em especial à Ceíça e Eliane que com muito carinho me apoiaram e não mediram esforços para me ajudar... À Xanda, Alessandra, Maria, Virgínia, Rejeane e Silvia, que muito me ajudaram e apoiaram nesses anos em que trabalhamos juntas.

Agradeço a Secretaria de Educação do Município de Vinhedo e em especial aos secretários Silvia Pieri, por autorizar a minha participação nas disciplinas da pós-graduação e a Jaime Cruz pela licença concedida, entendendo as razões que me levaram a fazer tais solicitações para concluir a pesquisa no tempo exigido.

Diversas pessoas na Faculdade de Educação apoiaram essa pesquisa, ajudando, cada qual ao seu modo e dentro das suas possibilidades, a minimizar os pequenos problemas e dificuldades inerentes à prática e ao cotidiano da pesquisa.

SINTO UMA ENORME GRATIDÃO PELA GENEROSIDADE E PELO CARINHO COM QUE FUI ACOLHIDA NOVAMENTE PELOS ENTREVISTADOS. MEU OBRIGADO ESPECIAL É PARA VOCÊS!

Há muito mais a quem agradecer... A todos aqueles que, embora não nomeados, me brindaram com seus inestimáveis apoios em distintos momentos e por suas presenças, o meu reconhecido e carinhoso muito obrigado!

Uma geração simboliza o futuro de uma sociedade até o momento em que ela se vira ao contrário e se tornar marca do passado. (...) O ponto de inflexão é dado pela chegada de novas gerações que trazem seu próprio futuro, e viram a face da geração anterior em direção ao passado, de maneira que elas é que passam a olhar em frente. (Claudine Attias-Donfut, 1988, p. 223)

RESUMO

O que os jovens julgam como bom trabalho ou mau trabalho, trabalho desejável ou trabalho indesejável? Como constroem esses julgamentos? Esta pesquisa documentou as percepções de um grupo de jovens oriundos de grupos populares e estudou o processo de socialização a que estavam submetidos para tentar responder a essas perguntas. Para tanto, foram realizadas duas rodadas de entrevistas com nove jovens e seus pais quando esses tinham idade entre doze e quatorze anos. Os resultados mostram que os julgamentos são construídos em relação com a história da família, especialmente com a história de trabalho dos adultos mais próximos, e com as percepções dominantes no círculo de amizade formado principalmente no próprio bairro onde moram. A pesquisa mostrou também que essas percepções estão fortemente relacionadas com os investimentos realizados na escola e com a decisão de adiantar ou atrasar a entrada no mercado de trabalho.

Palavras-chaves: Trabalho infantil e juvenil; família; transmissão geracional.

ABSTRACT

What do young judge good or bad, desirable or undesirable jobs? How do they build their judgment concept? In order to answer these questions, this research documented the perceptions of a group of teenagers originated from low social classes and studied the socialization process which they were submitted. Two rounds of interviews were done with young and their parents when the teenagers were twelve and fourteen. The results show that the judgments of the young are built based on family history, especially on labor history of closest adults, and on dominant perceptions inside the friendship circle formed by other teenagers in their neighborhood. This research shows also that these perceptions are closely related with school investments and with decision of postpone or advance the entry in the job market.

Keywords: Child labor; Family history; Socialization; Intergenerational transmission

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Procedimento.....	3
Elaboração e realização das entrevistas com os adolescentes e seus pais	5
Sobre os adolescentes e suas famílias.....	6
CAPÍTULO I.....	17
TRAJETÓRIA SOCIAL: CONSTRUINDO OPINIÕES E TOMANDO DECISÕES .	17
História de Família: Wesley, Edvaldo e Silvia.....	17
1.1. Relações Familiares.....	28
1.2. Relações de amizade: bairro e escola	32
CAPÍTULO II.....	39
TRABALHO E ESTUDO: INVESTIMENTOS	39
História de Família: Vanessa, Cleusa e Adoniram.....	39
2.1. O valor dos estudos	50
2.2. Significados de trabalho	64
2.2.1. <i>Percepções de Trabalho</i>	65
2.2.2. <i>Profissão, Trabalho e Futuro</i>	73
2.3. Por que trabalhar se podem somente estudar?.....	76
2.4. Decisão: Trabalhar ou Estudar?.....	86
CAPÍTULO III	91
ENTRE O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO	91
História de Família: João Paulo e Neusa	91
3.1. Experiências passadas: continuidades ou mudanças?	97
3.2. Futuro: em busca de sonhos	102
CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	109

INTRODUÇÃO

Quais os efeitos das experiências educativas das famílias e dos jovens, do trabalho e das estruturas escolares sobre a construção das trajetórias dos indivíduos?

O objetivo desta pesquisa é mostrar que a construção de trajetórias se dá a partir das experiências e vivências dos indivíduos, além de contar com a influência de seus familiares e amigos nesse percurso. Trata-se de uma pesquisa que envolve gerações (geracional na dimensão familiar) e as transformações ocorridas no tempo (longitudinal).

Como método, foram realizadas duas rodadas de entrevistas com nove adolescentes, sendo a primeira entre 2004 e 2005 com eles e seus pais e, uma segunda rodada entre 2009 e 2010 somente com os jovens, buscando-se respostas para as seguintes questões: Trabalhar ou estudar? Quais foram as tomadas de decisões desses adolescentes durante esse tempo? Que influências sofreram nesse percurso?

Essa pesquisa se caracteriza por um caráter longitudinal e inter-geracional. Longitudinal porque se realizou ao longo de um período de tempo, mais especificamente esse estudo focou dois momentos da vida de nove jovens, um primeiro quando eram crianças/adolescentes e um segundo quando jovens. E geracional porque investigou o processo a partir das diferentes gerações em um grupo de famílias.

Os métodos longitudinais e geracionais possibilitam acompanhar o fenômeno em processo e rastrear seus determinantes histórico-sociais-culturais. O método longitudinal permite visualizar a dinâmica e as mudanças na trajetória dos indivíduos. Já a geração permite compreender as diferentes realidades e a “(...) necessidade de cada geração transmitir aos seus sucessores aquilo que considera fundamental para a preservação e continuidade da sua herança” (TOMIZAKI, 2010).

O conceito de geração utilizado nesta dissertação corresponde principalmente à definição dada por Mannheim (1928). De acordo com o autor, “o fenômeno social “geração” nada mais representa do que um tipo particular de identidade de situação de “grupos de idade” mergulhados num processo histórico social” (p.137).

Motta (2004) a partir da leitura de Mannheim sintetiza o conceito geração como “(...) um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou

vivência” (p. 350). Entretanto, a autora lembra que cada momento histórico se realiza com a presença simultânea de várias gerações que, mesmo contemporâneos, não têm as mesmas experiências e trajetórias de vida.

Tomizaki (2010), em um artigo que trata com singularidade a definição do termo “geração” apresenta de maneira bastante clara uma investigação acerca do tema apropriando-se historicamente de sua construção. Para a autora a existência das gerações está associada a fenômenos fundamentais cada qual carregado de significação sociológica: (i) idade; (ii) posição social; (iii) experiências comuns (concretas ou simbólicas); (iv) relação com outras gerações (sucessoras ou antecessoras); (v) conjuntura histórica (social, econômica e política) na qual se inscrevem as gerações e; (vi) famílias e relações de parentesco.

Todos estes elementos só terão sentido na compreensão de um conjunto geracional na perspectiva relacional. Tomizaki (2010) se apóia na proposta teórico-metodológica de Attias-Donfut (1994) de que os estudos geracionais “(...) devem ser estudos sobre a *“dinâmica das gerações”*, entendida como o processo de ação de gerações umas sobre as outras, que se desenrola no curso de um período dado”. (p. 336)

Considerando todos estes elementos para a construção do conceito de geração e utilização dele nesta dissertação, é importante aprofundar a dimensão familiar e das relações de parentesco, definindo com maior precisão o que isso significa, já que esta pesquisa trata principalmente de famílias.

Tomizaki (2010) referindo-se a Mauger aponta que gerações familiares e gerações sociais, estão diretamente relacionadas, ou seja, os membros de uma geração familiar são ligados pelos laços de parentesco, e também estão ligados a um sistema escolar ou a uma configuração singular do mercado de trabalho. Assim, as gerações familiares se encontram unidas à realidade das gerações sociais ou históricas. Entretanto, dentro de uma geração familiar podem existir membros pertencentes a diferentes gerações sociais.

Diante disso nota-se que a geração familiar está associada à geração social, e que a dinâmica entre essas duas dimensões pode ser entendida como o resultado da socialização. De acordo com Tomizaki (2010), citando Mannheim (1928), ““o essencial em todo processo de transmissão é que a nova geração cresce imersa em comportamentos, sentimentos e atitudes herdadas.” E essa herança será transmitida para a nova geração em um processo de “mão

dupla”: “não é somente o professor que educa o aluno, mas também o aluno educa o professor. As gerações se influenciam mutuamente”” (p. 341).

Diante dessa perspectiva é que esta dissertação se localiza.

Procedimento

Os resultados desse estudo se apóiam nos dados encontrados na pesquisa de campo feita sobre o tema, desenvolvida nos períodos compreendidos entre 2005 e 2006 e entre 2009 e 2010. O trabalho de campo foi realizado em alguns bairros do distrito de Barão Geraldo localizado no limite norte da cidade de Campinas/SP, compreendendo cerca de 70 bairros (incluídos chácaras, fazendas e condomínios) e possuindo uma população de aproximadamente 45.000 habitantes, variando este número em torno de 20.000 devido a uma população móvel, advinda principalmente das universidades localizadas nessa região.

O distrito se destaca pela heterogeneidade de seus moradores. Dentre os bairros que o compõem, há alguns que são formados por casas grandes, bem arquitetadas, algumas em condomínios fechados, outras em ruas asfaltadas, ruas com paralelepípedos ou, ainda, de terra, havendo entre elas uma extensa área verde entre.

Entretanto, a região não é formada somente por casas grandes e belas; há também em suas extremidades casas simples, com poucos cômodos e pouca infra-estrutura local, revelando a parte pobre do bairro.

Selecionado o campo de pesquisa, houve o primeiro contato entre 2005 e 2006 com os sujeitos tratados nesta dissertação. Primeiramente com os adolescentes na escola onde estudavam e, em seguida, com seus pais e responsáveis.

No segundo semestre de 2005 para desenvolver a primeira fase dessa pesquisa, dirigi-me a uma escola em Barão Geraldo na busca por indivíduos que se enquadravam no objetivo.

Conversei com a direção da escola que me autorizou a perguntar nas salas de aula se havia alguém interessado em participar voluntariamente de uma pesquisa, sem revelar maiores detalhes. Os adolescentes que se apresentaram à pesquisa e foram autorizados por seus pais foram: Tiago, Vanessa, Luciano e Gustavo. Agendei com eles algumas datas e

horários para realizar a entrevista na sala da biblioteca da escola, local sugerido e cedido pela direção da escola.

A partir desses dados iniciais algumas questões surgiram e revelou-se necessária a busca de mais elementos para embasar a pesquisa.

Após o término das férias escolares municipais, entrei em contato novamente com a escola por meio da diretora e coordenadora pedagógica. Marquei um dia para explicar a nova fase da pesquisa e pedir autorização para buscar novos adolescentes para serem entrevistados. A diretora e coordenadora pedagógica aceitaram a minha entrada na escola para buscar esses adolescentes.

Após receber a autorização para conversar com os adolescentes, expliquei à diretora que precisava entrevistar crianças e adolescentes entre 12 e 14 anos de idade, que já haviam tido alguma “experiência de trabalho”. Não especifiquei à diretora sobre os tipos de trabalho (remunerado e não remunerado, dentro e fora de casa, etc.) que estavam sendo investigados na pesquisa, porque pretendia deixar os adolescentes caracterizar o que é trabalho para eles. A diretora me acompanhou até as salas de aula das sextas e sétimas séries do Ensino Fundamental (caracterizadas por receber os adolescentes a partir dos 12 anos de idade), me apresentou às crianças e aos adolescentes presentes na sala e explicou a pesquisa. Feito isso, a diretora perguntou quais deles gostariam de participar da pesquisa, segundo as condições dadas inicialmente (ter idade entre 12 e 14 anos e já ter tido alguma “experiência de trabalho”). Finalmente, os adolescentes entrevistados foram: Kelly, José Roberto, João Paulo, Wesley e Fábio. Antes de realizar as entrevistas, forneci aos adolescentes uma autorização para seus pais assinarem e me trazerem na data combinada.

A primeira rodada de entrevistas ocorreu entre 2005 e 2006, sendo o contato com os pais posterior a dos adolescentes, que deixaram o endereço e o telefone para futuro contato com os responsáveis com o objetivo de também entrevistá-los em outra oportunidade.

Em contato com os pais ou responsáveis, expliquei-lhes a pesquisa e indaguei se aceitariam fazer parte da mesma. Em seguida, agendei os horários, conforme a disponibilidade de cada um, sugerindo que o local da entrevista fosse suas residências.

No segundo momento da pesquisa retornei o contato com os adolescentes entrevistados em 2006 com o objetivo de buscar novas informações sobre a trajetória que percorreram até chegar onde estão atualmente, por meio de uma nova entrevista.

Para isso voltei a entrar em contato com os adolescentes e jovens, entrevistados em 2006. A primeira tentativa de contato se deu por telefone. Porém, passados três anos da primeira entrevista, muitos telefones haviam sido mudados e assim, o resultado foi que de nove entrevistados, consegui falar com apenas três. Minha segunda tentativa foi a de ir até o endereço desses adolescentes conforme eu havia feito em 2006. Encontrei todos os adolescentes restantes, exceto uma adolescente que se mudou e os vizinhos não souberam me dizer para onde foi. Em seguida, iniciei as entrevistas em local de moradia atual dos adolescentes.

Foi opção metodológica dessa pesquisa, trabalhar com as trajetórias de um grupo de indivíduos. A idéia central foi obter um conjunto de dados sobre um determinado tema, no caso, o trabalho infantil, no qual os entrevistados estão ou estiveram envolvidos, e no qual a pesquisadora já possuía um conjunto prévio de informações e dados sobre o assunto. A partir das informações iniciais, procurou-se obter, por meio de um roteiro de entrevista, um relato dos entrevistados a respeito dos pontos sensíveis ao tema, através da forma como o acontecimento foi vivido pelos entrevistados.

Esta proposta metodológica possibilitou que os agentes sociais entrevistados pudessem ser estudados em processo, durante o desenvolvimento de suas histórias de vida.

Elaboração e realização das entrevistas com os adolescentes e seus pais

As entrevistas com os adolescentes foram estruturadas em torno de quatro temas principais: (i) a história da família; (ii) a condição econômica das famílias; (iii) as suas práticas cotidianas (o que fazem, como brincam, se ajudam em casa, se manipulam dinheiro e em que condições, se trabalham em troca de algum tipo de remuneração, mesmo que esporadicamente e o que pensam sobre isso e como relacionam o “trabalho” à “escola”); e (iv) as “experiências de trabalho” (se já trabalharam, como definem trabalhar, distinção entre “bom” e “mau” trabalho, etc.).

O roteiro de entrevistas iniciava-se com perguntas referentes à rotina do adolescente (A que horas acorda? Por que acorda neste horário? O que faz na parte da manhã, depois que acorda? O que faz na parte da tarde? etc.). Em seguida foi-lhes perguntado sobre o ajudar e o trabalhar a partir de suas respostas (Ajuda em casa? Por quê? Já trabalhou? Em

quê? Quantas horas? O que achava disso? Como você define trabalho? etc.). A partir destas questões, pôde-se notar o que era definido como “ajuda” ou como “trabalho”.

As entrevistas com os pais ou responsáveis pelos adolescentes foram estruturadas em torno de dois momentos principais: (i) o passado (sua história de vida); e (ii) o presente (momento atual). A partir destes dois temas foi-lhes perguntado sobre (i) a família, (ii) a infância, (iii) o estudo, (iv) o trabalho (se trabalham, se já trabalharam, como definem “trabalhar”, distinção entre “bom” e “mau” trabalho, etc.), (v) suas práticas cotidianas (o que fazem, se ajudam em casa com as tarefas domésticas, como gastam o dinheiro e em que condições, etc.) e sobre (vi) os filhos (se ajudam em casa, se acompanham seus estudos, suas expectativas para o futuro deles, etc.).

O contato com os pais ou responsáveis pelos adolescentes ocorreu no mês de abril, maio e junho e as entrevistas foram realizadas nos dias 08, 11, 13, 20 e 29 de maio de 2006 e 09, 10 e 20 de junho de 2006. As entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados e duraram, em média, 40 a 90 minutos.

Sobre os adolescentes e suas famílias

Os adolescentes entrevistados são moradores do distrito de Barão Geraldo/Campinas-SP e no momento da segunda rodada de entrevistas estavam na faixa entre 16 e 18 anos de idade. Inicialmente tinham em comum o fato de morarem em bairros do Distrito de Barão Geraldo, serem considerados de famílias com baixa renda e estudarem na mesma escola durante o Ensino Fundamental (da 1ª a 8ª série). Ao terminarem o Ensino Fundamental foram obrigados a mudar de escola, pois a escola onde estavam matriculados só atendia a este nível de ensino. Nesta trajetória escolar, a maioria (sete adolescentes) possui em comum a reprovação escolar, com dois casos de abandono escolar aos 17 anos de idade.

A seguir serão apresentadas algumas tabelas contendo alguns dados pertinentes para a discussão que será levantada nesta dissertação no decorrer dos capítulos.

TABELA 1: TIAGO (ADOLESCENTE); NILZA (MÃE); E SEBASTIÃO (PADRASTO).

DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	SÉRIE DE ENSINO CURSANDO	O QUE QUER SE QUANDO CRESCER	MOBILIDADE GEOGRÁFICA		ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	JÁ TRABALHOU	TRABALHO ATUAL
18/11/2005	Tiago	13	Solteiro	7ª série do E. Fundamental	Advogado	Nasceu em Campinas (SP)		Padrasto pedreiro e mãe doméstica	Não	Não trabalha
05/12/2009	Tiago	16	Solteiro	8ª série do E. Fundamental	Jogador de Futebol ou Advogado	Nasceu em Campinas (SP)		Padrasto pedreiro e mãe doméstica	Não	Não trabalha
DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	EMPREGO ATUAL	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	MORADIA	FILHOS	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR
20/05/2006	Nilza	39	Casada	Fez até a 3ª série do Ensino Fundamental	Doméstica	Nasceu em Indaiatuba (SP) e veio para Campinas (SP) em 1960	Alugada	1 filho e 1 filha	Pai e Mãe Lavradores	Aos 8 anos “ajudava” sua mãe em casa; aos 15 anos “trabalhava” de babá.
20/05/2006	Sebastião	36	Casado	Fez até a 4ª série do Ensino Fundamental	Pedreiro	Nasceu em Tum-Tum (MA) e veio para Campinas (SP) em 1993	Alugada	1 filha e 1 enteado	Pai lavrador e Mãe dona-de-casa	Aos 15 anos “trabalhava ajudando” seu pai na roça.

TABELA 2: FÁBIO (ADOLESCENTE); DALVA (MÃE); E NILTON (PAI).

DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	SÉRIE DE ENSINO CURSANDO	O QUE QUER SE QUANDO CRESCER	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	JÁ TRABALHOU	TRABALHO ATUAL	
24/05/2006	Fábio	12	Solteiro	6ª série do E. Fundamental	Médico e Cantor	Nasceu em São Domingos (GO) e veio para Campinas (SP) em 1996	Pai pedreiro e mãe doméstica	Sim, “trabalhou” com o pai em construção; “trabalhou” para a tia em uma loja de roupas, quando tinha 11 anos; “ajudou” sua avó a vender cachorro-quente, aos 12 anos; e “ajuda” com as tarefas domésticas de sua casa, desde os 8 anos.	Não trabalha	
30/11/2009	Fábio	16	Solteiro	1ª série do E. Médio	Trabalhar na área de informática e tecnologia	Nasceu em São Domingos (GO) e veio para Campinas (SP) em 1996	Pai trabalhador de construção civil e mãe desempregada	-	Faz pequenos serviços não freqüentes	
DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	EMPREGO ATUAL	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	MORADIA	FILHOS	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR
20/05/2006	Dalva	44	Casada	Concluiu o Ensino Médio	Auxiliar Administrativo	Nasceu em Guaraí (GO) – hoje Tocantins – e veio para Campinas (SP) em 1996	Alugada	1 filho	Pai e Mãe Lavradores	Aos 6 anos “ajudava” a limpar sua casa; aos 16 anos “trabalhava” de doméstica.
20/05/2006	Nilton	35	Casado	Fez até a 4ª série do Ensino Fundamental (supletivo)	Pedreiro	Nasceu em Riacho dos Porcos (BA), viveu em Goiânia (GO) e veio para Campinas (SP) em 1996	Alugada	1 filho	Pai e Mãe Lavradores	Aos 8 anos “trabalhava” na roça.

TABELA 3: GUSTAVO (ADOLESCENTE); MADALENA (MÃE); E NAILTON (PAI).

DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	SÉRIE DE ENSINO CURSANDO	O QUE QUER SE QUANDO CRESCER	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	JÁ TRABALHOU	TRABALHO ATUAL	
11/11/2005	Gustavo	13	Solteiro	7ª série do E. Fundamental	Advogado ou Médico	Nasceu em Paulínia (SP) e veio para Campinas (SP) em 1998	Pai entregador de hortifruti e Mãe professora	Não, mas “ajuda” em casa com as tarefas domésticas.	Não trabalha	
Não encontrado										
DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	EMPREGO ATUAL	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	MORADIA	FILHOS	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR
11/05/2006	Madalena	37	Casada	Concluiu o Magistério	Professora	Nasceu em Campinas (SP)	Própria	1 filho	Pai metalúrgico e Mãe dona-de-casa	Desde pequena, “ajudava” sua mãe em casa; aos 18 anos “trabalhava” como professora.
11/05/2006	Nailton	36	Casado	Fez até a 1ª série do Ensino Médio (supletivo)	Entregador de Hortifruti	Nasceu em Campinas (SP)	Própria	1 filho	Pai metalúrgico e Mãe dona-de-casa	Aos 7 anos “trabalhava” na roça porque tinha que ajudar seu pai.

TABELA 4: VANESSA (ADOLESCENTE); CLEUSA (MÃE); E ADONIRAM (PAI).

DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	SÉRIE DE ENSINO CURSANDO	O QUE QUER SE QUANDO CRESCER	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	JÁ TRABALHOU	TRABALHO ATUAL	
11/11/2005	Vanessa	13	Solteira	7ª série do E. Fundamental	Jornalista	Nasceu em Campinas (SP)	Pai pedreiro e Mãe costureira	Não, mas “ajuda” em casa com as tarefas domésticas.	Não trabalha	
01/12/2009	Vanessa	17	Solteira	2ª série do E. Médio	Jornalista ou Psicóloga	Nasceu em Campinas (SP)	Pai motorista e Mãe costureira		Não trabalha	
DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	EMPREGO ATUAL	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	MORADIA	FILHOS	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR
08/05/2006	Cleusa	47	Casada	Fez até a 1ª série do Ensino Médio	Costureira	Nasceu em Salinas (MG) e veio para Campinas (SP) em 1979	Própria	1 filho e 3 filhas	Pai lavrador e Mãe costureira	Aos 11 anos “ajudava” a limpar sua casa; aos 18 anos “trabalhava” de auxiliar administrativo.
08/05/2006	Adoniram	56	Casado	Fez até a 4ª série do Ensino Fundamental	Pedreiro	Nasceu em Salinas (MG) e veio para Campinas (SP) em 1979	Própria	1 filho e 3 filhas	Pai lavrador e Mãe dona-de-casa	Aos 8 anos “ajudava” seu pai na roça.

TABELA 5: KELLY (ADOLESCENTE); VERA (MÃE).

DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	SÉRIE DE ENSINO CURSANDO	O QUE QUER SE QUANDO CRESCER	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	JÁ TRABALHOU		TRABALHO ATUAL
19/05/2006	Kelly	13	Solteira	7ª série do E. Fundamental	Pediatra	Nasceu na Bahia e veio para Campinas (SP) em 1993	Mãe doméstica	Sim, “trabalhou” cuidando de crianças, quando tinha 13 anos; e “ajuda” sua mãe com as tarefas domésticas, desde os 7 anos.		Não trabalha
Não encontrada										
DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	EMPREGO ATUAL	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	MORADIA	FILHOS	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR
10/06/2006	Vera	33	Separada	Fez até a 2ª série do Ensino Médio	Doméstica	Nasceu em Itaitê (BA) e veio para Campinas (SP) em 1993	“Própria”	2 filhas	Pai criador de gado e Mãe dona-de-casa	Desde pequena, “ajudava” sua mãe em casa; aos 32 anos começou a “trabalhar” de doméstica.

TABELA 6: LUCIANO (ADOLESCENTE); ROSE (MÃE); E CLÁUDIO (PAI).

DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	SÉRIE DE ENSINO CURSANDO	O QUE QUER SE QUANDO CRESCER	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	JÁ TRABALHOU	TRABALHO ATUAL	
18/11/2005	Luciano	14	Solteiro	7ª série do E. Fundamental	Engenheiro ou Mecânico de Automóvel	Nasceu em Poços de Caldas (MG) e veio para Campinas (SP) em 2003	Pai mecânico e Mãe desempregada	Sim, limpando chácaras; e "ajuda" seu pai na oficina mecânica, recebendo pela atividade que realiza.	Não trabalha	
05/12/2009	Luciano	17	Solteiro	Parou de estudar na 1ª série do E. Médio	Não sabe	Nasceu em Poços de Caldas (MG) e veio para Campinas (SP) em 2003	Pai mecânico e Mãe desempregada		Não possui "serviço fixo" e trabalha alguns dias na semana com jardinagem e servente de obra.	
DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	EMPREGO ATUAL	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	MORADIA	FILHOS	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR
13/05/2006	Rose	41	Casada	Fez até a 2ª série do Ensino Fundamental	Desempregada	Nasceu em Poços de Caldas (MG) e veio para Campinas (SP) em 2003	Alugada	1 filho	Pai lavrador e Mãe dona-de-casa e lavradora	Aos 9 anos "trabalhava" de doméstica em São Paulo.
29/05/2006	Cláudio	41	Casado	Fez até a 5ª série do Ensino Fundamental	Mecânico de automóveis	Nasceu em Campestre (MG), viveu em Poços de Caldas (MG) e veio para Campinas (SP) em 2003	Alugada	1 filho	Pai caminhoneiro e mãe dona-de-casa	Aos 12 anos "trabalhava" de mecânico.

TABELA 7: JOÃO PAULO (ADOLESCENTE); NEUSA (MÃE).

DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	SÉRIE DE ENSINO CURSANDO	O QUE QUER SE QUANDO CRESCER	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	JÁ TRABALHOU	TRABALHO ATUAL	
11/11/2005	João Paulo	14	Solteiro	7ª série do E. Fundamental	Piloto de Avião	Nasceu em Campinas (SP)	Mãe doméstica	Sim, “trabalhou” com o pai vendendo flores, quando tinha 11 anos; “trabalhou” entregando panfleto em semáforo, aos 13 anos; e “ajuda” com as tarefas domésticas de sua casa.	Não trabalha	
05/12/2009	João Paulo	18	Solteiro	1ª série do E. Médio	Mexer com gastronomia e montar um restaurante	Nasceu em Campinas (SP)	Mãe atendente de um depósito de construção		Operador de Caixa e Repositor em um mercado	
DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	EMPREGO ATUAL	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	MORADIA	FILHOS	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR
10/06/2006	Neusa	41	Separada	Fez até a 5ª série do Ensino Fundamental	Doméstica	Nasceu em Campinas (SP)	Emprestada	2 filhos e 1 filha	Pai e Mãe Lavradores	Aos 9 anos “ajudava” a mãe na lavoura.

TABELA 8: WESLEY (ADOLESCENTE); SILVIA (MADRASTA); EDVALDO (PAI).

DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	SÉRIE DE ENSINO CURSANDO	O QUE QUER SE QUANDO CRESCER	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	JÁ TRABALHOU	TRABALHO ATUAL	
31/05/2006	Wesley	14	Solteiro	6ª série do E. Fundamental	Policial	Nasceu em Jundiá do Sul (PN) e veio para Campinas (SP) em 2006	Pai pedreiro e Madrasta faxineira	Sim, “trabalha” atualmente “lavando pedras e carros” desde os 13 anos; e “ajuda” com as tarefas domésticas de sua casa.	Não trabalha	
09/01/2010	Wesley	17	Solteiro	Parou de estudar na 1ª série do E. Médio	Policial	Nasceu em Jundiá do Sul (PN) e veio para Campinas (SP) em 2006	Pai pedreiro e Mãe Biológica faxineira		Separador de frutas, verduras e legumes em um sítio	
DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	EMPREGO ATUAL	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	MORADIA	FILHOS	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR
10/06/2006	Silvia	38	Casada	Cursando a 1ª série do Ensino Médio (supletivo)	Faxineira	Nasceu em Ribeirão do Pinhal (PN) e veio para Campinas (SP) em 1998	Alugada	1 filho, 2 filhas, 1 enteado 1 enteada	Pai e Mãe Lavradores	Aos 7 anos “trabalhava” na roça “ajudando sua mãe”.
10/06/2006	Edvaldo	38	Casado	Concluiu o Ensino Fundamental	Pedreiro	Nasceu em Ribeirão do Pinhal (PN) e veio para Campinas (SP) em 1994	Alugada	1 filho, 1 filha e 2 enteadas 1 enteado	Pai “retireiro” (ordenhava vacas) e Mãe dona-de-casa	Aos 7 anos “trabalhava” na cocheira, “ajudando” seu pai a ordenhar as vacas.

TABELA 9: JOSÉ ROBERTO (ADOLESCENTE); VITÓRIA MARIA (MÃE); ALBERTO (PAI).

DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	SÉRIE DE ENSINO CURSANDO	O QUE QUER SE QUANDO CRESCER	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	JÁ TRABALHOU		TRABALHO ATUAL
19/05/2006	José Roberto	13	Solteiro	6ª série do E. Fundamental	Elaborar jogos de tecnologia 3D	Nasceu em Campinas (SP)	Pai pedreiro e Mãe dona-de-casa	Sim, “trabalhou” “ajudando” seu pai como auxiliar de pedreiro, quando tinha 12 anos; e “ajuda” sua mãe com as tarefas domésticas, desde os 7 anos.		Não trabalha
10/12/2009	José Roberto	16	Solteiro	8ª série do E. Fundamental	Mexer com computador	Nasceu em Campinas (SP)	Pai pedreiro e Mãe dona-de-casa			Não trabalha
DATA DA ENTREVISTA	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	EMPREGO ATUAL	MOBILIDADE GEOGRÁFICA	MORADIA	FILHOS	ORIGEM SOCIAL E FAMILIAR	IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR
	Vitória ¹ Maria									
29/05/2006	Alberto	39	Casado	Fez até a 3ª série do Ensino Fundamental	Pedreiro	Nasceu na Paraíba, viveu no Ceará e veio para Campinas (SP) em 1988	Alugada	2 filhos e 1 filha	Pai lavrador e Mãe dona-de-casa	Aos 7 anos “trabalhava” na roça, “ajudando” seu pai.

¹ As entrevistas com Vitória Maria e de mais um grupo familiar, foram realizadas, porém, não colocoarei suas informações neste trabalho, pois, por motivos “técnicos” houve a perda dos dados da entrevista com a Vitória Maria e deste outro grupo familiar. Infelizmente, ao deixar a entrevista sendo processada (transferida de um MD para um CD) no setor denominado Multimeios da Faculdade de Educação, os dados foram perdidos.

Diante disso serão apresentadas algumas questões que envolvem a construção dessas trajetórias, tais como (i) a história da inicialização dos pais no trabalho e (ii) as experiências de amigos como importantes fatores para responder o problema proposto.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro será tratado sobre a construção da trajetória social a partir de decisões tomadas pelos adolescentes na relação com a família e com os amigos.

No segundo serão apresentados os investimentos que as famílias fazem para prolongarem o tempo de estudo e retardarem a entrada de seus jovens no mercado de trabalho e, com isso, visualizar como se dá a construção das percepções de estudo e trabalho nessa trajetória.

Finalmente, no terceiro capítulo propõe-se analisar as experiências passadas vividas pelos pais dos adolescentes a fim de tentar compreender a forma como isso os influencia nas decisões no presente para a continuidade ou mudança de sua condição sócio-econômica. E, na conclusão serão retomados os pontos principais tratados nesta dissertação compreendendo que este assunto não se esgota aqui.

Todos os capítulos serão antecedidos por uma história de família. A escolha pelas histórias se deu em função das trajetórias traçadas pelos filhos (jovens entrevistados nesta pesquisa). As famílias escolhidas representam de alguma forma as outras tratadas também ao longo dessa dissertação por meio de trajetórias semelhantes, de pobreza, trabalho na infância e falta de estudos.

Os trechos das entrevistas utilizados ao longo de toda a dissertação serão identificados pelas iniciais dos nomes fictícios dos entrevistados e pela inicial do nome da pesquisadora (A).

CAPÍTULO I

TRAJETÓRIA SOCIAL: CONSTRUINDO OPINIÕES E TOMANDO DECISÕES

História de Família: Wesley, Edvaldo e Silvia

A família de Wesley em Campinas-SP é formada por seu pai Edvaldo, sua madrasta Silvia e duas “meias-irmãs”. Edvaldo e Silvia possuem histórias e trajetórias semelhantes com relação ao trabalho na infância e dificuldade financeira familiar; e diferentes com relação a oportunidades de estudo. Cada qual com sua história, formas de pensar e atitudes influenciou o “rumo” que Wesley seguiria futuramente. Atualmente Wesley não mora com nenhum de seus familiares, abandonou os estudos e trabalha em um sítio localizado em Barão Geraldo, distrito de Campinas-SP. A seguir, serão apresentadas as histórias de vida de Edvaldo e Silvia na tentativa de compreender as decisões tomadas por Wesley.

Edvaldo é um homem nascido dia 10 de Julho de 1967 em Ribeirão do Pinhal-PN. Quando criança, morava com os pais e mais dez irmãos e duas irmãs. Edvaldo era o mais velho entre seus irmãos. A família morava em uma fazenda onde seu pai trabalhava registrado de “retireiro”, denominação dada ao trabalho de retirar o leite da vaca. Todo o leite que seu pai retirava das vacas era entregue para o dono da fazenda.

Seu pai também cuidava do gado deste fazendeiro. Segundo Edvaldo, sua mãe “nunca trabalhou”, era “só dona-de-casa”. Por ter muitos filhos, sua mãe “só cuidava da casa”.

Seu pai tinha duas cabeças de gado doadas pelo fazendeiro, que conforme passavam os anos, dava uma cabeça de gado aos funcionários. Entretanto, as “criações” de seu pai não duraram muito tempo. Numa época difícil, seu pai teve que vender o gado para pagar um tratamento médico a Edvaldo, que quando pequeno tinha um problema no “cérebro”.

Edvaldo começou a trabalhar aos 7 anos de idade. Seu pai “era sozinho para poder trabalhar”, então pedia a ele e aos outros filhos que o ajudassem. Diariamente, Edvaldo saía, às 3 horas da manhã de sua casa, para a “cocheira” ajudar seu pai, que retirava o leite das vacas à mão. Edvaldo e os irmãos ficavam encarregados de abrir a porteira para soltar as vacas ordenhadas por seu pai.

Quanto mais Edvaldo ficava na cocheira, mais aprendia os serviços “pesados”, como cuidar das vacas, “apartar os bezerros”, etc. Edvaldo começou a ordenhar as vacas entre 12 e 15 anos de idade. Naquele tempo isso lhe parecia muito normal, já que estava aprendendo um trabalho/ função. Mas não gostava muito de fazer isso, porque se achava muito “novo” para fazer tal atividade.

Conta Edvaldo que na época não compreendia muito bem o quê era “serviço”/ trabalho. Seu pai simplesmente pedia para ele e os irmãos o ajudarem com a cocheira, e se um deles se recusasse a ajudá-lo, seu pai batia em todos.

Para Edvaldo, seu pai “era daqueles mineiros bem bravos mesmo”. Naquele tempo os pais não criavam os filhos como eles são criados hoje. Os pais “maltratavam” os filhos (batiam e xingavam). Edvaldo não concordava com tal prática, mas se conformava: “ia fazer o quê? Pai é pai”. Quando fazia qualquer “coisa errada”, seu pai batia “pra ver se aprendia”. Bateria para não “fazer mais coisa errada”.

Atualmente, Edvaldo não transmite isso aos seus filhos. “Hoje em dia é diferente, se um pai bate em um filho, ele vai e denuncia o pai”. Além disso, se questiona: “vai bater por quê?”. O que Edvaldo faz é aconselhar, se seus filhos não seguirem os conselhos, eles irão se “machucar”.

Quanto às tarefas domésticas de sua casa, Edvaldo dificilmente ajudava porque tinha sua mãe e suas irmãs. Como já fazia o serviço fora de casa, sua mãe nunca mandava ele fazer nada dentro de casa (limpeza).

Edvaldo quando criança tinha a seguinte rotina: “ajudava” seu pai na parte da manhã e a tarde ia para a escola. Ele entrou na escola aos 7 anos de idade e cursou até a oitava série do Ensino Fundamental. Edvaldo gostava de estudar, mas não continuou os estudos porque morava distante da “cidade” e ficava difícil a sua locomoção.

Atualmente Edvaldo pensa em voltar a estudar no período noturno, mas sempre acaba desanimando após um dia cansado de serviço.

Edvaldo parou de estudar aos 22 anos de idade. Sua trajetória escolar é marcada por reprovações e esforço. Apesar das dificuldades ele insistia nos estudos pensando que assim conseguiria um serviço melhor no futuro. Pensou “errado”, segundo ele. Passados os anos, só conseguiu serviço pesado, serviço em lavoura.

Edvaldo quando morava com os pais, raramente pedia dinheiro a eles. E quando pedia, quase sempre lhe era negado. Se insistissem, apanhavam.

Aos 18 anos de idade, Edvaldo resolveu sair de casa para “conhecer o mundo”. Neste momento parou de ajudar o seu pai na cocheira e um irmão mais novo o substituiu. Seu pai nunca ficou sozinho fazendo o serviço dele. E assim cada filho que partia, outro o substituía.

Ao sair de casa, Edvaldo foi morar em Curitiba-PN com a intenção de encontrar um emprego. Morou por oito anos na casa de uma tia. E uma vez por mês visitava sua mãe em sua cidade natal.

Edvaldo trabalhou pela primeira vez fora de casa com aproximadamente 18 anos de idade. Seu primeiro emprego foi de manobrista em um estacionamento. Com o dinheiro que recebia ajudava sua tia, com quem morava, às vezes enviava dinheiro para sua mãe e o que sobrava comprava “algumas coisas” para si mesmo.

Após esse tempo, Edvaldo voltou para a sua cidade natal e passou a morar no sítio de seu padrinho e não mais na casa de seus pais.

Edvaldo decidiu ir para Campinas-SP porque no Paraná o serviço era “muito pesado” (referindo-se a lavoura). Resolveu ir para a “cidade grande” à procura de um emprego melhor e com melhor salário. A princípio veio passear na casa de um irmão, que lhe arrumou um serviço e atualmente faz mais de doze anos que está na cidade.

Edvaldo retorna ao Paraná apenas para passear. Ele não pensa em voltar a morar lá novamente, porque acha que Campinas é uma cidade “muito boa”, “em termos de serviço, é melhor que lá”. Quando morava no Paraná, tinha vezes que ficava até um mês sem trabalhar, já em Campinas-SP, é muito difícil ele ficar “parado” mais de um dia. “Não falta serviço não”.

Edvaldo, sua esposa, suas duas enteadas (uma de 11 e outra de 12 anos de idade) e o filho moram há quatro anos na atual casa no Alto da Cidade Universitária. Antes de morarem neste bairro, moraram no “Village”, e já passaram pelas cidades de Valinhos-SP, Jaguariúna-SP e Amparo-SP. Mudam de cidade em busca de aluguéis mais baratos. Todas as vezes que eles mudaram, Edvaldo já tinha um emprego na cidade.

Edvaldo hoje é pedreiro. Diariamente seu patrão lhe busca próximo de sua casa. Ele trabalha de segunda a sexta das 8 horas da manhã até às 17 horas. Muitas vezes aparecem

alguns “bicos” para fazer aos finais de semana, “geralmente coisinha pequena”. Edvaldo está neste emprego há cinco anos e disse que só fica “parado”, quando o trabalho “está fraco”, e seu patrão precisa dispensar algumas pessoas porque não consegue pagá-las. Durante esse período, Edvaldo procura pequenos serviços, e depois volta a trabalhar para seu patrão. Assim, Edvaldo trabalha para o seu patrão e às vezes “por conta”. Ele recebe o salário quinzenalmente que no final do mês soma R\$ 800,00. Comparando com o tempo em que morava no Paraná e considerando que em Campinas-SP a alimentação é mais cara, Edvaldo fica “contente” com o que “ganha”.

Com o que recebe paga as contas, de água, luz, aluguel (R\$ 210,00), etc. Atualmente em sua casa trabalham ele e a esposa. Também tem seu filho, Wesley, que trabalha na parte da manhã e estuda na parte da tarde. Edvaldo acha bom o filho trabalhar pra ele não ficar “parado, andando na rua, dando o quê falar para os outros. Então vai trabalhar!”. Para Edvaldo, enquanto seu filho fica “entretido” no serviço, ele não fica fazendo “coisa errada”. Também acha bom que sua esposa trabalhe, pois assim ele não precisa “sustentar” a família sozinho.

Dentre os que trabalham na casa, cada um fica com o próprio dinheiro. Porém, as contas são divididas e quem tem dinheiro ajuda a pagar.

Edvaldo gosta do serviço que faz porque já se acostumou, e segundo ele “só sabe fazer isso”. Aprendeu a função observando as outras pessoas trabalhando. Faz dois anos que trabalha de pedreiro, anteriormente era ajudante de pedreiro. A diferença entre as duas funções é que o ajudante serve o pedreiro (bater massa, dar tijolo para o pedreiro, etc). Edvaldo prefere ser pedreiro porque o serviço de ajudante é mais pesado que o de pedreiro.

Edvaldo trabalha sem carteira assinada, e disse que só mudaria de emprego se fosse registrado em carteira. Ele acha “péssimo” trabalhar sem ser registrado, porque quando envelhecer não terá aposentadoria, já que “não paga INSS, não paga nada”. Então não terá benefício algum. Ele se preocupa com isso, porque quando estiver com 60/65 anos de idade, não terá nada. E enquanto “estiver agüentando”, terá que trabalhar. Edvaldo já “distribuiu currículo em firma”, mas nunca foi chamado. Afirma ainda que só aceitaria um emprego registrado, se o salário permitisse manter uma casa e sua família.

Segundo Edvaldo, seus filhos ajudam na faxina de sua casa e “brincam o dia inteiro”. O serviço doméstico, geralmente quem faz são suas enteadas, porque seu filho é

“mais preguiçoso”. Disse que quando seu filho não tem nada para fazer, vai na casa dos amigos. Porém, quando precisa, ele ajuda. Ele e a esposa pedem para os filhos ajudar, porque chegam em casa cansados do trabalho. Edvaldo acha bom que eles ajudem em casa para irem aprendendo a fazer as “coisas”, porque pelo menos cresce já sabendo como fazer o serviço de casa.

Edvaldo faz de tudo em sua casa, limpa a casa, lava a louça, lava as roupas, etc. Sua mãe foi quem o ensinou a fazer os serviços de casa quando ainda era pequeno (entre 5 e 6 anos de idade). Ele ajuda a esposa porque se sente no dever de ajudá-la já que ela também trabalha fora de casa. Para ele isso “normal”.

Quanto à escola de seus filhos, Edvaldo sempre que pode vai às reuniões. Sua esposa é quem mais participa das reuniões escolares, inclusive faz parte do conselho da escola. Então sempre lhe informa sobre a educação dos filhos. Segundo Edvaldo, seus filhos estão indo bem na escola. Quando seus filhos estão indo mal na escola, ele e sua esposa dizem apenas para estudarem mais e conseguir melhores notas nas provas.

Edvaldo acredita que o estudo é muito importante na vida das pessoas, para serem “alguém na vida”. As pessoas precisam estudar para ser um bom professor, um bom médico, etc. Como ele e a esposa não têm condições para pagar os estudos de seus filhos, pedem para eles se esforçarem para “pegar um serviço melhor”. Para ele, um “serviço melhor” seria, “tirando o serviço de obra e construção”, trabalhar no supermercado, no escritório, etc. Para ele esses serviços são melhores, porque são mais “aliviados”, “menos cansativos”, “embora trabalhem a mesma coisa”, não fazem muita força. Para Edvaldo, trabalhar é sair de casa, ir para o serviço e ganhar seu dinheiro.

Seus filhos não recebem mesada, mas pedem dinheiro para ele e a esposa, que geralmente dão. Quando Edvaldo não tem dinheiro, simplesmente diz que não tem para dar a eles.

Edvaldo espera que o futuro de seus filhos seja bom. Que eles cresçam, vão trabalhar, ganhar o próprio dinheiro e que vivam bem. Para ele, não dá para falar em um bom futuro, porque um bom futuro para a “classe” deles, “só acertando na esportiva mesmo”.

Ao longo do resumo da vida de Edvaldo pode-se notar mudanças e continuidades para o presente e futuro. Mudanças geracionais, como por exemplo, a não concordância

com seu pai em agredir os filhos. A preferência pelos estudos de seus filhos a terem que trabalhar. Entretanto, a visão de que é melhor os filhos terem alguma atividade laboral a ficar na rua “vadiando” permanece entre as gerações ou no sentido deles aprenderem e se prepararem para a vida.

Passemos agora para a história de Silvia.

Silvia é uma mulher nascida dia 13 de janeiro de 1968 em Ribeirão do Pinhal, estado do Paraná. Antes de vir para Campinas-SP, morou 16 anos em Santa Cruz do Rio Pardo-SP. Depois do tempo que passou nesta cidade, retornou para o Paraná, quando já tinha seus três filhos. Após dois anos morando no Paraná, Silvia mudou-se para Campinas-SP. Faz oito anos que mora em Campinas com Edvaldo. Apesar de suas famílias serem vizinha no Paraná, não tinham conhecimento um do outro. Quando ela e Edvaldo se conheceram vieram morar em Campinas-SP.

Quando criança, morava com seus pais e quatro irmãos. Eram em sete pessoas ao todo na casa. Todos trabalhavam exceto uma irmã e um irmão que tinham se casado. Segundo Silvia, sua irmã se casou aos 16 anos de idade “com um aposentado quarenta anos mais velho que ela” porque queria “sair da vida dura que levava.

Conta Silvia que quando se “conheceu por gente” moravam ela, os pais e mais dois irmãos. Nesta época trabalhavam ela, a mãe e os irmãos. Seu pai não trabalhava porque tinha a doença de Chagas e não podia fazer esforço físico. Depois, um de seus outros irmãos casou, e trouxe a esposa para morar com seus pais. Passaram, então, a morar em sua casa, ela, seus pais, seus dois irmãos, a cunhada e o sobrinho.

Silvia trabalha desde os sete anos de idade na roça, ajudando sua mãe. Sua mãe, quando ia para a roça, levava todos os filhos com ela. Diariamente trabalhavam das 4 horas da manhã até às 19 horas na lavoura de café.

Para Silvia, trabalhar na lavoura é muito “sacrificado”. Entretanto, quando moravam na fazenda a lavoura era “mais fácil”. Isso porque quando tiveram que se mudar para a “cidade”, as “coisas” ficaram mais difíceis, já que não tinha opção de emprego, ainda mais para quem não tinham estudo como ela e a família. Neste instante passaram a “enfrentar” o “famoso caminhão de bóia-fria”.

Diariamente saiam de casa todos os dias de madrugada e só voltavam a noite da lavoura. Foi isso que fez a “vida inteira”.

Silvia parou de trabalhar na lavoura por volta dos 30 anos de idade.

Quando criança Silvia revela que ela e os irmãos “levavam” a roça como uma brincadeira, mas sabiam que era um trabalho. Sua mãe era empregada de uma fazenda e os filhos a ajudavam na lavoura para o trabalho render mais, porque quanto mais ela colhesse, mais dinheiro recebia. O salário mal dava para “suprir” as “necessidades” da casa. Só ganhavam para comer. Quando passaram a pagar aluguel, as coisas pioraram...

Silvia, quando era pequena, também ajudava no trabalho doméstico de sua casa.

Silvia e os irmãos não estudaram na infância.

Segundo Silvia, ela e os irmãos não tiveram condições de estudar porque sua família sempre morou nas “beiras de rio”, “naqueles buracos”, “em sítios sem fim”, “em casas feitas de chão e sapé”, e só tinha escola na cidade. Morando distantes da cidade ela e os irmãos não tinham condições nem condução para ir para até a escola. Os patrões tinham como levá-los até a escola, mas o transporte era reservado apenas para os seus filhos. “Empregado não precisava de estudo”.

Silvia não estudou na infância e adolescência. Mas resolveu estudar aos 30 anos de idade porque precisava de um emprego e a pessoa que estava oferecendo a vaga exigiu que ela estudasse. Iniciou então o supletivo.

Na época era um serviço que receberia um salário fixo mensalmente de R\$ 400,00, carteira assinada, convênio médico (Unimed), vale transporte (R\$ 80,00) e uma cesta básica por mês. Ela disse à patroa que faria o sacrifício de trabalhar e estudar, só para não perder o emprego.

Atualmente, Silvia concluiu o Ensino Fundamental.

Foi muito bom para ela estudar porque não sabia ler nem escrever. Atualmente, Silvia faz o Ensino Médio na Unicamp (supletivo). Segundo ela, é um supletivo diferente, porque ela estuda em casa e só vai para a Unicamp fazer as provas. Para ela, este modo é mais fácil porque economiza dinheiro com a condução, já que não precisa estar presente todos os dias na escola.

Além disso, Silvia ganhou um curso de informática de seu patrão, que reconheceu sua dedicação no trabalho e “sacrifício” que fazia de estudar à noite. Silvia concluiu o curso de informática em março de 2006.

Silvia acredita que o estudo é muito importante na vida das pessoas. Para ela, o estudo é “tudo”. Ela se utiliza como exemplo, porque não tinha estudo e não tinha nada. Hoje, ela tem um bom emprego, mesmo não tendo um “bom grau de estudo” porque fez o supletivo, segundo ela, um “resumão”.

Silvia sempre diz às “filhas” que o principal na vida das pessoas é estudar. Segundo ela, estudando a vida já é difícil, sem estudar fica pior. Ela vê as pessoas “estudadas” e formadas “padecendo”, porque o “mercado de trabalho” e a “concorrência” estão muito difíceis.

Quanto mais pessoas desempregadas estão procurando emprego, mais difícil fica para quem não tem estudos, conseguir um bom emprego. Segundo Silvia, quem não tem estudo fica sem opção de escolha, porque tudo é muito seletivo. Por exemplo, para ser faxineira, “eles” (empregadores) estão pedindo o segundo grau. Assim, para ela foi muito importante estudar porque do contrário, não estaria trabalhando. Mesmo no serviço “pesado” e “difícil”, não teria condições.

Atualmente, Silvia trabalha como faxineira em um Condomínio de Barão Geraldo, distrito municipal de Campinas-SP. Ela cuida da parte de limpeza do escritório, salão de festa, refeitório, guaritas, etc. Além disso, faz o café para os funcionários. Silvia gosta do serviço que faz, porque na época em que começou a trabalhar não tinha opção de emprego, já que sempre trabalhou na roça.

Assim, fazer a limpeza era algo que poderia fazer sem problemas, pois já estava acostumada a limpar sua casa quando pequena. Ela não teve dificuldade, mas mexer com limpeza é um serviço “pesado”, e muitas vezes precisa mexer com “produtos químicos”. Também acha o horário “pesado”, porque tem que sair de casa todos os dias às 5h30min da manhã. Ela conclui que não tem “profissão”, mas este é um serviço que sabe fazer.

Além deste emprego no Condomínio, Silvia trabalha três vezes por semana das 15h 30min até às 20 horas, de faxineira na casa de uma “esteticista”, dentro do próprio Condomínio. Esta mulher, paga R\$ 5,00 por hora trabalhada. Silvia disse que “tira” entre R\$ 15,00 a R\$ 20,00 por dia trabalhado.

Silvia recebe R\$ 600,00 por mês. Para ela, este é um bom salário, mas a despesa com a casa e a família, acaba sendo maior. Se fosse para pagar todas as despesas que tem com a casa, o salário não daria. Isso sem contar os descontos que tem do salário. Silvia

disse que chega a receber “livre”, R\$ 370,00, incluindo a hora extra de trabalho, porque o “resto” do salário é “descontado” com os impostos e o convênio médico.

Para Silvia, as pessoas podem começar a trabalhar cedo, desde que não atrapalhe os estudos. Se não tivesse que trabalhar “tão cedo”, ela poderia ter estudado antes. Para ela, a partir dos 14 anos de idade, dependendo do serviço, as pessoas já podem começar a trabalhar. Desde que não seja um “serviço pesado” e que não ocupe o dia inteiro da pessoa. Para ela, “serviço pesado” é aquele que seu marido faz (pedreiro).

Silvia acredita que para um “adolescente” que ainda “não tem profissão”, ser “acompanhante” em uma casa de família seria um bom trabalho. Como no caso de Wesley. Ele trabalha com um “senhor de idade”, aliás, três: seu patrão, a esposa e o pai dele. Segundo Silvia, estes idosos “utilizam” de Wesley para tudo: limpar o quintal, lavar a calçada etc. Segundo ela, são “servicinhos leves”, mas que os idosos não podem fazer. Eles não têm condições físicas para fazer, mas tem condições financeiras para pagar alguém que faça. Assim, ter um “menino” na casa deles é uma “maravilha”.

Segundo Silvia, Wesley é “acompanhante” de idosos. Muitas vezes, quando querem almoçar fora de casa, pedem para Wesley os acompanhar. Para Silvia, isso que Wesley faz não é um serviço “pesado”, “ele não faz praticamente nada”, apenas “companhia”. Também o salário que recebe “não é dos piores”. “ganha R\$ 5,00 por hora para acompanhar o veio [sic]”.

O patrão de Wesley já o ensinou a fazer muitas “coisas”. Segundo Silvia, conforme Wesley for estudando, mais para frente terá uma profissão, mas esta profissão pode conseguir já neste emprego.

Segundo Silvia, é cansativo para o Wesley estudar e trabalhar. Porém, no sábado quando poderia estar brincando de “bola” com os colegas, “prefere” trabalhar e ganhando o seu próprio “dinheirinho”.

Silvia não “obrigou” Wesley a trabalhar, mas o “convenceu” para ser um a menos a depender dela e do marido. Além disso, para Wesley “é pior por ser homem e adolescente”, já que “uma hora quer ir no shopping, outra hora quer sair com os amigos, quer ir numa lanchonete” e às vezes ela e o marido não têm dinheiro para dar a ele.

Então, quando apareceu o serviço no Condomínio, ela perguntou se Wesley gostaria de trabalhar. Perguntou a ele se preferia esperar para quando ela e o marido tivesse um

dinheiro para dar à ele, ou se ele preferia fazer um “sacrificozinho” e trabalhar meio período e estudar o outro meio período, e assim ter seu próprio dinheiro para fazer o que quisesse. Wesley então decidiu trabalhar.

Em seguida Silvia conversou com o senhor que lhe havia procurado sobre a possibilidade de Wesley trabalhar para ele e acertou o emprego para o menino.

Com relação aos serviços de casa, Silvia afirmou que seus filhos ajudam quando não têm nenhuma lição da escola para fazer. Silvia sempre dá o tempo necessário para fazerem as lições da escola, antes de ajudarem com a limpeza de casa.

Para ela, seus filhos não entendem muito a condição financeira da família. Mesmo assim, Silvia se “cobra” muito para poder dar uma vida melhor à “elas”. Ela quer dar o melhor para suas “filhas”.

Silvia disse que quando dá dinheiro para os filhos, não cobra nada por isso. Entretanto, neste momento Silvia não está tendo dinheiro para dar para as “filhas”, porque está pagando a SETEC (Serviços Técnicos Gerais de Campinas) pela “gaveta” de seu filho (R\$ 5.000,00), falecido. Disse que para quem recebe R\$ 500,00 por mês, é um valor “pesado”. Ela paga prestações de R\$ 100,00 por mês para a SETEC, pela “gaveta”. No último mês, as contas se apertaram, porque precisou fazer a remoção do corpo de seu filho e para isso lhe cobraram mais R\$ 280,00. Ela deixou de pagar algumas contas para pagar a remoção do corpo de seu filho. Por mais que pague as prestações e a remoção, para ela, não há dinheiro no mundo que pague este serviço.

Silvia espera que o futuro de suas filhas, não seja nem um “pouquinho” do que foi a sua vida. Espera que no mínimo tenham uma “profissão”.

Silvia conta que quando seu filho era vivo, queria ser veterinário. Segundo ela a faculdade de veterinária é uma das mais caras que existe, mas ele pretendia fazer. Por isso, começou a trabalhar aos 13 anos de idade, na manutenção de piscinas no mesmo Condomínio onde ela trabalha, e juntar dinheiro para fazer a faculdade. Na época, ele trabalhava oito horas por dia e estudava à noite. Além de juntar dinheiro ele ainda ajudou Silvia, quando Edvaldo estava doente e não podia trabalhar. Depois, seu filho veio a falecer. Silvia disse que o dinheiro que seu filho juntou não serviu para fazer a faculdade que tanto queria, mas para pagar seu próprio “enterro”.

Silvia sonha em ter uma casa própria. Segundo ela, “é terrível” pagar aluguel “a vida inteira”. Disse se esforçar para ter a própria casa, o próprio carro, porque está “tirando” sua habilitação para dirigir. Para “sobrar” mais dinheiro, ela vai e volta a pé do trabalho. Anda por volta de 40 minutos. O dinheiro do vale transporte, Silvia disse que vai para o orçamento da casa.

No ano de 2010, Edvaldo e Silvia estão separados e moram em outros locais da cidade de Campinas-SP.

A trajetória de vida de Silvia revela como suas experiências influenciaram na forma dela pensar a atualidade para os seus filhos: o que é bom para eles e o que não é. O fato de Wesley ter parado de estudar para trabalhar pode estar associado àquilo que ele viveu em família, o modo de a família pensar o que é melhor para seus membros.

Partindo do objetivo desta dissertação: responder como os adolescentes constroem suas trajetórias; propõe-se neste capítulo investigar os vínculos iniciais na vida dos indivíduos com a hipótese de que esses vínculos constituem uma base sólida na formulação das percepções e na motivação para fazer escolhas e traçar possíveis trajetórias de vida.

Para isso, será focada a participação de dois grupos de indivíduos presentes no cotidiano dos adolescentes que, cada qual com suas características, colaboram para a construção das percepções de trabalho e influenciam nas tomadas de decisões feitas pelos adolescentes: a família e os amigos.

A trajetória social é constituída a partir da história de vida dos indivíduos e de suas experiências. Além disso, conta com as vivências e trajetórias de pessoas próximas que contribuem para a formação de opiniões, tomadas de decisões e na projeção de possíveis futuros.

Destarte, tem-se que a trajetória social de um indivíduo é formada por experiências próprias e aquelas de origens familiares, escolares e profissionais; traçadas e vividas tanto pelo indivíduo quanto por outras pessoas de seu convívio. Está também relacionada com o processo de construção de biografia pelo indivíduo, composto por visões de si e do mundo.

Assim, esta pesquisa está ancorada principalmente nas experiências educativas dos indivíduos e nas fronteiras sociais construídas a partir delas. Essa noção de experiência remete à pluralidade de contextos, situações e percursos no qual a educação, no sentido amplo do termo, tem papel central.

Pretende-se, portanto, apresentar os efeitos das experiências educativas sobre a construção e a redefinição de fronteiras entre um grupo social específico com relação à questão do trabalho infantil e juvenil. Considerar-se-á principalmente as dimensões das experiências educativas das famílias e dos adolescentes e as estruturas sociais que os envolvem, tais como: as amizades, o bairro, as associações, a igreja, a escola, os professores, as mídias entre outros.

Vale lembrar que nessa perspectiva, uma das hipóteses deste trabalho é de não haver influência ou determinação exclusivas de uma dimensão sobre a outra, mas sim que elas sejam construídas e reformuladas a partir de ações e reações dos agentes sociais às suas condições de vida.

A seguir será apresentada a presença da família e dos amigos na vida dos adolescentes em diferentes momentos de suas vidas. Nos subtítulos que se seguem tratar-se-á da relação da família e do círculo de amigos e da maneira como influenciam a vida dos adolescentes na construção de percepções sobre trabalho e estudo, bem como nas decisões e escolhas que fazem e que permeiam a construção de sua biografia e trajetórias.

1.1. Relações Familiares

A relação construída entre os pais e os filhos faz parte do processo de construção formativa dos indivíduos. As práticas educativas implementadas pelas famílias tem importante papel no processo de constituição formativa de suas crianças. Para tanto, nesta dissertação serão consideradas práticas educativas familiares, as “(...) ações contínuas e habituais, realizadas pelos membros mais velhos da família, nas trocas intersubjetivas, com o sentido de possibilitar a construção e apropriação de saberes, práticas e hábitos sociais pelos mais jovens, trazendo, em seu interior, uma compreensão e uma proposta de ser-no-mundo com o outro” (SZYMANSKI, 2001, p. 87).

Essas práticas educativas são formadas por ações que mostram o modo como os membros jovens dessas famílias são socializados, além de constituir forte laço com a construção da trajetória desses indivíduos. Nesse sentido, pode-se afirmar que a construção da trajetória é um processo relacional, elaborado reflexivamente em meio a trocas intersubjetivas, situado social e historicamente, com (i) uma orientação valorativa e afetiva,

referindo-se à experiência individual ou coletiva de ser si-mesmo ou de pertencer a um grupo social e com (ii) uma possibilidade de transformação ao longo da existência (SZYMANSKI, 2006; COHEN, 1995; GIDDENS, 1991; BRUNER, 1997).

Para tanto, a atual pesquisa deu uma principal importância ao caráter histórico das entrevistas realizadas principalmente com os pais e responsáveis pelos adolescentes, “considerando as suas diferentes temporalidades”, tendo em vista a busca de elementos do passado que contribuam para a compreensão do presente e para a percepção do próprio presente como algo em permanente transformação.

Nesse sentido tem-se a questão da reprodução e continuidade ou transformação das condições familiares. Essa questão é fundamental para se compreender como os filhos constroem suas percepções de trabalho e se estas estão relacionadas às experiências de seus pais, ou seja, filhos de pais que trabalharam na infância também entrarão no mercado de trabalho precocemente? Além disso, a condição sócio-econômica de famílias de baixa renda tende a um ciclo geracional? Conforme propõe os autores Castro e Castro (2002):

(...) o trabalho precoce é causa de transmissão de pobreza entre gerações, por gerar um ciclo vicioso: a pobreza atua como causa do trabalho precoce e este, por sua vez, constitui uma das causas da pobreza futura, uma vez que o trabalho precoce muitas vezes é incompatível com os estudos, e, a relação entre rendimentos futuros e grau de escolaridade está intimamente relacionada (p. 75).

Seguindo essa mesma linha, outros autores afirmam que muitas das crianças exploradas no trabalho são filhos de pais que também passaram por esta situação e não conseguiram interromper o círculo vicioso (NETO, NEVES & JAYME, 2002).

No caso das nove famílias entrevistadas nesta pesquisa, pode-se perceber uma melhora na condição de vida dessas pessoas. Considerando três gerações, avós, pais e filhos, sendo a trajetória dos avós narradas pelos pais, percebeu-se que o nível de escolaridade aumentou entre as gerações. Pelos dados das entrevistas não conseguiu-se saber se houve um aumento na renda dessas pessoas, porém, os dados revelaram que, para os pais entrevistados, a vida atual é muito melhor que a que seus pais tiveram:

Eu acho que o poder aquisitivo está melhor agora. É mais fácil conseguir as coisas do que antigamente (Madalena, 37 anos, professora, mãe de Gustavo).

A minha vida está boa. (...) Melhorou um pouco (Nilza, 39 anos, doméstica, mãe de Tiago).

Eu acredito que melhorou (Cláudio, 41 anos, mecânico de autos, pai de Luciano).

Eu acredito que hoje eu esteja um pouco melhor, porque naquela época era só o pai que trabalhava. Assim, ele trabalhava em firma e como a gente cultivava pra nós, o número de filhos era maior, a minha mãe não trabalhava, só fazia o serviço doméstico. Agora hoje eu trabalho, a minha esposa trabalha e o número de dependentes é menor. Então, eu acredito que hoje esteja melhor sim (Nailton, 36 anos, entregador de hortifruti, pai de Gustavo).

Outros, porém, acreditam que antigamente a condição de vida era melhor que a atual:

Era bem melhor do que hoje. (...) Porque o custo de vida era bem mais barato. Hoje é tudo caro. Eu mesmo aqui [Campinas] já passei dificuldade. Já passei dificuldade porque às vezes, não é todo dia que a gente tem o dinheiro. A gente conta com o dinheiro sim, mas está na mão dos outros. Às vezes o meu patrão paga certo, mas às vezes até ele receber de outro, demora pra pagar a gente também (Edvaldo, 38 anos, pedreiro, pai de Wesley).

Aqui [em Campinas] está um pouco mais difícil. Sabe, a cidade é sempre mais difícil, mas também não está tão ruim assim (Sebastião, 36 anos, pedreiro, padrasto de Tiago).

A percepção de melhoria de sua condição em relação a de seus pais se dá principalmente ao acesso a bens materiais e a conquistas próprias por meio de esforço pessoal. Com relação aos adolescentes essa percepção ainda não está muito bem definida, isso porque ainda dependem de seus pais financeiramente.

Por outro lado, os adolescentes sabem que a escolarização de seus pais é inferior à deles. A seguir, no trecho da entrevista de Vanessa, onde comenta que seu pai “não é uma pessoa estudada”, mesmo assim, é um exemplo de pessoa como pedreiro.

Eu acho que o serviço do meu pai é bom, porque você fica admirando, “nossa! como é que ele conseguiu fazer isso?” Porque meu pai não é uma pessoa estudada. Ele estudou até a quarta série, mas ele faz tudo. A vida foi ensinando pra ele. Que até pra ser pedreiro, tem que saber tudo de matemática, dividir, fazer tudo certinho (Vanessa, 13 anos, filha de Cleusa e Adoniram, primeira entrevista).

Nas primeiras entrevistas feitas com os adolescentes, entre 2005 e 2006, notou-se muito pouca participação dos amigos na vida social deles enquanto a presença dos familiares era muito forte.

A seguir, serão apresentados alguns trechos das entrevistas que retratam a participação da família e dos amigos na vida dos adolescentes com relação a espaços externos ao de suas casas. Neste caso foram feitas objetivamente as seguintes perguntas: Você sai? Pra onde? Com quem? Além dessas questões, foram feitas outras perguntas referentes aos amigos: Você sai com seus amigos? Pra onde?

Geralmente só vou com a minha mãe [ao cinema]. Eu não saio sozinho (Tiago, 13 anos, filho de Nilza e enteado de Sebastião, primeira entrevista).

Eu vou [ao shopping] com o meu pai e com a minha mãe (Gustavo, 13 anos, filho de Madalena e Nailton, primeira entrevista).

A: Com quem você sai geralmente?

V: Quando é com a minha irmã que está casada ela me leva, porque ela sai bastante com o marido dela. Com a minha prima também. Com meu pai, com a minha mãe.

A: E vocês vão a lugares diferentes? Por exemplo, com a sua mãe você vai pra um lugar, com a sua irmã você vai pra outro, ou não?

V: É. Com a minha irmã eu vou ao shopping. Com o meu pai e com a minha mãe, eu vou pra casa de alguém. Com a minha prima, eu vou no centro de Barão tomar um sorvete, comer um cachorro-quente (Vanessa, 13 anos, filha de Cleusa e Adoniram, primeira entrevista).

Saio [com os meus pais]. Vou ao centro, também ao shopping, na chácara, que às vezes eles alugam quando sobra um dinheiro (Luciano, 14 anos, filho de Rose e Cláudio, primeira entrevista).

A: Você sai com seus amigos?

J. P.: Não. Geralmente não. Às vezes eu vou na casa de alguém (João Paulo, 14 anos, filho de Neusa, primeira entrevista).

Pode-se afirmar que as primeiras percepções e opiniões são formadas principalmente no interior das famílias e, por serem dinâmicas, as relações que os indivíduos estabelecem com outros grupos sociais sofrem alterações ao longo do tempo.

Nesse sentido, conforme os indivíduos vão crescendo, mais e mais deixam para trás os grupos locais próximos, baseados na consanguinidade. O rompimento da coesão do grupo ocorre à medida que perdem suas funções protetoras e de controle. Antigamente, o envolvimento dos indivíduos com a família - grupo de parentesco - a comunidade local e outros grupos dessa natureza, era sem dúvida pela vida inteira. Porém, o que se observa nas sociedades atuais é a redução desse vínculo conforme os familiares tornam-se adultos (ELIAS, 1994).

1.2. Relações de amizade: bairro e escola

Na adolescência, de acordo com Ferreira & Garcia (2008) os amigos ocupam um lugar de destaque na vida social. Com os amigos, os adolescentes buscam ajuda e compartilham experiências (BERNDT, 1992), tornando-se sua fonte primária de companheirismo e intimidade (LAURSEN, 1996). Os adolescentes nomeiam “melhores amigos” aqueles associados a uma maior intimidade, companheirismo e confiança (AZMITIA, LIPPMAN & ITTEL, 1999). Na adolescência, amigos e pais constituem fontes de apoio diferenciadas (GRECO, PENDLEY, MCDONELL & REEVES, 2001).

Na segunda rodada de entrevistas feita com os adolescentes entre os anos de 2009 e 2010 percebeu-se uma maior participação e importância dada aos amigos em suas vidas, além de uma ampliação ou mudança dos espaços frequentados. Os lugares agora frequentados por eles não se resumem apenas aos bairros e ao shopping, mas se amplia inclusive para regiões fora da cidade. Por exemplo, no final de semana, quando Luciano sai, gosta de ir ao “pagode” ou algum “barzinho” com os amigos do bairro. Geralmente vão de carro para esses lugares, pois um dos amigos tem carro e todos dividem os gastos com o combustível. Luciano quando sai com os amigos gasta o dinheiro que ganha ao longo da semana fazendo “bicos”. A seguir, outros exemplos:

V: Antigamente eu ia muito ao shopping, mas agora eu vou pouco. Eu já fui no Clésio, um barzinho no Cambuí, em lanchonetes, no GA que fica no Nova Europa, perto da casa dos meus amigos, em festas. Na semana passada eu fui à Zoff em Indaiatuba, [agora] vou a lugares desse tipo.

A: E o que você faz no final de semana?

V: No sábado eu saio bastante com as minhas amigas e com os meus amigos **A:** Para onde você sai?

V: Em algum barzinho, ou alguma festa (Vanessa, 17 anos, filha de Cleusa e Adoniram, segunda entrevista).

Saio da escola, chego em casa, como alguma coisa e saio pra rua com os meus amigos do bairro (Tiago, 16 anos, filho de Nilza e enteado de Sebastião, segunda entrevista).

A: O que você gosta de fazer acompanhado?

F: Na maioria das vezes eu gosto de andar de skate com os meus amigos, ou então sai pra comer alguma coisa, comer um lanche, juntar todo mundo pra dar uma volta no bairro, andar de bicicleta (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista).

A: Pra onde você vai quando sai com seus amigos?

J. R.: A gente fica andando, a gente vai pra Unicamp (José Roberto, 16 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, segunda entrevista).

A: Quando você sai com os amigos, você vai pra onde?

J. P.: A gente vai pra algum barzinho ou então em racha, esses lugares assim (João Paulo, 18 anos, filho de Neusa, segunda entrevista).

A: o que você faz quando não faz nada?

W: Saio com os meus colegas, vou jogar uma bola, brincar de baralho, [jogar] sinuca (...) No final de semana eu saio com os meus colegas. A gente vai jogar uma bola, andar um pouco, ir pra casa dos colegas. (...) O que eu gosto de fazer sozinho? Eu quase não faço nada sozinho. Eu saio com os meus colegas, porque nós somos muito unidos. Onde um está o outro está também. A gente não fica um longe do outro (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

Nota-se nessas falas que os pais saem um pouco de cena da vida dos adolescentes e os amigos ganham destaque. Assim, na primeira rodada de entrevistas os adolescentes disseram frequentar o shopping principalmente com seus pais e hoje esse passeio ocorre em maior frequência com seus amigos. O que a maioria dos entrevistados apontou como atividade feita com os pais atualmente foi assistir à televisão. Além dos pais, ainda há outros familiares presentes em seu cotidiano social como irmãos e primos.

No final de semana que a minha irmã mais velha vai ao centro comprar alguma coisa eu vou junto. (...) Normalmente de sábado à noite eu saio tanto com a minha irmã quanto com os meus amigos (Vanessa, 17 anos, filha de Cleusa e Adoniram, segunda entrevista).

J. P.: Eu geral... Eu tomo um banho e vou andar de moto no Taquaral.

A: Você anda de moto sozinho ou acompanhado?

J. P.: Às vezes eu chamo meu primo, mas na maioria das vezes eu ando sozinho (João Paulo, 18 anos, filho de Neusa, segunda entrevista).

Estudos com adolescentes brasileiros indicam papel de destaque dos amigos em sua vida social. O modelo e os discursos de amizade estão muitas vezes associados aos ideais de fraternidade, sendo compreendidos em termos familiares. Esta associação configura uma significação familiarista da amizade, pautada na idéia de intimidade que privilegia processos de homogeneização e supressão das diferenças.

(...) a única que eu não perdi contato nenhum foi a Elis Marcela. Ela é uma irmã pra mim (Vanessa, 17 anos, filha de Cleusa e Adoniram, segunda entrevista).

Um aspecto importante da amizade é a não dominação na relação entre os agentes sociais. Para Gomes & Silva Júnior (2008) *apud* Kehl (2000) a amizade pode ser entendida enquanto um espaço de identificações horizontais dotado de poder de contestação e criatividade, configurando-se um lugar de práticas solidárias e de produção de linguagem - portanto, de cultura, capital social.

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de inter-conhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o re-conhecimento dessa proximidade. (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Nos relatos dos adolescentes sobre o que pensam de seus amigos percebe-se que são discursos pautados nas noções de convivência, proximidade, afinidade, intimidade e confiança, nos quais o amigo é um "outro eu", assimilável, havendo uma completa concordância. O amigo, nessas falas, é aquele com quem se pode conversar confiando sua intimidade e estabelecer uma relação de apoio e acolhimento, com o qual se pode contar em qualquer situação; além de ser aquele com quem é possível relacionar-se de forma horizontal, condição de igualdade política (GOMES & SILVA JÚNIOR, 2008 *apud* KEHL, 2000).

A: O que você acha dos seus amigos?

W: Eu acho bacana. Eles são pessoas importantes pra mim, inclusive quando eu entrei ali [no sítio], eles me ajudaram bastante. Um ajuda o outro ali.

A: Por que seus amigos são importantes?

W: Porque eles trabalham comigo, passam o dia comigo. Onde eu vou eles estão comigo, qualquer lugar que eles forem, eles me chamam também. A gente faz praticamente quase tudo junto (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

Percebem-se igualmente nos discursos, que a amizade representa qualidades que lhes são próprias, algo que informa a sua própria condição. A relação de conversa é sempre destacada como essência da amizade, é sempre abordada como sua qualidade inerente. Abaixo, alguns exemplos:

A gente fica andando e conversando (José Roberto, 16 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, segunda entrevista).

Joga bola, sai pra alguma baladinha. A gente reúne todo mundo e vai a churrascos do sítio. Ali a gente fica conversando, revê os colegas de fora. É bem legal (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

As amizades dos adolescentes entrevistados eram sempre com pessoas que compartilhavam espaços em comum, ou seja, os(as) amigos(as) relatados(as) eram sempre do mesmo bairro, da vizinhança, da mesma escola, do mesmo local de trabalho, geralmente possuindo o mesmo nível socioeconômico.

Portanto, “(...) essa articulação de amizade com intimidade e proximidade acaba privilegiando as afinidades, e não as diferenças; ou seja, é o que existe em comum, a semelhança, a afinidade que se tornam imperativos, remetendo a uma lógica individualista” (GOMES & SILVA JÚNIOR, 2008, p. 273). Os trechos a seguir demonstram essa relação de amizade e espaços em comum:

A: Seus amigos são de onde?

F: A maioria mora aqui na região mesmo, no meu bairro, poucos moram longe, mas todos na região de Campinas.

A: Onde você conheceu seus amigos?

F: A maioria na escola (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista)

A: Seus colegas são de onde?

W: Um, mora lá perto de onde eu moro, no sítio, e o outro mora no Bosque das Palmeiras (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

Sendo o Brasil um país com elevados índices de desigualdade social; as relações de amizade estabelecidas, como visto, no ambiente comum e familiar, reproduzem essa lógica estratificada das classes sociais, situando-se os amigos relatados geralmente na mesma situação socioeconômica.

Diante disso, é importante ressaltar que essa ligação dos discursos da amizade com processos de homogeneização, que concebe o amigo como outro eu, numa relação de amizade perfeita, apoiada na concordância em que não há conflitos, produz uma anulação da alteridade, podendo se configurar em práticas totalitárias e intolerantes.

Gomes & Silva Júnior (2008) *apud* Derrida (1997) atenta-nos para o fato de que em nome da amizade podem-se excluir as diferenças, em uma lógica violenta que anula a

singularidade e reduz o outro ao mesmo, produzindo práticas intolerantes. A seguir será apresentada a fala de Vanessa (17 anos, filha de Cleusa e Adoniram, segunda entrevista) que deixa claro a separação entre seus amigos:

A: De onde são suas amigas?

V: Eu tinha algumas amigas no Guará, mas por algum motivo fomos nos separando, elas foram se dividindo. A única amiga que eu não perdi o contato foi a Elis Marcela. Ela pra mim é uma irmã. Eu também tenho amigas no ETECAP, que eu me identifico muito, inclusive tive que me adaptar muito a elas, fazer algumas mudanças para me adaptar a elas. Tenho amigos que conheci saindo para algum lugar, amigas que eram em comum do meu ex-namorado porque a gente saía bastante, do Bentão também, onde eu faço curso.

A: Quando você disse que teve que mudar para se adaptar as suas amigas, que mudanças foram essas?

V: Com as minhas amigas do Guará, não sei, tem termos que eu não uso, tem brincadeiras que eu não faço porque não seriam tão engraçadas com elas, algumas coisas assim. Mas até elas mesmas admitem que depois que eu fui para a ETECAP eu fiquei muito mais animada, muito mais brincalhona, porque na ETECAP a gente formou um grupo em que todo mundo tem uma característica igual. Faca chuva faça sol a gente está junto, quando é pra ficar triste, todo mundo fica, mas quando é pra rir, é o ano inteiro, é bem bacana a nossa relação.

A: Vocês saem todo mundo junto, seus amigos do Guará e da ETECAP,?

V: Impossível

A: Por quê?

V: Minhas amigas do Guará têm muito ciúmes das do ETECAP. Meus amigos da ETECAP até chamam os outros “ah, vamos sair?”. Mas por exemplo, a Elis Marcela que é uma irmã pra mim, a gente ia sair na sexta-feira para comemorar o meu aniversário. No dia do meu aniversário ela disse que não iria mais porque a gente ia à Zoff em Indaiatuba e quem organizou tudo eram as minhas amigas da ETECAP, que até conseguiram uma van para nos levar. Ela disse que não queria ir mais porque achou que se sentiria “por fora”, não iria saber sobre os assuntos, que eu ia ficar dando atenção para as minhas amigas da ETECAP e deixá-la de lado. Faltando uma hora pra gente sair de casa eu consegui convencer ela, dizendo que era o meu aniversário e que ela deveria ir! Quanto as minhas amigas do Guará, eu não posso falar nada de “ETECAP” porque elas não gostam. Então eu tento não misturar as turmas.

A: E o que você acha disso?

V: Muito “chato”, porém, eu compreendo o lado delas. Eu acho que eu me dei realmente muito bem lá na escola, tanto é que eu tenho uma amiga do Guará que estuda na ETECAP também, mas em outra sala, numa sala completamente diferente da minha e tem amigas completamente diferentes das minhas e ela odeia a ETECAP, ela acha o ETECAP o pior lugar do mundo, ela odeia as pessoas, odeia o ETECAP, ela odeia a sala dela, ela odeia as amigas dela.

A: Por quê?

V: Porque eu acho que você vê a escola de acordo com as pessoas que você convive e ela não se identificou com as pessoas com quem ela convive. Já no meu caso não, tanto que eu tenho uma visão totalmente diferente da ETECAP. Por exemplo, o jeito que eu falo da minha sala é totalmente diferente do jeito que ela fala da sala dela, os assuntos; ela nunca sabe de nada que acontece na escola; a turma dela é daquelas que fica dentro da sala fechada, e a minha é daquelas que sempre sabe de tudo e sempre está a par de tudo. Quando a gente conversa sobre a ETECAP, parece que estamos de duas escolas diferentes. Ela não sabe do que eu estou falando, não sabe quem são as pessoas de quem eu falo, os

acontecimentos então? Mesmo com as diferenças eu acho chato, mas eu entendo de alguma forma ela. Por exemplo, a Elis Marcela, por eu ter conseguido uma boa escola, ela sente ciúmes de mim.

As reflexões que os autores fazem baseiam-se em uma ética de “cuidado do outro” e se concentram em uma amizade que não pressupõe sujeitos coincidentes, com afinidade, intimidade, familiaridade ou relação de parentesco, mas acolhe o outro como o outro em sua alteridade; em uma amizade em que os sujeitos não sejam idênticos entre si, portanto, uma amizade voltada não para assimilação, absorção ou reciprocidade e, sim, para assimetria.

Neste mesmo trecho de entrevista apresentado acima, Juliana fala da adaptação que precisou fazer para se inserir na nova realidade em que estava. De acordo com Elias (1995):

(...) Em nossos dias, tal necessidade de adaptar-se às demandas do *establishment*, seguindo a distribuição de poder, é mais ou menos dada como óbvia pelas pessoas socialmente dependentes. Os empregados de uma grande empresa ou loja de departamentos, especialmente quando querem ser promovidos, logo aprendem a ajustar seu comportamento ao padrão da empresa (p. 20).

Outro ponto de destaque neste item e talvez o mais relevante para este trabalho é a questão da tomada de decisões a partir da influência dos amigos. Mostrou-se acima a grande importância dada às relações de amizades, estas feitas principalmente no âmbito escolar, nos bairros e locais de trabalho.

Os processos de encontro com o “desconhecido” favorecem a reflexão, mudanças e permanências na maneira de pensar e de agir dos adolescentes. Coisas e pessoas que são estranhas podem perturbar idéias familiares e verdades estabelecidas; o terreno não familiar tem uma função positiva na vida de uma pessoa, no sentido de acostumar o ser humano a correr riscos: “(...) a habilidade para colocar em questão as condições já estabelecidas de sua vida” (SENNETT, 1988, p. 359-360).

Trechos das entrevistas dos adolescentes demonstram essa questão, tanto em decisões como escolha de roupas até decisões como escolha e mudança de escola, além de gostos pessoais. Por exemplo, em 2010, Tiago (16 anos, filho de Nilza e enteado de Sebastião, segunda entrevista) cursará o Ensino Médio e gostaria de estudar na Escola Estadual Prof. Aníbal de Freitas no Guanabara, mesmo sendo distante de sua residência,

porque todos os seus amigos estudam lá. A seguir, outros exemplos mostram a influência dos amigos para a escolha de uma escola ou de compras:

Eu até gosto de ir pra escola pelo fato dos meus amigos estarem lá, mas o que eu menos gosto de ir é na escola mesmo. (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista)

A: Você já sabe em que escola irá estudar?

J. R.: Fiquei sabendo hoje que eu consegui uma vaga no Colégio Culto à Ciência.

A: Você que quis ir pra lá?

J. R.: Isso

A: Como você conseguiu ir pra lá?

J. R.: A gente ganhou um papel para escolher as escolas que gostaríamos de estudar, aí eu coloquei Francisco Álvares e Culto à Ciência.

A: Por que você escolheu essas duas escolas?

J. R.: Porque tem bastante coisa pra fazer lá e o ensino também é bom.

A: O que tem pra fazer lá?

J. R.: Bastante esporte, teatro e outras atividades que eu fiquei sabendo.

A: Como você ficou sabendo dessas atividades?

J. R.: Um amigo meu me disse.

A: Seu amigo?

M: Ele estuda lá. Ele está no terceiro ano. (José Roberto, 16 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, segunda entrevista)

A: Quando você compra roupa, você vai sozinho e escolhe suas coisas?

W: Não, às vezes eu saio com os meus amigos que me ajudam a escolher o que eu preciso. Também quando eles não vão, eu vou sozinho.

A: Como seus amigos te ajudam?

W: Me ajudam a escolher uma roupa que eu gosto, dizendo que eu tenho que comprar uma roupa que eu vou gostar, que eu vou usar bastante. (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista)

Os trechos das entrevistas apresentados acima demonstram uma intensa participação dos amigos na vida dos adolescentes, participação esta, importante na construção da própria trajetória no que se refere à tomada de decisões e percepção de si mesmo. Assim, uma amizade que se inicia com interesses comuns, com o tempo pode se constituir em uma sólida relação de confiança a ponto de os amigos serem importantes formadores de opiniões na vida uns dos outros.

CAPÍTULO II

TRABALHO E ESTUDO: INVESTIMENTOS

História de Família: Vanessa, Cleusa e Adoniram

A história da família de Vanessa começa com seu pai Adoniram e sua mãe Cleusa. Com histórias e trajetórias semelhantes com relação à dificuldade financeira de suas famílias de origem, e diferentes com relação ao trabalho na infância e a oportunidades de estudo, eles influenciaram cada qual o seu modo e forma de pensar, o caminho que Vanessa seguiria futuramente. Atualmente Vanessa mora com os pais, nunca reprovou na escola, passou no vestibulinho concorrido para a uma escola técnica pública e nunca trabalhou. A seguir, serão apresentadas as histórias de vida de Adoniram e Cleusa na tentativa de compreender melhor os investimentos que fizeram em seus filhos.

Adoniram é um homem de 55 anos de idade que nasceu no dia primeiro de outubro de 1950 em Salinas-MG. Quando criança, morava com seus pais e mais quatro irmãos em um sítio em Minas Gerais.

Adoniram começou a trabalhar aos 8 anos de idade na roça, porém, não via isso como um trabalho, mas como uma ajuda a seu pai. Por ser o filho mais velho, sentia-se o mais “responsável” entre os irmãos no sentido de ajudar seu pai e realmente era quem mais trabalhava. Inclusive sente que atualmente, sua filha mais velha é a mais responsável entre os seus quatro filhos. Adoniram disse que quando tinha 10 anos de idade, seu pai teve um problema relacionado com a “cabeça”, tal fato fez com que ele “assumisse” a família.

Segundo Adoniram, seus pais eram analfabetos. Seu pai quando trabalhava e precisava utilizar os “números”, fazia “pauzinhos” em sua caderneta, porque não sabia escrever. Para seus pais, ver os filhos na escola aprendendo a escrever o próprio nome era uma “maravilha”.

Adoniram teve mais oportunidade para estudar que seus pais, mas não quis. Ele estudou até a quarta série do Ensino Fundamental e sente falta dos estudos hoje. Apesar de querer voltar a estudar, se sente impossibilitado neste momento.

Na região onde morava era difícil ter professor para dar aula. E quando tinha e acontecia algum problema, ia embora e ficavam sem professor na comunidade por até dois anos. Assim, Adoniram estudava e parava.

Também, quando tinha algum professor na região, muitas vezes não passava os conteúdos correspondentes à série em que Adoniram estava. O que era muito “enjoativo” porque tinha que estudar repetidamente o mesmo conteúdo, “as mesmas palavrinhas sempre”. Mesmo tendo vontade de aprender, começou a “enjoar” da escola, a faltar e a não querer mais frequentá-la.

Adoniram acabou aprendendo por meio da convivência, principalmente com a sua esposa, que possui mais escolaridade. Adoniram critica as crianças de hoje que têm a oportunidade de “aprender” e não aproveitam.

Quando era pequeno, Adoniram gostava de ajudar em casa porque percebia as dificuldades de sua família. Inclusive, quando via as crianças de sua idade brincando na rua, fazendo carrinho, ou brincando de brincadeiras que “prejudicavam” (porque havia muitos casos de crianças que morriam afogadas, por exemplo), ou crianças que os pais deixavam “liberados”, não achava certo.

Adoniram não concordava que os pais deixassem seus filhos muito a vontade. Em função disso, deixou de andar com essa “turminha” de colegas.

Adoniram tinha o pai como o modelo ideal para ele. Na época seu pai caçava e o levava junto, foi assim que começou a gostar de trabalhar com o pai, ajudando-o. Adoniram trabalhou na roça até os 19 anos de idade, e foi nessa época que resolveu sair de casa, mesmo com a desaprovação de seu pai que “não achou isso certo”. Porém, disse ao pai que precisava construir sua vida e foi embora.

Após sair da casa de seus pais, Adoniram se casou e junto de sua esposa veio para Campinas-SP tentar algo melhor do que tinha em Minas Gerais.

Chegando a Campinas-SP, ficaram hospedados em um sítio na casa de um homem que em troca dos serviços oferecidos por Adoniram (consertos e reparos), dava moradia e um pequeno salário. Adoniram conta que não queria ser registrado na carteira de trabalho com o baixo valor que recebia, porque se voltasse para Minas Gerais teria vergonha de apresentar sua carteira para conseguir um emprego.

Nesse tempo, uma mulher para quem Adoniram havia prestado serviço de servente de pedreiro, emprestou uma máquina de costura para que sua esposa pudesse costurar para a família. Assim, a esposa de Adoniram poderia complementar a renda com o dinheiro que recebia das costuras que fazia.

Em menos de um mês, Adoniram foi convidado para trabalhar em uma metalúrgica localizada em Barão Geraldo-SP, com direito a moradia em uma casa localizada na região destinada para famílias de funcionários da “firma” e a um bom salário. Sua função era a de servente de máquinas e com o tempo passou a fazer pequenos serviços de pedreiro fora do expediente, sempre pensando que um dia poderia precisar disso, já que não tinha “estudo” para procurar outros “trabalhos”.

Inicialmente ele acompanhava o seu chefe em serviços de pedreiro aos finais de semana. No primeiro ano em que estava aprendendo o ofício, ajudou a construir uma casa. Em 1982, saiu da metalúrgica onde trabalhava para trabalhar como pedreiro. Adoniram disse que “adora” o que faz e acredita ser uma arte. Orgulha-se por ter construído a casa para ele e sua família.

Adoniram acredita ser “econômico”, não porque tem estudos para isso, mas pelas dificuldades que passou que o obrigou a ser econômico. Quando a firma o mandou embora, ele já tinha dois serviços de pedreiro para fazer.

Adoniram gostaria que seus filhos começassem a trabalhar por volta dos 20 anos de idade, porque poderiam aproveitar mais o tempo de estudos e a adolescência. Ele tem uma filha que trabalha e faz faculdade a noite, porém, ele acha que se ela só estudasse, poderia aproveitar mais a fase de adolescência, ir em festas, etc. Para ele, ela está “atropelando” esta fase da vida.

Para Adoniram, o estudo é o principal na vida de uma pessoa, porque hoje em dia sem estudo a pessoa não tem nada. É “uma ferramenta sem corte”.

Quanto a ajudar em casa, Adoniram acha que seus filhos não devem fazer as tarefas como obrigação, mas como necessidade. Segundo ele, se seus filhos fazem algo por obrigação, não “levam aquilo” como uma “vivência”. Ao fazer o que precisa, sem obrigação, Adoniram acredita que se faz com mais amor, e depois de um tempo acaba fazendo o serviço sem dificuldades, sem fazer “as coisas obrigados”, com “ódio e raiva”.

Ao longo do resumo da vida de Adoniram percebem-se mudanças e continuidades para o presente e futuro. Mudanças no sentido de insistir que seus filhos estudem ao invés de trabalhar; e permanências no sentido de acreditar que a geração mais jovem é sempre mais desinteressada que a própria geração.

Passemos para a história e trajetória de vida de Cleusa.

Cleusa é uma mulher nascida dia 8 de janeiro de 1959 em Salinas-MG. Quando criança, morava com seus pais e mais quatro irmãos, todos homens e mais novos do que ela. Seu pai era lavrador e sua mãe costureira. Por volta dos 11 anos de idade, Cleusa começou a ajudar nas tarefas domésticas de casa. Apesar de não gostar de limpar a casa, sua mãe a “mandava” limpar.

Com o tempo Cleusa foi percebendo que sua mãe ficava na máquina de costura o dia inteiro e não tinha como fazer o serviço doméstico e por isso era preciso que ela a ajudasse. Das atividades que fazia lembra que varria a casa, lavava a louça e ajudava a sua mãe a lavar a roupa no rio.

Cleusa aprendeu a costurar observando sua mãe que era costureira. Conta que muitas vezes fazia as lições da escola ao lado de sua mãe, que costurava até a noite. Muitas vezes, Cleusa ajudava a sua mãe nas costuras, fazendo pequenos reparos à mão. Aos 12 anos de idade ela já sabia fazer a “costura reta”, e neste mesmo período aprendeu a tirar medidas e a fazer moldes para roupas com uma senhora. Passou então, a costurar para suas amigas e colegas, mas não via a costura como uma profissão.

Seus irmãos não ajudavam com a limpeza da casa, porque eram levados pelo pai para trabalhar na “roça” com ele. Cleusa era deixada em casa para que pudesse estudar. Ela estudou até o “primeiro colegial”, (hoje, a primeira série do Ensino Médio), e parou porque não queria mais estudar. Hoje ela não aceita que um filho seu não queira estudar.

O pai de Cleusa tinha o sonho de ver a filha formada. Ela era muito estudiosa e seus professores sempre diziam a seus pais que ela nunca deveria parar de estudar.

Ao concluir a quarta série do primário, Cleusa não tinha condições financeiras para continuar os estudos. Isso porque naquela época não havia escola pública para o “ensino ginasial”. Mesmo assim, ela fez o “exame de admissão” para entrar na “primeira série ginasial” (hoje 5ª série do Ensino Fundamental) e ficou entre os primeiros lugares na classificação geral.

Em sua cidade havia uma escola técnica de agropecuária, uma escola ginásial e um colégio particular de freiras (segundo Cleusa, as freiras conseguiram o dinheiro dos fazendeiros da região para construir o colégio). Diante da boa classificação de Cleusa, seu pai conseguiu, por intermédio de um político da cidade, uma bolsa de estudos para que ela pudesse continuar na escola.

Cleusa conta que quando foi buscar o resultado do exame de admissão, uma freira veio conversar com ela sobre sua família e a profissão de seus pais. Depois de conversarem, a freira disse que queria dar uma bolsa de estudos à ela. Porém, Cleusa disse à freira que seu pai já havia “ganhado” uma bolsa, mas a freira insistiu em dar-lhe essa oportunidade. Então, a freira chamou o pai de Cleusa até a escola e lhe concedeu a bolsa de estudos para que ela pudesse estudar até a “quarta série ginásial” (equivalente a oitava série do Ensino Fundamental).

A bolsa de estudos tinha validade para até a quarta série ginásial e Cleusa, ao concluir o curso não poderia continuar no “colegial” (atual Ensino Médio). Então, concluído o atual Ensino Fundamental, a freira chamou o pai de Cleusa novamente e perguntou se ele conseguiria arrumar outra bolsa de estudos para ela. Seu pai conseguiu uma outra bolsa de estudos e Cleusa foi para o colegial.

Cleusa estava cursando o primeiro ano do colegial, quando chegou o dia do pagamento da escola e veio um boleto para que seus pais pagassem. Cleusa não entendeu o que havia acontecido, então a freira lhe disse que seu pai deveria comparecer no colégio porque não havia ficado certo a questão de sua bolsa de estudos.

Seu pai foi até a escola e a freira lhe perguntou quanto ele poderia pagar à escola até acertarem a questão da bolsa de estudos, para depois, quando tivesse tudo certo com a bolsa, o colégio o reembolsasse.

Cleusa soube tempos depois que o homem da bolsa de estudos não “garantiu nenhuma das bolsas que ele tinha prometido” a seu pai. Então, seu pai pagou o ano inteiro uma quantia para a escola. Apesar de ser um valor simbólico, fazia “toda a diferença” no orçamento familiar.

Neste mesmo ano, Cleusa ficou em “recuperação” escolar nas disciplinas de “química e história”. Com isso seu pai teve que pagar um valor a mais para que ela pudesse fazer a “recuperação”. Foi então, que seu pai pagou a taxa de recuperação e ela começou a

estudar para as provas. Porém, quando chegou o dia da prova ela não quis mais fazê-la, e resolveu parar de estudar.

Cleusa saiu da escola aos 18 anos de idade. Ela conseguiu o primeiro emprego na “firma” onde seus dois irmãos mais novos já trabalhavam, um de dezesseis e outro de quatorze anos de idade, chamada “Florestas Rio Doce”. O seu outro irmão foi trabalhar com o padrinho dele em uma sapataria de couro. Segundo Cleusa, hoje seu irmão sabe fazer tudo relacionado a calçados.

A “firma” onde Cleusa foi trabalhar fazia plantio de árvores nas terras sem cultivo. Cleusa queria ser professora e um dos funcionários desta firma disse a seu pai que ela precisava de uma profissão.

Este funcionário disse a Cleusa que precisariam construir uma escola, porque na região não havia e tinham muitos homens e mulheres que não sabiam ler e escrever.

Na região onde a empresa se localizava, as pessoas que tinham alguma oportunidade, aprendiam com seus pais a ler e escrever ou aprendiam somente a assinar o próprio nome.

Assim, ela ficou com “dó” deles, e resolveu dar aula para “toda essa gente”. Cleusa combinou tudo com a empresa e disse que fariam inclusive uma turma à noite para atender “os jovens e as moças” que trabalhavam durante o dia inteiro.

Porém, o funcionário disse a ela que estavam esperando uma verba (Cleusa acredita que era alguma verba do governo), e que enquanto ela esperava a construção da escola, poderia ir trabalhando no escritório. Cleusa trabalhou no escritório desta firma durante um ano e dois meses, quando saiu do emprego para se casar, aos 19 anos de idade.

Segundo Cleusa, todo o dinheiro que seus irmãos recebiam pelo trabalho que faziam, entregavam a seus pais. Seu pai não pedia dinheiro para os filhos, porém, eles davam o dinheiro por vontade própria.

Para Cleusa, seus irmãos não tinham muito com o que gastar, então ajudavam em casa, mas sempre ficavam com um pouco de dinheiro para comprar doces, além disso, seu pai, abriu uma poupança para cada um dos filhos, onde colocava um pouco de dinheiro todo o mês para eles.

Cleusa era a única em sua casa que não dava o dinheiro que recebia para seus pais, porque seu pai lhe havia dito que ele não poderia dar um enxoval de noivado a ela, que já estava namorando, por isso disse para ela juntar o dinheiro e comprar um enxoval.

Quanto a condição financeira de sua família naquela época, Cleusa conta que não havia nada de luxo em sua casa. Segundo ela, teve uma infância pobre, mas nunca chegou “a dormir sem comer”. Sempre tiveram o básico e nada com fartura. Para ela foi uma infância muito “gostosa”, e mesmo não tendo tudo o que gostaria, não fizeram nenhuma falta em sua vida. Os únicos brinquedos que ela e os irmãos tinham, eram eles mesmos quem faziam; somente depois que cresceram foram ter bicicletas.

Segundo Cleusa, sua mãe era uma pessoa muito boa, que “aceitava tudo”, já seu pai não a deixava sair com os amigos e ir em festas de clube, só a deixava ir em festas de familiares e de casamento com sua tia, já que ele e sua mãe não iam às festas. Sempre quando seu pai a deixava sair para alguma festa, dizia para se divertir somente “dentro da festa”, porque naquela época havia casais que saíam para namorar e no dia seguinte toda a cidade estava sabendo e comentando.

Seu pai sempre dizia que nunca queria ouvir a cidade falando de seus filhos. E que confiava nos filhos até o momento em que ouvisse falar algo deles na cidade.

Segundo Cleusa, como ela “não era uma menina má”, ela saía somente para se divertir na festa, por isso nunca teve problema com seu pai. Às vezes quando seu pai falava que não sabia se deixava ela sair ou não, ele perguntava para a sua mãe, que sempre a deixava. Muitas vezes, quando Cleusa queria ir em festas de amigos e imaginava que seu pai não a deixaria ir, ela nem pedia. Ela concordava com as atitudes de seus pais, apesar de algumas vezes ficar nervosa quando eles não a deixavam ir a algum lugar.

Após se casar, Cleusa e o marido resolveram sair da cidade de Salinas-MG e ir morar em São Sebastião do Paraíso-MG, já que Adoniram, seu marido, havia trabalhado nesta cidade. Porém, uma amiga de infância de Cleusa que morava em Campinas-SP foi visitar seus familiares em Salinas-MG e disse à ela que Campinas-SP era um bom lugar para morar e que Adoniram poderia trabalhar na “Sintermed”, onde ela trabalhava e que Cleusa poderia costurar.

Cleusa perguntou ao marido se ele gostaria de ir para Campinas-SP. Adoniram aceitou a proposta com a condição de que antes de irem, ele terminasse a casa que estava

construindo para a sua mãe na cidade, já que ela ainda morava no sítio. Então, depois de seis meses os dois vieram para Campinas-SP, pensando que se não desse certo nessa cidade, eles voltariam para São Sebastião do Paraíso-MG.

Cleusa e o marido vieram para Campinas-SP em janeiro de 1979. Ao virem para Campinas-SP, ficaram um mês no bairro Guará, em Barão Geraldo, distrito municipal de Campinas-SP, em um sítio do cunhado de sua amiga, o mesmo que logo arrumou um trabalho para Adoniram. Eles ficaram um mês neste sítio até Adoniram ser chamado para trabalhar na “Sintermed”.

Segundo Cleusa, não foi tão difícil conseguir o emprego porque naquela época a “firma” era nova e os funcionários tinham um contato mais direto com os “patrões”. Quando Adoniram começou a trabalhar nesta firma, recebia em média “uma faixa de três salários e meio”, mais a moradia.

Moraram na Estrada da Rhodia, onde a firma se localiza, por 18 anos. Adoniram trabalhou nesta firma por 17 anos, porém após ser demitido, continuou morando por mais um ano na casa da firma, até se mudarem para a atual casa onde moram.

Quando chegaram a Campinas-SP, Adoniram lhe deu uma máquina de costura para passar o tempo em casa, já que estava grávida e não estava trabalhando. Às vezes ela costurava para as vizinhas que moravam na mesma “chácara” que eles (eram em quatro famílias dentro da chácara). Em 1986, Cleusa começou a trabalhar na mesma firma metalúrgica (Sintermed) onde seu marido trabalhava e ficou até 1990.

Na época em que trabalhou nesta empresa, eles já tinham três filhos, foi quando uma irmã de Adoniram veio para Campinas-SP e ficou na casa do casal para ajudar a cuidar das crianças, já que Cleusa trabalhava em “turnos”. Porém, sua cunhada conheceu um rapaz em Salinas-MG e decidiu ir embora para se casar.

Neste momento Cleusa saiu da metalúrgica para cuidar de seus filhos. Mas antes de sair disse às suas amigas que ficaria em casa costurando. Foi a partir de 1990, quando saiu da empresa, que Cleusa “encarou” a costura como uma “profissão”. Depois, ela trabalhou por quatro anos registrada em uma confecção em Barão Geraldo. Em seguida, achou melhor ficar em casa para cuidar de sua filha caçula que havia acabado de nascer.

Cleusa, atualmente, é costureira e trabalha em sua própria casa. Apesar de “trabalhar por conta” sua vida é bastante agitada, pois não tem um horário fixo de trabalho. Seu horário de trabalho depende das encomendas que ela tem para fazer.

Cleusa gosta muito de costurar, porém não costura por “hobbie”, mas porque precisa. Ela gosta que a pessoa saia “feliz” com o seu serviço, por isso tem o prazer em fazê-lo. Conta que nunca precisou fazer cartão, nem colocar anúncios sobre o seu trabalho, porque são suas próprias clientes que fazem a propaganda, e assim seu trabalho vai sendo conhecido pelas pessoas.

Cleusa conta para as filhas que um dia ela teve que aprender a costurar porque sua mãe não tinha tempo para fazer as roupas dela. Naquele tempo, ela podia “pegar” qualquer tecido na loja de uma senhora para quem a sua mãe trabalhava, porém tinha que ficar esperando o dia que a sua mãe poderia costurar uma roupa para ela. Por este motivo ela quis aprender, “tão nova” a costurar.

Cleusa “brinca” com as filhas falando que gostaria que elas aprendessem a costurar, mas costurar roupas somente para elas, e não ter a costura como uma profissão, porque acaba sempre cheia de serviços.

Quanto a sua atual condição financeira, Cleusa diz estar boa, porque conseguiram aos poucos construir uma casa, uma vida nova que agradou o casal, além de terem a oportunidade de visitar todo ano sua família em Minas Gerais.

O dinheiro que ela e o marido recebem é gasto com o “básico”: alimentação e despesas com água, energia elétrica, telefone, impostos, etc. Seus filhos não recebem mesada, mas sempre procuram os pais quando precisam de dinheiro. Cleusa e o marido sempre que têm dinheiro dão para os filhos, quando estes pedem, porém, quando eles não têm dinheiro conversam com os filhos explicando que estão sem dinheiro. Seus filhos “já sabem como” os pais recebem o dinheiro, com o que trabalham e como funciona o pagamento, por isso conseguem compreender a situação da família. Cleusa e o marido não pedem nada em troca pelo dinheiro que dão aos filhos, mas sempre “exigiu/ cobrou” o “respeito e compreensão”.

Seus filhos ajudam em casa, porém atualmente Vanessa é a que mais tem ajudado nos serviços de casa porque sua outra filha que mora com ela, não tem tempo para ajudá-la

já que trabalha e estuda, mesmo assim quando pode, ajuda em casa, principalmente lavando a sua própria roupa.

Atualmente, está morando em sua casa uma sobrinha que veio de Minas Gerais, porque quis morar em Campinas-SP. Esta sobrinha também ajuda nos serviços de casa (lava a louça, cozinha, etc.). Cleusa gostou da idéia da sobrinha ir morar com eles, porque ela acaba fazendo companhia para a Vanessa. As duas têm a mesma idade. Sempre quando sua filha e sobrinha têm um tempo da escola, Cleusa pede para elas ajudarem com os serviços.

Cleusa explica à Vanessa que se é da máquina de costura que tira o sustento da família, ela também precisa ajudar em casa. Para Cleusa, “não é justo”, a filha não ajudar, mesmo porque não é sempre que ela terá a mãe por perto. Independentemente de ter condições financeiras “boas ou não”, precisa aprender a cuidar de uma casa. Mas alerta que a primeira responsabilidade de Vanessa é o estudo, porém se sobra algum tempo ela pode fazer os serviços de casa, e precisa ajudar.

Cleusa acredita que o estudo é o único bem que os pais podem investir nos filhos, porque é a “base do ser humano”. A pessoa que estuda aprende a viver socialmente e a “manter” um bom futuro.

Para ela, 16 anos de idade é uma boa idade para se começar a trabalhar; e que é possível uma pessoa estudar e trabalhar, porém, mais difícil. Vanessa gostaria de começar a trabalhar com 14 anos de idade, porém, Cleusa e Adoniram acham melhor ela começar a trabalhar somente quando estiver no Ensino Médio.

Já o filho de Cleusa, teve uma filha com a namorada aos 17 anos de idade e foram morar juntos em Belo Horizonte-MG. Segundo Cleusa, seu filho mudou bastante depois de ter sido pai: sua responsabilidade aumentou e agora vive para a família. Cleusa conta que seu marido sempre “pegou muito no pé” de seus filhos, dizendo para tomar cuidado “com tudo e com todos”, inclusive quando seu filho chegava de madrugada em casa, era Adoniram quem ia recebê-lo para ver se os “olhos estavam diferentes” e “se suas roupas estavam com cheiro estranho”. Cleusa e o marido aceitaram a situação de seu filho ser pai tão jovem, mas não era isso que queriam para a vida dele, gostariam que ele tivesse estudado mais. Inclusive ele fez um curso técnico de eletrônica no Colégio São José, mas seus pais queriam que ele tivesse feito uma faculdade.

Apesar de gostarem de Campinas-SP, Adoniram gostaria de voltar para Salinas-MG e morar lá. Inclusive ele gostaria de ter voltado quando as crianças ainda eram pequenas. Mas hoje, Cleusa fica dividida em ir voltar para Salinas_MG em função dos filhos, que já estão acostumados a morar em Campinas-SP e que provavelmente não sairiam da cidade. Ela não tem “coragem” de falar para os filhos irem morar em Salinas-MG, porque lá não tem emprego.

Cleusa acredita que por eles voltarem uma vez por ano para Salinas-MG, não “abandonaram completamente o lugar e a família”.

Assim, de um lado, se eles forem para Minas e deixarem “os filhos para trás”, tudo o que eles acham bom em Salinas-MG, perderia o sentido. Por outro lado, Cleusa gostaria de voltar para cuidar de sua mãe, já que é a única filha mulher, mas fica dividida entre os filhos e os pais.

As entrevistas feitas com os pais de Vanessa revelam a importância dada por seus pais (avós de Vanessa) na relação com os estudos. Entretanto, a dificuldade em se estudar ao longo dessa trajetória fez com que abandonassem os estudos. Hoje percebem que o acesso à educação por essa nova geração é mais fácil, entretanto os jovens não aproveitam a oportunidade. Toda a experiência que tiveram com relação à educação e trabalho serviram para que hoje investissem nos filhos o que acreditam ser o melhor para eles.

No ano de 2010, Adoniram e Cleusa estão casados e moram no mesmo local.

Este capítulo apresentará os investimentos que as famílias fazem para prolongarem o tempo de estudo e retardarem a entrada de seus adolescentes no mundo do trabalho. O investimento tanto em estudos quanto no trabalho pressupõe algumas percepções de estratégias de propulsão ou de manutenção da mobilidade sócio-econômica. De um lado, tem-se o investimento nos estudos o que significa um maior tempo de sacrifícios financeiros e conseqüentemente de satisfação tardia no universo do consumo; de outro, o investimento em um trabalho pode significar uma aproximação dos sonhos de consumo e entrada no mundo adulto/autônomo, porém com o possível retardamento dos estudos.

Nos dois subtítulos, partes deste capítulo, serão apresentados o que as famílias pensam sobre estudo e trabalho e como isso acaba repercutindo nas percepções dos adolescentes sobre tais temas. A partir disso, serão discutidos os investimentos que as famílias fazem em educação

e trabalho para seus filhos buscando, numa dimensão intergeracional, a continuidade ou não do processo de mobilidade sócio-econômica dessas famílias.

Nesse sentido, abordar-se-á a influência que a família e os amigos exercem sobre o indivíduo buscando responder algumas questões: Filhos de pais com baixa ou nenhuma escolaridade tem menos chance de estudar? A vontade do indivíduo em estudar é o grande imperativo da questão? E a evasão escolar? Por que alguns desistem?

2.1. O valor dos estudos

Na concretização de formas coletivas de convivência democrática, a educação escolar oferecida em instituições próprias de ensino torna-se um importante instrumento de socialização dos indivíduos. A instituição escolar é caracterizada por propiciar tanto a transmissão do acúmulo de conhecimentos por meio do desenvolvimento de capacidades cognoscitivas quanto a transmissão de normas, valores e atitudes relativos à vida social, desempenhando funções significativas para a vida social dos indivíduos.

A educação escolar exerce grande poder na sociedade estando fortemente associada à ascensão sócio-econômica dos indivíduos. A idéia de que a educação é a principal ferramenta para se conseguir um bom emprego e melhorar as condições econômicas de vida está difundida em toda a sociedade. De acordo com Pastore & Silva (2000),

A educação é o mais importante determinante das trajetórias sociais futuras dos brasileiros, importância que vem crescendo ao longo do tempo. Não é exagero dizer que a educação constitui hoje o determinante central e decisivo do posicionamento socioeconômico das pessoas na hierarquia social. Por sua vez, um dos principais problemas estruturais da sociedade brasileira é o baixo nível educacional da população (p. 40).

Existem outras formas para ascender socialmente: ganhar na loteria, receber grande herança, casar com alguém com um nível social mais elevado etc. Porém, o meio mais utilizado para ascender socialmente é a educação seguida de muito trabalho. O estudo se torna uma das únicas maneiras de jovens carentes prosperarem. O sucesso dos indivíduos oriundos de classes menos favorecidas reúne vários fatores positivos como: perseverança, desejo de mudança, atitude e muita educação.

Pretende-se neste subtítulo apresentar (i) como os pais percebem a educação e o futuro de seus filhos; (ii) como a maneira de pensar dos pais reflete nas percepções dos adolescentes em relação à educação e ao trabalho; e (iii) como isso influencia os adolescentes em suas trajetórias e projeções para o futuro.

Percebeu-se nas entrevistas realizadas com os pais dos adolescentes um forte vínculo entre o estudo e o trabalho. A escola valorizada nos termos de qualificação para o futuro profissional representa um caminho de abertura percebida por grande parte dos pais e adolescentes. Segundo Bourdieu (1983),

(...) atualmente, nas classes populares, tanto entre os adultos quanto entre os adolescentes, está se dando a descoberta, que ainda não encontrou sua linguagem, do fato de que o sistema escola é um veículo de privilégios (p. 117).

A importância dada pelos pais aos estudos dos filhos foi marcante nas entrevistas. Todos os casos apresentaram a valorização dos estudos como uma maneira de alcançar um futuro “melhor”, diferente da realidade vivida no passado e atualmente.

(...) Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito. (BOURDIEU, 1998, p. 41 - 42)

Todos os pais também se utilizaram da própria experiência e história de vida, muitas vezes desvalorizando-a, para justificar suas respostas com relação (i) ao que pensam sobre a importância dos estudos na vida de uma pessoa; (ii) às suas expectativas com relação ao futuro de seus filhos. A seguir, alguns trechos das entrevistas mostram a importância que os pais dos adolescentes dão aos estudos:

Eu brigo muito. Eu brigo e falo que é a única coisa que eles [filhos] fazem, que eles não fazem mais nada além de estudar. Pergunto sobre o que esperam da vida. Ser motorista de rodoviária? É isso que vocês vão querer? [Risos]. Ou vocês estão querendo puxar a carroça no lugar do cavalo? [Risos] (Marlene, 41 anos, doméstica, mãe de João Paulo).

O estudo é o principal de tudo, porque se você não estudar, não terá um bom serviço. Você vai arrumar um serviço “pesado”? Mas se tiver um bom estudo

você vai arrumar um bom serviço. Por isso o Tiago tem que estudar. Em primeiro lugar é o estudo, depois vai conseguir um bom serviço. Eu sempre falo pra ele [Tiago], “você tem que estudar pra ter um futuro na vida! Do contrário, vai ficar igual a mim, lavando e limpando a casa dos outros ou igual ao seu padraço, pegando no pesado” (Nilza, 39 anos, doméstica, esposa de Sebastião, mãe de Tiago).

Pra mim, o estudo é quase tudo na vida, porque se você não tem estudo, você não tem possibilidade de arrumar um bom emprego. Hoje em dia tudo depende de você ter estudo. Tudo depende de você ter uma boa qualificação escolar, porque tudo hoje está tudo informatizado e se não sabe isso, vai ter que trabalhar de pedreiro mesmo, como eu. Talvez apareçam outras coisas que modifique isso, mas por enquanto só tem serviço pesado pra quem não estuda. E quem quer arrumar um serviço melhor, precisa estudar. Tem de estudar mesmo (Sebastião, 36 anos, pedreiro, marido de Nilza, padraço de Tiago).

É importante, muito importante. Eu falo para os meus filhos: “estuda pra ser alguém na vida”. Pra ser um professor, um bom médico, mesmo a gente não podendo pagar os estudos. Então, eles tem que se esforçar nos estudos pra depois pegar um serviço melhor. Como... Tirando o serviço de obra e essas “coisas” de construção, trabalhar num supermercado ou escritório seria bom (Edvaldo, 38 anos, pedreiro, marido de Silvia, pai de Wesley).

Muito importante. O estudo é tudo. Eu falo por mim, que não tive estudo, não tive nada. Hoje eu tenho um bom emprego, mesmo não tendo um alto grau de estudo. Eu fiz supletivo, que é mais um “resumão” de tudo, mas eu já tenho, eu tenho estudo, tenho emprego, tenho conhecimento das coisas, antes eu não tinha conhecimento de nada, de nada mesmo. O estudo é muito importante, eu falo para as minhas filhas: “o principal da vida de uma pessoa é estudar”, e estudar é difícil. Vejo pessoas estudadas e formadas padecendo, porque o mercado de trabalho está muito difícil. A concorrência é muito grande, mesmo tendo a melhor escola, ainda muitos estão desempregados. Quanto mais gente desempregada tem, mais difícil fica para aqueles que não têm estudos conseguir alguma coisa. Vai ficando cada vez mais difícil, porque vão selecionando cada vez mais. Por exemplo, para ser faxineira, eles pedem o segundo grau. Precisa? Não, mas eles pedem mesmo assim (Silvia, 38 anos, faxineira, esposa de Edvaldo, madraça de Wesley).

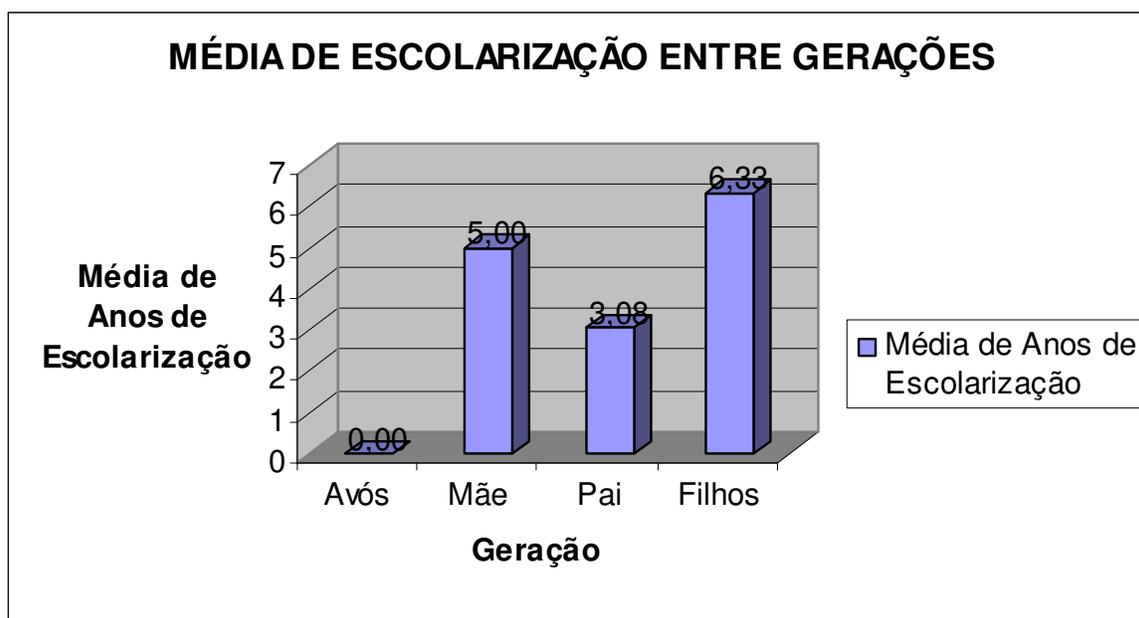
Este destaque que Silvia (38 anos, faxineira, esposa de Edvaldo, madraça de Wesley) dá à escolarização dizendo que mesmo as pessoas formadas estão tendo dificuldade para conseguir um bom emprego já que o mercado de trabalho está seletivo, e que por isso é importante uma constante atualização e aumento do grau de instrução com o objetivo de alcançarem melhores empregos, exemplifica a teoria de Bourdieu (1983):

Os efeitos da inflação escolar são mais complicados do que se costuma dizer: devido ao fato de que os títulos sempre valem o que valem seus detentores, um título que se torna mais freqüente torna-se por isso mesmo desvalorizado, mas perde ainda mais seu valor por se tornar acessível a pessoas sem “valor social” (p. 116).

A maioria dos pais entrevistados veio de famílias analfabetas, ou com muito pouco estudo. Entretanto, os pais dos adolescentes tinham no mínimo a 2ª série do Ensino Fundamental e no máximo o Ensino Médio completo com o curso Técnico em Magistério. Assim, o que se percebeu nessa pesquisa foi um aumento na escolaridade destas famílias entre as gerações.

Com isso pode-se responder a uma das perguntas apresentadas neste capítulo: Filhos de pais com baixa ou nenhuma escolaridade tem menos chance de estudar? Observou-se que, filhos de pais com baixa ou nenhuma escolaridade possuem mais chance de estudar, comparando com a geração anterior. Isso se deve à preocupação e difícil experiência que os pais viveram com relação aos estudos, emprego e qualidade de vida. Entretanto, por mais que os adolescentes possuam mais chances de estudar, isso não significa que eles aproveitarão essa oportunidade para completar todos os anos de estudo ou que a necessidade socioeconômica familiar os permitirá chegar até o fim.

O quadro a seguir, “Média de escolarização entre gerações”, apresenta a média de escolarização das famílias entrevistadas nesta dissertação, mostrando que os filhos já possuem maior escolarização com relação a seus pais.



De acordo com Bourdieu (1998), “As atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças e, muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da

cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à sua posição social” (p. 46).

A seguir tem-se alguns trechos das entrevistas realizadas com os adolescentes mostrando suas percepções com relação aos estudos e como as falas refletem um pouco daquilo que seus pais pensam sobre a educação. Notou-se que os adolescentes entrevistados também valorizam os estudos para alcançar algo melhor em suas vidas, almejando um futuro melhor a partir dos estudos. A seguir, alguns exemplos:

A: O que você acha dos estudos na vida de uma pessoa?

T: Muito importante e bom para o futuro.

A: Por quê?

T: Porque com os estudos, você tem tudo, como trabalho, por exemplo (Tiago, 16 anos, filho de Nilza e enteado Sebastião, segunda entrevista).

Porque é o começo de tudo. Primeiro o estudo, porque estudando, você vai ter um bom currículo para entregar e com um currículo bom consequentemente você vai ter um bom emprego. Com um bom emprego, você vai ter um bom salário e com um bom salário você vai poder pagar uma casa, poder comprar uma casa, uma coisa legal para a sua família (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista)

A: O que você acha dos estudos?

J. R.: Bom

A: Por quê?

J. R.: Para aprender coisas novas sempre (José Roberto, 16 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, segunda entrevista)

Nota-se nos trechos acima que as percepções que os adolescentes constroem sobre escola, trabalho e futuro estão intimamente ligados ao que pensam seus pais. “As mesmas condições objetivas que definem as atitudes dos pais e dominam as escolhas importantes da carreira escolar regem também a atitude das crianças diante dessas mesmas escolhas e, conseqüentemente, toda sua atitude com relação à escola” (BOURDIEU, 1998, p. 47).

Porém, as escolhas que fazem e as trajetórias que os adolescentes traçam para si refletem de um lado (i) o que as famílias pensam e de outro (ii) o que está difundido no mundo social e ainda (iii) a influência do círculo de amigos de que fazem parte. Tem-se, portanto que apesar dos pais valorizarem os estudos, a decisão final fica a critério dos adolescentes.

Nesse sentido, ainda que haja a valorização dos estudos dentro das famílias, a maioria dos adolescentes entrevistados reprovou pelo menos uma vez durante sua trajetória

escolar e dois dos nove adolescentes entrevistados pararam de estudar.

De maneira geral, pesquisas que tratam sobre o fracasso escolar, distinguem duas diferentes abordagens para explicar este problema: a primeira busca explicações a partir de fatores externos à escola, e a segunda, a partir de fatores internos. Dentre os fatores externos relacionados à questão do fracasso escolar são apontados o trabalho, as desigualdades sociais, o adolescente e a família. E dentre os fatores intra-escolares são apontados a própria escola, a linguagem e o professor (QUEIROZ, 2002).

Luciano (17 anos, filho de Rose e Cláudio, segunda entrevista) em 2009 não estava estudando: “Nesse ano eu tinha dado uma parada”. Ele parou no primeiro ano do Ensino Médio porque tinha que gastar diariamente R\$ 5,00 para ir até Barão Geraldo, local da escola onde estava matriculado: “Quando vir (*sic*) o passe escolar vai ser melhor. Vai dá pra eu ir todo dia [na escola]”. Quem pagava a passagem de ônibus até a escola era Luciano e seus pais. Com relação a sua escolha de parar de estudar, seus pais não gostaram muito da decisão, “mas fazer o quê?”. Ele parou de estudar em agosto de 2009, mas pretende voltar a estudar em 2010, porque “É bom, né! Terminar logo a escola, né! O estudo, né! É sempre bom, né! [Para] Arrumar serviço mais pra frente”.

Wesley (17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista) parou de estudar em 2007, a seguir um trecho de sua entrevista:

W: Eu pretendo voltar a estudar esse ano, porque eu tinha parado de estudar.

A: Quando você parou de estudar?

W: Eu parei faz uns dois anos. Esse ano eu pretendo voltar a estudar. Quero terminar meus estudos

A: Você parou em que série os estudos?

W: Eu parei no primeiro colegial

A: Por que você parou de estudar?

W: Parei por preguiça de ir pra escola. Mas eu percebi que não compensa ficar sem ir para pra escola, porque o estudo é muito importante e mais pra frente eu posso arrumar outro serviço. Primeiramente são os estudos e é por isso que esse ano eu pretendo voltar a estudar e terminar pelo menos o Ensino Médio.

Esses dois adolescentes acham ruim o fato de optarem por parar de estudar. Inclusive tem a consciência de que sua decisão não agrada seus pais, porém, nesta fase de suas vidas, seus pais já não conseguem influenciá-los completamente em suas tomadas de decisões da mesma maneira como quando eram crianças. Desta forma, seus pais até expõem a insatisfação por tal decisão, mas não fazem nada além, para mudarem de opinião.

A: Como você falou para os seus pais que iria parar de estudar?

L: Falei que não dava mais pra eu ir na escola. Então, meu pai concordou e a minha mãe ficou meio “assim...” (Luciano, 17 anos, filho de Rose e Cláudio, segunda entrevista)

A: O que seus pais acharam de você ter parado de estudar?

W: Eles acharam ruim por eu ter parado de estudar. Eles gostariam que eu voltasse a estudar porque será muito importante pra mim mais pra frente (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

A educação nesse sentido pode ser vista como o resultado do processo de decisão das famílias sobre a alocação do tempo de seus membros mais jovens e a escolha de estudar e/ou trabalhar torna-se fundamentais na medida em que os adolescentes vão alcançando idades compatíveis com a atividade econômica.

Para Barros, Mendonça & Velazco (1994), tais decisões são tomadas procurando maximizar o bem-estar da família, estando sujeitas a restrições financeiras e interagindo com as oportunidades de consumo e investimento a cada geração. Estas escolhas podem colaborar nos ganhos familiares no curto prazo, mas, também podem afetar a renda da próxima geração.

A seguir serão apresentados trechos de entrevistas feitas com os pais que demonstram essa idéia de participação familiar nas decisões dos jovens mudando conforme as gerações. Ou seja, no tempo dos avós dos adolescentes, quem decidia se os filhos iriam estudar ou não eram os pais; também associada à esta decisão estava a condição socioeconômica das famílias.

N: Comecei a estudar com sete anos.

A: Você estudou até que série?

N: Terceira.

A: Você parou de estudar com quantos anos?

N: Eu já estava com doze, treze anos.

A: Por que você parou de estudar?

N: Porque estava precisando ajudar em casa (Nilza, 39 anos, doméstica, esposa de Sebastião, mãe de Tiago).

M: Eu parei de estudar porque meus pais separaram. Eu fiz só até a quinta série. Depois que meus pais se separaram eu parei de trabalhar para ajudar a minha mãe.

A: Você parou de estudar para ajudar a sua mãe?

M: Para trabalhar o tempo todo.

A: Quantos anos você tinha?

M: Eu tinha quinze anos (Marlene, 41 anos, doméstica, mãe de João Paulo).

C: Parei de estudar. Hoje eu tenho dó do meu pai.

A: Por que você parou de estudar?

C: Porque eu não queria. Hoje eu não aceito que um filho meu venha me falar que não quer estudar. Meu pai, mesmo sendo lavrador e trabalhando num serviço que tomava sol e tudo, ele tinha muita vontade que eu me formasse, porque eu era muito estudiosa. Então, com 10 anos eu recebi o meu diploma da quarta série, aí eu fui fazer admissão. Na minha época tinha que fazer admissão. E eu fiz a prova de admissão. Eu ia fazer 11 anos naquela semana. E eu fiquei entre os primeiros lugares da classificação para o curso ginásial. Eu era uma ótima aluna. Meus professores sempre falavam para os meus pais: “não, ela não pode parar de estudar. Ela tem de continuar”. Na época não tinha escola pública por lá, só tinha a escola agrícola que era técnica, tinha um outro ginásio e um colégio de freiras que era particular. E o meu pai tinha conseguido uma bolsa de estudos pra mim na escola das freiras. Então, quando eu fui buscar o resultado do exame de admissão freira superiora veio falar comigo, me pegou pela mão, e começou a conversar e perguntou: “o que seu pai faz? O que sua mãe faz?”. Em seguida me disse: “fala pro seu pai vir aqui, porque eu quero dar uma bolsa de estudos pra você”. Então, meu pai foi lá e ela me deu a bolsa de estudos até a quarta série ginásial. Quando terminou o prazo da bolsa, a freira conversou com o meu pai novamente pra saber se ele conseguiria outra bolsa para eu continuar os estudos. O meu pai conseguiu uma nova bolsa e eu comecei a fazer o primeiro colegial. Quando chegou o dia de pagar a bolsa, veio o boleto para o meu pai. Aí ela me procurou de novo e falou: “Cleusa, fala para o seu pai vir aqui pra ele acertar a conta. Vê o quanto ele pode dar, e depois a gente reembolsa...”. No fim, meu pai pagou o ano inteiro aquela quantia simbólica, só que pra ele, coitado... Então eu não pensei duas vezes quando eu cheguei no final do ano e fiquei de recuperação em química e história. Naquele tempo tinha que pagar uma quantia para fazer a recuperação. E ele pagou aquela taxa ainda e eu estudei e quando chegou no dia da prova eu não quis fazer, eu não queria mais estudar. Hoje eu não admito que um filho meu faça isso comigo (Cleusa, 47 anos, esposa de Adoniram e mãe de Vanessa).

A: Por que você não estudou?

S: Porque não tive condições. A minha mãe nunca teve estudos e a gente nunca teve condições para estudar. A minha mãe sempre morou em beiras de rio, em sítios, em casas de chão, feita de sapê, de qualquer jeito (Silvia, 38 anos, faxineira, esposa de Edvaldo, madrasta de Wesley).

Eu estava no segundo ano, quando o meu pai me tirou da escola e não estudei mais (Rose, 41 anos, desempregada, esposa de Cláudio, mãe de Luciano).

A: Por que você parou de estudar?

C: Acho que é porque eu não gostava muito. E no meu caso, meu pai era motorista de ônibus e recebia um salário razoável para a época, mas não tínhamos tantas oportunidades. Hoje o governo dá muitas oportunidades para as crianças. Antigamente era tudo mais difícil. Na época começaram as aulas de inglês e precisávamos do livro, e um dia a minha professora me disse assim: “Se amanhã você não trouxer o livro de inglês você não vai participar da aula”. Então, fiquei muito aborrecido com ela, mas não falei nada e saí para procurar um emprego. Quando eu consegui, não voltei mais para a escola (Cláudio, 41 anos, mecânico de automóveis, marido de Rose, pai de Luciano).

Eu parei de estudar porque eu morava distante da cidade e aí não tinha como eu estudar. Eu morava longe da cidade onde tinha a escola e eu não tive como. Imagina estudar longe e ter que trabalhar no dia seguinte? (Edvaldo, 38 anos, pedreiro, marido de Silvia, pai de Wesley).

A: Você parou de estudar?

S: Parei.

A: Por quê?

S: Porque eu tinha que trabalhar na roça. Eu até cheguei a me matricular na escola, mas como eu tinha que ajudar o meu pai na roça, não dava para eu trabalhar e estudar. Por isso eu parei de estudar.

A: Por que você preferiu parar a escola ao invés do trabalho?

S: Não é que eu preferi, é que precisava ajudar o meu pai, por isso, tive de parar de estudar (Sebastião, 36 anos, pedreiro, marido de Nilza, padrasto de Tiago).

A: Por que você tinha parado de estudar?

N: Para trabalhar, porque eu queria ter um dinheirinho. Não foi boa idéia, mas...

A: Por que você acha que não foi uma boa idéia?

N: Porque se eu tivesse os estudos, hoje acho que estaria melhor, teria mais condições para arrumar um emprego. Hoje se exige tudo isso. Eu estaria melhor. Hoje para alguém ser gari precisa ter no mínimo o primeiro grau (Nailton, 36 anos, entregador de hortifruti, pai de Gustavo).

Portanto, nas entrevistas, os avós dos adolescentes pensavam de uma maneira com relação aos estudos dos filhos e atualmente seus pais pensam diferente de seus avós com relação a educação de seus adolescentes. Ou seja, os pais desses adolescentes em função da experiência que tiveram na infância e juventude quanto ao trabalho, hoje pensam diferente de seus pais e preferem dispensar seus filhos de qualquer atividade laboral a terem que abdicar dos estudos. Na tabela abaixo os dados mostram que ao menos a finalização do Ensino Fundamental estará garantida na vida desses adolescentes por parte de seus pais.

TABELA 10: IDADE QUE COMEÇARAM A TRABALHAR E QUE OS PAIS GOSTARIAM QUE SEUS FILHOS COMEÇASSEM A TRABALHAR

LEGENDA TABELA 10			ADOLESCENTES: 1ª EXPERIÊNCIA DE TRABALHO	INTENÇÃO DOS PAIS: IDADE QUE GOSTARIA QUE O FILHO TRABALHASSE	SITUAÇÃO DOS ADOLESCENTES EM 2009/ 2010
FAMILIAS		PAIS: IDADE QUE COMEÇOU A TRABALHAR			
A	Adolescente				
M	Mãe				
MD	Madrasta				
P	Pai				
PD	Padrasto				
Família 1					
Tiago (A)	Ainda não trabalhou	-		Estudante de 16 anos.	
Nilza (M)	8 anos	16 anos			
Sebastião (PD)	15 anos	-			
Família 2					
Fábio (A)	11 anos	-		Tem 16 anos, estuda e faz pequenos "bicos".	
Dalva (M)	6 anos	15 anos			
Nilton (P)	8 anos	13 anos			
Família 3					
Gustavo (A)	-	-		-	
Madalena (M)	18 anos	14 anos			
Nailton (P)	7 anos	Depois de Formado			
Família 4					
Vanessa (A)	Ainda não trabalhou	-		Estudante de 17 anos.	
Cleusa (M)	11 anos	16 anos			
Adoniram (P)	8 anos	Depois dos 20 anos			
Família 5					
Kelly (A)	13 anos	-		-	
Vera (M)	32 anos	16 anos			
Família 6					
Luciano (A)	13 anos	-		Parou de estudar em 2009. Tem 17 anos e faz pequenos "bicos".	
Rose (M)	9 anos	17 anos			
Cláudio (P)	12 anos	16 anos			
Família 7					
João Paulo (A)	11 anos	-		Tem 18 anos, trabalha e estuda à noite.	
Marlene (M)	9 anos	14 anos			
Família 8					
Wesley (A)	13 anos	-		Tem 17 anos, parou de estudar para trabalhar.	
Silvia (MD)	7 anos	14 anos			
Edvaldo (P)	7 anos	-			
Família 9					
José Roberto (A)	12 anos	-		Estudante de 16 anos.	
Vitória Maria (M)	-	-			
Alberto (P)	7 anos	13 anos			

Com relação à tabela 10 vale ressaltar que os adolescentes entrevistados iniciaram uma atividade laboral², ou seja, tiveram sua primeira experiência de trabalho, na idade apontada na tabela, entretanto não de maneira contínua como a de seus pais. Ou seja, os jovens começaram a trabalhar numa certa idade, mas ficavam algum tempo sem trabalhar, dependendo da época (escolar ou de férias) e da situação financeira familiar. Já seus pais quando iniciaram uma atividade laboral foi de maneira contínua, sem pausas para férias ou para estudarem: uma vez iniciada não parou-se mais.

A tabela acima e os trechos citados indicam impactos diferenciados nas decisões de alocação do tempo dos adolescentes pelas famílias. A decisão de os adolescentes somente estudar mostra que apesar de seus pais não terem tido muitos anos de escolaridade e possuírem baixa renda, desejam que seus filhos consigam estudar e se dedicar mais tempo aos estudos, para isso dispensam-lhes do trabalho.

Em que pese a bibliografia sugerir a influência e associação da educação dos pais e a renda familiar, no sentido de prolongamento geracional da pobreza e baixo nível de escolaridade, estes fatores não ocorrem necessariamente desta forma, ou seja, filhos de pais com baixa renda e escolaridade não necessariamente terão pouca formação escolar. Porém, a probabilidade de só estudar depende de outros fatores tais como o número de crianças na família e o gênero, por exemplo, ser homem e ter muitas crianças em casa reduz esta probabilidade.

Ainda na tabela 10 percebe-se que as famílias entendem que cumprem sua obrigação de prover o estudo dos filhos, dispensando-os do trabalho até o término do Ensino Fundamental ou Médio, em alguns casos. Para estas famílias, os filhos precisam iniciar a atividade laboral a partir do término do Ensino Médio, a fim de arcarem com seus próprios gastos e, por vezes, auxiliar nas despesas domésticas (GUIMARÃES & ROMANELLI, 2002).

A obrigação sobre a qual recai hoje a maior cobrança em cima dos adolescentes, em grande parte dos casos, é com relação ao estudo. A proporção em que essas cobranças são distribuídas, entre o estudo e a ajuda em casa, varia de uma família para outra, mas de um modo geral há a tendência de um maior peso e valorização sobre o desempenho e a

² O leitor poderá retomar os tipos de trabalho realizados pelos adolescentes e seus familiares na infância nas tabelas iniciais desta dissertação.

dedicação das crianças, desde pequenas (a partir dos sete anos), às tarefas escolares. Como em Linhares (2004), em grande parte dos casos observa-se uma “suavização” das cobranças e, sobretudo uma maior “flexibilidade” em relação à distribuição das atribuições e obrigações de cada um na casa. A fala abaixo representa bem isso:

Quando está na hora da Vanessa ir para a aula, e tem alguma coisa para fazer, eu nunca deixo, “você vai estudar porque tem que fazer, porque você não terminou” [os estudos]. A primeira responsabilidade dela é estudar. É a única coisa que ela tem que fazer. E eu nem preciso pegar no pé para ela estudar. Ela é muito estudiosa. Sempre ela tem alguma coisa pra fazer, ou é estudar pra uma prova, ou fazer um trabalho [da escola]. Então, a responsabilidade dela por enquanto é a escola, mas ajudar em casa também precisa (Cleusa, 47 anos, esposa de Adoniram e mãe de Vanessa).

Desta forma, segundo Linhares (2004),

Entre as escolhas, possíveis ou virtuais, a profissional representa uma das mais importantes, e se relaciona aos investimentos feitos para uma escolarização, o mais continuada possível, das crianças. A *casa*, enquanto coletivo familiar sai assim do centro das prioridades cotidianas do grupo doméstico. Na medida das possibilidades de cada família, que permitirão um maior ou menor prolongamento do descompromisso da criança a seu respeito, a escola será priorizada em seu lugar. A escolarização abre, portanto um espaço ao indivíduo, à sua formação pessoal e a expectativas de um futuro melhor para si, que seria impensável em outros tempos. O *futuro melhor* é pensado basicamente no sentido de se conseguir *serviços mais leves*, que se tornam possíveis através de *bons empregos* (p.332 e 333).

O que significa então, dispensar os adolescentes do trabalho e investir na educação deles? O que se identifica tanto nas falas dos pais quanto nas dos adolescentes é a valorização dos estudos como forma de atingir certa ascensão social. Essas percepções sobre educação advêm de experiências passadas vividas pelos pais e que são refletidas de alguma forma na percepção dos adolescentes, por meio da educação familiar que tiveram.

Na sociedade brasileira contemporânea, as defasagens na escolaridade da população explicam a grande desigualdade sócio-econômica do país. No que se refere ao mercado de trabalho, observa-se a valorização da educação pelos trabalhadores que consideram os anos de escolaridade atributo diferenciador quanto ao valor do salário (BARROS, HENRIQUES & MENDONÇA, 2002). A seguir o trecho da entrevista com Silva mostra essa diferença salarial com relação aos anos de estudos.

A: Você voltou a estudar?

S: Eu precisei voltar a estudar. Eu precisava de um emprego e a dona da casa tinha me explicado que: “olha aqui você vai ter um salário fixo por mês, só que precisa estudar”. Na época eu ganhava 150 reais na casa da mulher para quem eu trabalhava e tinha me dispensado. A outra mulher com quem eu fui fazer a entrevista pagava 250. E essa me ofereceu 400 reais, carteira assinada, convênio médico e uma cesta básica por mês! Então eu pensei: “meu Deus do céu, eu preciso desse emprego mais que tudo nessa vida, eu preciso!”. Ai, eu fui falar com ela e disse: “e se eu estudar?”. Então ela perguntou: “você vai ter condições de trabalhar e estudar?”. E eu disse: e”u faço esse sacrifício, pra não perder o emprego, eu vou estudar”. Ela falou: “você tá disposta a começar a estudar hoje?”, eu estava com 30 anos de idade e falei “eu estou. Eu trabalho de dia e estudo a noite”. Na época já tinha supletivo. Então, ela me disse que eu poderia trazer todos os meus documentos na segunda e começar a trabalhar, porém, ainda hoje eu deveria ir até a escola me matricular (Sílvia, 38 anos, faxineira, esposa de Edvaldo, madrastra de Wesley).

Os dados das entrevistas apresentados neste subtítulo revelam uma dimensão de futuro associada à representação dos jovens sobre a educação. Ou seja, os adolescentes e suas famílias associam o estudo como um elemento facilitador da ascensão social, seja essa mobilidade social garantida por meio de um melhor emprego ou profissão, seja assegurada por elementos abstratos como “ser alguém na vida”, provavelmente associada ao sucesso financeiro (OLIVEIRA, 2001a).

Entre os elementos associados a esta representação são destacados, o aprendizado e o saber transferido pela escola, além das relações de amizade e de infra-estrutura da escola, necessária ao aprendizado, como o material escolar e o próprio professor.

Neste sentido, a escola e os elementos que a constituem, são objetos de representação fixados no plano da liberdade e do saber. Portanto, pode-se afirmar que os adolescentes e suas famílias atribuem alguns sentidos à instituição escolar e também algumas funções, neste caso, “(...) a escola parece ter o poder de libertar, possibilitando um melhor futuro; deve cumprir o papel de instância de saber, o que a vincula às possibilidades e impossibilidade de ascensão social de crianças e adolescentes” (OLIVEIRA, 2001a, p. 251).

Nota-se também em uma comparação entre os adolescentes que já trabalham ou trabalharam e os que nunca trabalharam uma associação diferencial dos termos utilizados para explicar a importância dos estudos na vida de uma pessoa. Entre os que trabalham ou já trabalharam esse termo está relacionado com futuro e valor e, entre os não-trabalhadores esse termo está relacionado com aprendizado e futuro, porém, de forma mais ingênua e

idealizada da escolarização, indicando, no caso dos adolescentes trabalhadores, um valor moral associado ao estudo. A seguir, as entrevistas com Fábio (já trabalhou) e José Roberto (nunca trabalhou) mostram essa diferenciação:

Porque é o começo de tudo. Primeiro o estudo, porque estudando, você vai ter um bom currículo para entregar e com um currículo bom consequentemente você vai ter um bom emprego. Com um bom emprego, você vai ter um bom salário e com um bom salário você vai poder pagar uma casa, poder comprar uma casa, uma coisa legal para a sua família (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista).

A: O que você acha dos estudos?

J. R.: Bom

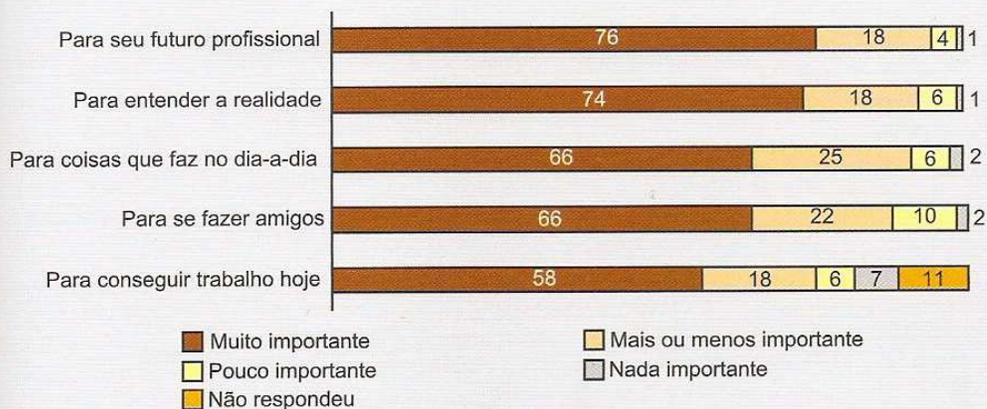
A: Por quê?

J. R.: Para aprender coisas novas sempre (José Roberto, 16 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, segunda entrevista)

O Projeto Juventude promoveu a mais abrangente pesquisa quantitativa nacional já realizada no Brasil sobre o tema juventude. A importância dessa pesquisa advém de sua amplitude em vários sentidos: no tamanho da amostra (3501 jovens investigados); nos âmbitos geográficos abarcados (urbano, rural, pequenas, médias e grandes cidades, na capital e no interior); na contemplação de diferentes variáveis (renda, gênero, idade, escolaridade, raça/etnia, religião, situação conjugal, situação no mercado de trabalho); no escopo dos temas investigados (160 questões, divididas em mais de dez temas: ser jovem, escola, trabalho, valores e referências, sexualidade, drogas, cultura, lazer, mídia, violência, política e participação, direitos); na possibilidade de abordar e relacionar dados sobre características demográficas, situações de vida e percepções, opiniões e valores dos jovens.

Os dados desta pesquisa se identificam com os dados obtidos numa pesquisa de maior abrangência, no caso o Projeto Juventude. Ao longo da dissertação serão apresentados gráficos com dados estatísticos demonstrando certa regularidade entre os resultados de estudos que tratam dos jovens. A seguir, o gráfico abaixo mostra a opinião dos jovens sobre a importância da escola.

40 – OPINIÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA (estimulada e única, em %)



P85. Você acha que o que você aprende(u) ou vive(u) na escola é(foi) muito, mais ou menos ou pouco importante para os seguintes aspectos da sua vida:

Base: Amostra A, entrevistados que estudam ou já estudaram (99%)

Fonte: ABRAMO, 2005, p. 391

Tem-se a partir deste gráfico que os jovens agregam importância à escola para alcançarem um futuro profissional, conseguirem um emprego e ficarem a par da realidade brasileira e mundial. Da mesma forma, os jovens entrevistados nesta dissertação também agregam tais importâncias à educação escolar.

2.2. Significados de trabalho

Este item tratará sobre a questão do trabalho na vida dos adolescentes entrevistados nesta pesquisa. Primeiro serão abordadas as percepções que os jovens têm a respeito do trabalho e em seguida as percepções do trabalho com relação ao futuro.

2.2.1. Percepções de Trabalho

Para tratar sobre as percepções que os adolescentes entrevistados tem sobre o trabalho, primeiro dar-se-á voz aos seus pais para depois analisar e comparar as percepções de cada geração em relação ao trabalho. Isso porque se propõem nesta pesquisa estudar (i) a relação entre as experiências passadas dos pais, (ii) a educação familiar e (iii) a construção de percepções sobre o trabalho entre os adolescentes.

Com relação ao que os pais dos adolescentes pensam sobre o que é “trabalhar” houve certa variação em suas falas. Para Nilton (35 anos, pedreiro, marido de Dalva, pai de Fábio), um bom trabalho é aquele em que a pessoa trabalha “fixo” em um emprego “definitivo”. Já um trabalho ruim é aquele localizado longe da residência do trabalhador; ou em um serviço “pesado”; ou quando a pessoa fica longe da família. Segundo Alberto (39 anos, pedreiro, marido de Vitória Maria, pai de José Roberto), “todo trabalho é bom”, desde que a pessoa tenha “saúde” e “amor” pelo o que faz. Para ele um trabalho ruim é aquele em que a pessoa não tem vontade de fazê-lo, “porque tudo o que a gente faz sem vontade é ruim”.

Para Dalva (44 anos, auxiliar administrativo, esposa de Nilton, mãe de Fábio) trabalhar “é uma vocação e uma ocupação ao mesmo tempo”. Uma vocação porque a pessoa tem que fazer algo que gosta, ter uma ocupação e receber um “salário digno”. Segundo ela, um salário digno seria em torno de R\$ 2.000,00, que dá para “suprir as necessidades” do trabalhador. Para Edvaldo (38 anos, pedreiro, marido de Silvia, pai de Wesley), trabalhar é sair de casa, ir para o serviço e ganhar seu dinheiro. Para ele, um “serviço melhor” seria, “tirando o serviço de obra e construção”, trabalhar no supermercado, no escritório, etc. Para ele, estes são “serviços melhores”, porque são mais “aliviados”, “menos cansativos”, “embora trabalhem a mesma coisa (...) não fazem muita força”.

Para Marlene (41 anos, doméstica, mãe de João Paulo), trabalhar é como uma “terapia”. Ela no trabalho sente-se uma “pessoa totalmente livre, como um passarinho”. Para ela, um bom trabalho é aquele em que tem a liberdade “para falar o que está pensando”, que tenha respeito e “liberdade de administrar o que vai fazer naquele dia”. Já um trabalho ruim é aquele onde a pessoa chega e o patrão diz que ela deverá levar uma

“marmita” (levar seu próprio alimento para o trabalho). Segundo Marlene, isso é “humilhante” porque mesmo “cozinhando pra eles”, não pode comer a mesma comida.

Estas são apenas algumas das percepções que os pais dos adolescentes tiveram quanto ao significado de trabalho. As percepções foram bastante variadas. Uns acreditam que trabalho seja algo realizado para se ter em troca uma remuneração, outros que é uma função exercida fora do ambiente familiar, outros ainda acreditam ser algo que a pessoa goste de fazer, etc. Porém, não apareceram em suas falas afirmações de trabalho enquanto atividade humana por excelência, que proporciona prazer, realização pessoal, expressão da criatividade e exercício de um papel na sociedade (AMAZARRAY, 2009 *apud* JACQUES, 1995). Os pais entrevistados trouxeram apenas idéias associadas ao emprego e à sobrevivência, ao sustento econômico e ao consumo, além do seu valor moral, com a idéia de que “ser bom” é ser trabalhador.

Quanto à noção que possuem do significado de “ajudar”, todos estes pais disseram que seus filhos devem “ajudar” em casa com as tarefas domésticas, porque aprendem a ter maior independência, além disso, já que fazem parte da família, precisam ajudar na limpeza. Para Rose (41 anos, desempregada, esposa de Cláudio, mãe de Luciano), “ninguém sabe o dia de amanhã”, por isso é importante aprender a fazer as “coisas”, para no futuro não “sofrer”. Para ela, seu filho deve ajudar em casa para “o bem dele mesmo”, por exemplo, se ele entrar em uma faculdade e precisar ficar fora, já saberá lidar com suas “coisas”. Para Cleusa (47 anos, costureira, esposa de Adoniram, mãe de Vanessa), “não é justo” a filha não ajudar, mesmo porque “não é sempre que ela terá a mãe por perto”. Para ela, independentemente de ter condições financeiras “boas ou não”, os filhos precisam aprender a cuidar de uma casa.

Madalena (37 anos, professora, esposa de Nailton, mãe de Gustavo) acredita que é importante Gustavo ajudar em casa, primeiro porque ele faz parte da família e precisa ajudar, depois para que ele aprenda a ser independente para, caso se case no futuro, ajude sua esposa com os trabalhos domésticos. Para ela “atualmente o casal precisa trabalhar fora” de casa e os dois precisam “fazer o trabalho doméstico e se ajudar”.

No que se refere à organização e às divisões internas da família, percebe-se que há uma “quebra” da idéia difundida de que as obrigações com as tarefas domésticas são de competência única e exclusiva das mulheres e meninas. O que se pode notar nas falas dos

pais é que “antigamente”, no tempo em que eram crianças, as divisões de tarefas eram muito bem delimitadas, sendo a roça de responsabilidade dos homens e meninos da família e os afazeres domésticos ficavam por conta das mulheres e meninas da casa. Atualmente, o que ocorre é que estes mesmos pais não diferenciam o trabalho do lar como sendo apenas de responsabilidade de suas esposas e filhas, pelo contrário incentivam os filhos e filhas a “ajudar” com as tarefas domésticas, além deles mesmos “ajudar” a esposa com essas atividades.

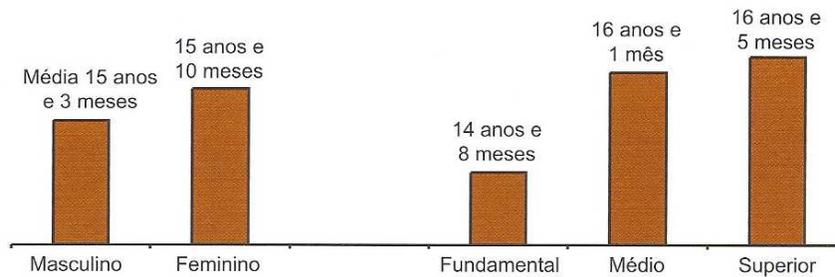
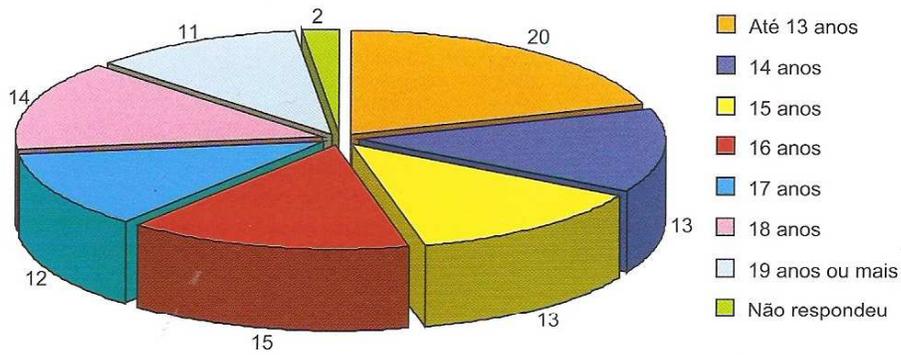
Grande parte dos pais concorda sobre a importância dos filhos e filhas “ajudarem” com os afazeres domésticos com o intuito de aprenderem a fazer e ganharem experiência para o futuro. Estes “pais” também acreditam que os maridos e as esposas, além dos filhos e filhas, devem “ajudar” na limpeza do lar, já que hoje em dia os casais trabalham fora de casa e necessitam da colaboração de toda a família.

A pesquisa promovida pelo Projeto Juventude, quantificou a idade que os jovens começaram a trabalhar. Vale ressaltar que o Projeto Juventude trata da juventude *trabalhadora* brasileira. “(...) Juventude esta que, em parcela não desprezível, ingressa no trabalho ainda na infância; nada menos que 33% deles iniciaram sua carreira como trabalhador entre 5 e 14 anos, e somente um quarto deles o faz depois da maioridade” (GUIMARÃES, 2005, p. 167). Esta dissertação e o gráfico a seguir, confirmam esses dados.

NO MUNDO DO TRABALHO REMUNERADO

48 – IDADE COM QUE CONSEGUIU O PRIMEIRO TRABALHO (espontânea e única, em %)

Média Brasil = 15 anos e 6 meses



P95. Que idade você tinha quando conseguiu seu primeiro trabalho?

Base: Amostra A, entrevistados(as) que trabalham ou já trabalharam (76%)

Fonte: ABRAMO, 2005, p. 395.

Passemos agora para as percepções dos adolescentes sobre o trabalho. No que se refere às percepções dos adolescentes e os significados que dão ao trabalho, pode-se perceber na primeira rodada de entrevistas, entre 2005 e 2006, certa variação nas falas dos adolescentes. José Roberto (13 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, primeira entrevista) acredita que “trabalho” é “onde a pessoa consegue dinheiro” para se “alimentar”. Para ele, um bom trabalho é aquele que não é muito cansativo. Já um trabalho ruim é aquele que “tem que ficar pra lá e pra cá toda hora”, porque “cansa”. Para João Paulo (14 anos, filho de Marlene, primeira entrevista), trabalhar é um “lazer”, porque muitas vezes ele fica em casa sem “fazer nada”, então preferiria “sair para trabalhar”. Para ele, um bom trabalho é aquele registrado e fixo. Já um trabalho ruim é fazer “bico” e “tirando de pouquinho e pouquinho [o dinheiro]”, porque acaba sempre “torrando” o dinheiro.

Para Fábio (12 anos, filho de Dalva e Nilton, primeira entrevista), há vários jeitos de “se trabalhar”. Tem o trabalhar dentro de casa, “que não é um trabalho”, mas uma “ajuda”. Ele acha ser uma ajuda porque está “todo mundo em família”, então, “um ajuda o outro”. Cada um faz a sua parte para deixar tudo organizado. Já “trabalhar fora” é uma responsabilidade que a pessoa tem ao fazer algo. Para ele, trabalhar é estar em um lugar e cumprir seu tempo de serviço. Segundo Fábio, um bom trabalho é aquele “bem feito”. Para ele, “o bom trabalho mesmo, é o trabalho em casa, que é o ajudar”, porque não tem nenhum “patrão” dizendo o que a pessoa tem ou não que fazer. As únicas pessoas que direcionam as atividades (dizem o que tem que fazer) são da família e não alguém “diferente”. Já um trabalho ruim é fazer algo que não gosta, mas é obrigado a fazer.

Kelly (13 anos, filha de Vera) acha “legal” trabalhar, mesmo porque quando trabalhava não tinha que fazer muito “esforço” e trabalhava com o que gostava (cuidava de crianças). Segundo Kelly, trabalhar é exercer uma “função”. Para ela, um bom trabalho é aquele em que a pessoa faz o que gosta. Já um trabalho ruim é aquele em que a pessoa “trabalha em alguma coisa, só por trabalhar, só para ganhar dinheiro” e não gosta do que faz.

Para Wesley (14 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia), é importante aprender a trabalhar desde cedo, para depois “não ficar perguntando” o que se tem que fazer, como se faz, etc. Para ele, as pessoas deveriam começar a trabalhar por volta dos 14 anos de idade, porque aprenderiam mais cedo o que tem ou não que fazer, de maneira mais rápida e

não precisariam ficar perguntando para os “outros”. Para ele, um bom trabalho é aquele onde a pessoa pode aprender para o futuro. Já o trabalho ruim é aquele que “não se deve fazer”, por exemplo, “trabalhar” em assaltos, roubar as “coisas”, porque isso “complica a vida dos outros”, tanto de quem rouba (porque será preso) quanto de quem foi roubado (porque não sabe se vai ou não encontrar o que lhe foi roubado).

Estas foram apenas algumas das percepções que os adolescentes tiveram com relação ao significado de trabalho. Estes significados são construídos a partir das próprias experiências sociais vividas por eles e pelas experiências de seus pais. Todos os casos apresentaram, de certa maneira, uma relação entre o que é “trabalhar” e a execução de alguma atividade externa à residência.

Houve apenas um caso em que o adolescente mesmo trabalhando com remuneração, por se tratar de um trabalho com um parente, não foi considerado por ele como um “trabalho”, mas uma “ajuda”, não concordando com a definição dada anteriormente pela maioria dos adolescentes entrevistados: “às vezes eu ajudo meu tio no trabalho ou às vezes eu ajudo meu pai de mecânico, meu pai trabalha” (Luciano, 14 anos, filho de Rose e Cláudio, primeira entrevista).

Luciano (14 anos, filho de Rose e Cláudio, primeira entrevista) ajuda o pai nos finais de semana e nos dias em que não tem aula. Ele disse gostar de ajudar o pai e fazer os chamados pequenos serviços, como lavar peças e “arrumar bugue, porque lá tem os... [silêncio] gente que é rica, né? Que vai lá, daí tem uns bugue assim da mulecada, [que] eu arrumo. Tem umas coisas que eu arrumo”.

Para realizar essas atividades, Luciano (14 anos, filho de Rose e Cláudio, primeira entrevista) recebe R\$ 25,00 por dia e passa o dia inteiro na oficina mecânica onde o pai trabalha. Algumas vezes o pai paga ao filho de acordo com o que realizou durante o dia de trabalho, com isso, Luciano já chegou a receber R\$ 50,00 em um dia que consertou três “mini bugues” e lavou peças. Outra atividade que realiza é na chácara do seu tio, onde ajuda a “limpar assim, tem bastante árvore, daí cai (*sic*) as árvores no campo de futebol lá, daí limpo e pego o carro dele só [silêncio] é [silêncio] coloco um [silêncio] ele coloca a tábua, daí eu passo assim no campo... só” (Luciano, 14 anos, filho de Rose e Cláudio).

Quanto à noção que possuem sobre o significado de “ajudar”, praticamente todos os adolescentes entrevistados afirmaram que “ajudam” e “não trabalham” em casa com as

tarefas domésticas (arrumar a cama, varrer a casa, passar pano no chão, lavar a louça, lavar o banheiro, cozinhar, tirar o pó dos móveis, etc.) e outras atividades que realizam com seus pais.

Assim, eu acho que pra eu ganhar alguma coisa eu tenho que merecer. E eu tenho que ajudar em casa pra merecer. A minha mãe é costureira e trabalha em casa, se eu não ajudar ela, ela vai ter que fazer o que eu não faço. Ela vai perder tempo de costurar e vai perder tempo de ganhar dinheiro. Então, acho melhor eu ajudar ela, e ficar todo mundo bem (Vanessa, 13 anos, filha de Cleusa e Adoniram, primeira entrevista).

Eu arrumo a minha cama todo dia, já a casa, eu arrumo [silêncio] quando eu não tenho nada pra fazer eu [silêncio], aí eu dou uma força (Gustavo, 13 anos, filho de Madalena e Nailton, primeira entrevista).

Tem algumas coisas que eu arrumo. Às vezes eu limpo o chão. Também tem uma chácara que eu tenho que limpar a piscina [silêncio] e tudo (Luciano, 14 anos, filho de Rose e Cláudio, primeira entrevista).

Na maioria das vezes que a casa está muito bagunçada eu lavo a louça, mas a minha mãe paga uma moça que vai sempre lá limpar minha casa. (...) Eu decidi que eu tinha que ajudar. Assim, meu pai e minha mãe trabalham, agora eu comecei a trabalhar também, eles sempre ajudam, aí eu dava o dinheiro pra casa e ajudava eles (Fábio, 12 anos, filho de Dalva e Nilton, primeira entrevista).

Se eu não varro a casa, eu limpo a varanda ou lavo a louça. (...) Já trabalhei ajudando meu pai. (...) Ah, eu carregava tijolo. (...) ajudo a minha mãe de vez em quando em casa ou quando a minha mãe corta a grama do vizinho, eu ajudo ela (José Roberto, 13 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, primeira entrevista).

Eu limpava a casa, fazia de tudo, limpava, cozinava. Era o que eu sempre fazia. Varrer, passar pano, tirar pó (João Paulo, 14 anos, filho de Marlene, primeira entrevista).

Às vezes eu varro a casa, limpo o rack. Passo pano para tirar o pó. Aspirador (...) Porque tem que ajudar em casa também. Não é só ficar brincando. (...) Meu pai é pedreiro e eu ajudo ele. Eu bato massa, dou tijolo, carrego tijolo, areia. (...) Eu estou ajudando ele a fazer um quarto pra mim (Wesley, 14 anos, filho de Edvaldo e enteado de Sílvia, primeira entrevista).

Em geral, entre oito e doze anos, aproximadamente, estes adolescentes disseram começar a “ajudar” em casa (geralmente fazendo poucas atividades). As meninas, de um modo geral, “ajudam” nos serviços de dentro de casa, principalmente na limpeza e arrumação; alguns meninos (isso não é geral) ajudam o pai em determinados serviços (os mais leves) ou na limpeza da casa ou do quintal. Na maioria das vezes, os adolescentes mesmo não gostando de fazer as tarefas domésticas, dizem “gostar” de ajudar em casa, porque reconhecem que assim podem contribuir para o bem estar de todos da família.

Percebe-se que as falas dos pais e dos filhos são próximas umas as outras. Neste caso, podemos afirmar que as percepções dos adolescentes advêm da formação familiar.

Com relação às experiências de trabalho, pode-se afirmar que dentre os adolescentes que já trabalharam, uma parte gostaria de continuar trabalhando e outra não. Alguns gostariam de continuar trabalhando em função da remuneração e da independência que adquiriram. Já os que não gostariam de trabalhar na idade em que estão é em função do trabalho ser “pesado” e “cansativo”.

A: O que você acha de trabalhar?

J. R.: Ah, não gosto.

A: Por quê?

J. R.: Eu acho ruim ficar carregando tijolo. Depois as costas ficam doendo (José Roberto, 13 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, primeira entrevista).

Porque antes eu trabalhava e estava me dando dor de cabeça, então eu não estava conseguindo me concentrar na aula (...). Trabalhava com a moça da igreja, ajudava ela porque ela cuidava de criança, então eu ia lá ajudar ela (Kelly, 13 anos, filha de Vera, primeira entrevista).

No começo eu fiquei um pouco cansado acho que porque eu não estava acostumado, mas depois me acostumei (...). Aí ele [pai] não quis mais que eu trabalhasse, porque se eu perdesse aula... (...). [Durante um tempo, Fábio trabalhou com sua tia em uma loja de roupas] Eu achava muito interessante, porque assim, você conhecia mais pessoas. Elas chegavam para comprar e eu cumprimentava elas, me apresentava (...) [Atualmente Fábio somente estuda e não está à procura de um novo emprego] Porque agora fica difícil. No período da tarde os professores passam muita lição e muito trabalho [escolar]. Aí tem que ir na escola ou então na Unicamp, na biblioteca. Tem muita coisa para estudar, tem muita prova. Então de manhã eu não tenho tempo para trabalhar (Fábio, 12 anos, filho de Dalva e Nilton, primeira entrevista).

Recorrendo a um conceito de socialização, baseado em Durkheim, Berger e Luckman, segundo o qual as práticas dos indivíduos são decorrentes dos processos de interiorização dos significados que o grupo a qual pertence atribui ao mundo, esta pesquisa mostra que o trabalho só se torna algo segundo a definição dada pelo dicionário³ (que representa uma definição “aceita” por grande parte da população brasileira), quando este significado é próprio e pertinente ao meio em que se vive.

³ Segundo o dicionário Michaelis, **trabalho** significa: 1. Ato ou efeito de trabalhar. 2. Exercício material ou intelectual para fazer ou conseguir alguma coisa; ocupação em alguma obra ou ministério. 3. Esforço, labutação, lida, luta. 4. Aplicação da atividade humana a qualquer exercício de caráter físico ou intelectual, etc.

Nesse sentido, trabalhou-se a categoria “percepções de trabalho” como sendo a opinião dos adolescentes sobre o que é o trabalho e o que este representa para eles. A participação da família nas percepções que os adolescentes constroem sobre o trabalho pode ser considerada uma marca neste processo. A influência familiar nas percepções está associada à história de vida dos pais, que acabam sendo referência aos adolescentes em sua maneira de pensar o assunto, ao menos num primeiro momento.

2.2.2. Profissão, Trabalho e Futuro

Um aspecto que chamou a atenção nas falas dos adolescentes na primeira rodada de entrevistas foi a valorização de modelos profissionais dominantes⁴ relacionados a uma expectativa de futuro de posições sociais mais altas do que aquelas vividas pelas gerações precedentes. Juntamente com isso vem a posição dos pais com relação ao futuro dos filhos. Praticamente todos eles pensam o futuro dos filhos distante do próprio futuro, ou seja, percebe-se uma tendência à desqualificação das atividades que exercem, muitas vezes relacionando isso à falta de estudos. A seguir, alguns trechos das entrevistas exemplificam isso:

Eu brigo muito. Eu brigo e falo que é a única coisa que eles [filhos] fazem, que eles não fazem mais nada além de estudar. Pergunto sobre o que esperam da vida. Ser motorista de rodoviária, é isso que vocês vão querer? [Risos]. Ou vocês estão querendo puxar a carroça no lugar do cavalo? [Risos] (Marlene, 41 anos, doméstica, mãe de João Paulo).

O estudo é o principal de tudo, porque se você não estudar, não terá um bom serviço. Você vai arrumar um serviço “pesado”? Mas se tiver um bom estudo você vai arrumar um bom serviço. Por isso o Tiago tem que estudar. Em primeiro lugar é o estudo, depois vai conseguir um bom serviço. Eu sempre falo pra ele [Tiago], “você tem que estudar pra ter um futuro na vida! Do contrário, vai ficar igual a mim, lavando e limpando a casa dos outros ou igual ao seu padrasto, pegando no pesado” (Nilza, 39 anos, doméstica, esposa de Sebastião, mãe de Tiago).

Pra mim, o estudo é quase tudo na vida, porque se você não tem estudo, você não tem possibilidade de arrumar um bom emprego. Hoje em dia tudo depende de você ter estudo. Tudo depende de você ter uma boa qualificação escolar, porque tudo hoje está tudo informatizado e se não sabe isso, vai ter que trabalhar de pedreiro mesmo, como eu. Talvez apareçam outras coisas que modifique isso, mas por enquanto só tem serviço pesado pra quem não estuda. E quem quer

⁴ Descrito nas tabelas da introdução desta dissertação.

arrumar um serviço melhor, precisa estudar. Tem de estudar mesmo (Sebastião, 36 anos, pedreiro, marido de Nilza, padrasto de Tiago).

É importante, muito importante. Eu falo para os meus filhos: “estuda pra ser alguém na vida”. Pra ser um professor, um bom médico, mesmo a gente não podendo pagar os estudos. Então, eles tem que se esforçar nos estudos pra depois pegar um serviço melhor. Como... Tirando o serviço de obra e essas “coisas” de construção, trabalhar num supermercado ou escritório seria bom (Edvaldo, 38 anos, pedreiro, marido de Silvia, pai de Wesley).

Muito importante. O estudo é tudo. Eu falo por mim, que não tive estudo, não tive nada. Hoje eu tenho um bom emprego, mesmo não tendo um alto grau de estudo. Eu fiz supletivo, que é mais um “resumão” de tudo, mas eu já tenho, eu tenho estudo, tenho emprego, tenho conhecimento das coisas, antes eu não tinha conhecimento de nada, de nada mesmo. O estudo é muito importante, eu falo para as minhas filhas: “o principal da vida de uma pessoa é estudar”, e estudar é difícil. Vejo pessoas estudadas e formadas padecendo, porque o mercado de trabalho está muito difícil. A concorrência é muito grande, mesmo tendo a melhor escola, ainda muitos estão desempregados. Quanto mais gente desempregada tem, mais difícil fica para aqueles que não têm estudos conseguir alguma coisa. Vai ficando cada vez mais difícil, porque vão selecionando cada vez mais. Por exemplo, para ser faxineira, eles pedem o segundo grau. Precisa? Não, mas eles pedem mesmo assim (Silvia, 38 anos, faxineira, esposa de Edvaldo, madrastra de Wesley).

Enfim, todas estas falas dos pais e responsáveis pelos adolescentes remetem à idéia de aproximação dessa geração a uma formação profissional que lhes parece sinalizar uma real possibilidade de realização dentro de outros mundos e profissões que não a de seus pais. “E a condição fundamental para isso é o estudo: *não ter estudo* equivale nesse sentido a *não ter escolha*, ou seja, encontrar-se na contingência de ter que se submeter a qualquer tipo de serviço que apareça, via de regra, os mais pesados para quem *não tem estudo*” (LINHARES, 2004, p. 333).

Desse modo, os planos e sonhos são vividos com o sentimento de esperança e crença em um futuro o mais distante possível do que percebem do presente e do que ouvem de seus pais a respeito das enormes dificuldades vividas no passado e no presente deles. A visão dos pais sobre o futuro profissional dos filhos está fundada na educação. Estes adolescentes sabem que para alcançar estes sonhos é preciso muito estudo. Assim, segundo Bourdieu (1983), “a escola, sempre se esquece disto, não é simplesmente um lugar onde se aprende as coisas, saberes, técnicas, etc.: é também uma instituição que concebe títulos, isto é, diretos, e, ao mesmo tempo, confere aspirações” (p. 115).

A categoria “futuro profissional” está associada às expectativas dos adolescentes sobre o trabalho e as atividades que desejam desenvolver profissionalmente. Todos os

adolescentes manifestaram algum interesse em trabalhar. Entretanto, demonstraram certa indefinição quanto à escolha profissional.

Notou-se nas primeiras entrevistas com os adolescentes que eles tratavam a questão da profissão como algo idealizado, baseado principalmente no cotidiano midiático. Já na segunda rodada de entrevistas eles se mostraram mais “realistas” com relação a sua condição sócio-econômica e às oportunidades de trabalho e profissão mais “próximas” a eles. Abaixo algumas falas dos adolescentes revelam que a escolha por uma profissão está mais próxima de seu cotidiano.

F: Bom, [trabalhar com] algo com base no meu curso. Eu gostaria de trabalhar na área de informática, de tecnologia, na manutenção de micros e montagem de propaganda, páginas de sites.

A: Como você vai conseguir isso?

F: Estudando bastante, fazendo bastante curso, por exemplo curso técnico e estudando muito mesmo (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista)

A: O que você gostaria de fazer profissionalmente?

J. R.: Trabalhar mexendo com computadores

A: Por quê?

J. R.: Por eu gosto disso. Eu gostaria de trabalhar mexendo no computador, mas por enquanto eu tenho que conseguir alguma coisa para trabalhar. Qualquer coisa que vier, eu trabalho (José Roberto, 16 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, segunda entrevista)

A: Com o que você gostaria de trabalhar?

L: Não sei. Agora eu estou procurando fazer muitos cursos. Curso de confeitiro, por exemplo.

A: Por que esse curso?

L: Para eu arrumar um serviço melhor (Luciano, 17 anos, filho de Rose e Cláudio, segunda entrevista)

Percebe-se nesses diálogos que os adolescentes inclinam-se a uma possível profissão a partir de sua realidade, de seus gostos e não somente a partir do que é valorizado socialmente como: direito, medicina e engenharia. Nesse sentido, a escolha do adolescente por uma profissão parte de experiências de sua realidade, contatos com amigos e idealizações familiares. Nota-se que a percepção de trabalho, emprego e profissão sofre mudanças de acordo com as experiências vividas socialmente.

A influência de amigos, mídia e instituições em torno do adolescente pode ser visualizada no que Vanessa (17 anos, filha de Cleusa e Adoniram, segunda entrevista) menciona sobre a escolha de uma profissão:

A: você já tem uma idéia de profissão?

V: Eu sempre quis ser jornalista, mas estudando na ETECAP eu comecei a ter uma matéria chamada “SIC”, que é Sistema de Informação e Comunicação, e a minha professora, a minha professora é maravilhosa, a melhor professora do mundo, ela falou no começo do ano muito sobre jornal e eu fui vendo que eu nunca quis escrever, eu sempre quis ser repórter, eu sempre quis estar na televisão, mas eu sei que para chegar lá eu tenho que “ralar” muito nas edições e isso não me atrai, não é o que eu queria fazer. Eu quis juntar a paixão que eu tenho por TV, porque eu acho uma coisa incrível, com a questão de pesquisar. Eu queria me relacionar com as pessoas, mas se for para ficar atrás, no fundo, eu não quero. Mas eu acho que é isso que vai acontecer.

A: Você tem outra opção de profissão?

V: Psicologia seria a minha segunda opção.

A: Como você chegou escolher esse curso?

V: Todo o tempo em que eu queria fazer jornalismo, eu planejava fazer psicologia porque eu achava o curso muito interessante. Eu acho a psicologia muito interessante e é um curso que eu queria fazer nem se fosse só para eu entender as pessoas. Eu acho que deve ser muito gratificante a sensação de poder ajudar uma pessoa diretamente. Então, agora que eu já vi que jornalismo não é muito a minha área, eu tenho investido bastante no curso de psicologia.

A história familiar é o ponto de partida para a constituição dos conceitos que os jovens tem de si mesmos, assim como para a compreensão das suas aptidões. As escolhas vivenciadas se dão a partir de modelos familiares, que também acabam influenciando no juízo de valores do sujeito acerca das profissões, tanto positiva quanto negativamente. Além disso, a opinião dos amigos/pares aparece também em opiniões relativas às profissões escolhidas (SANTOS, 2005).

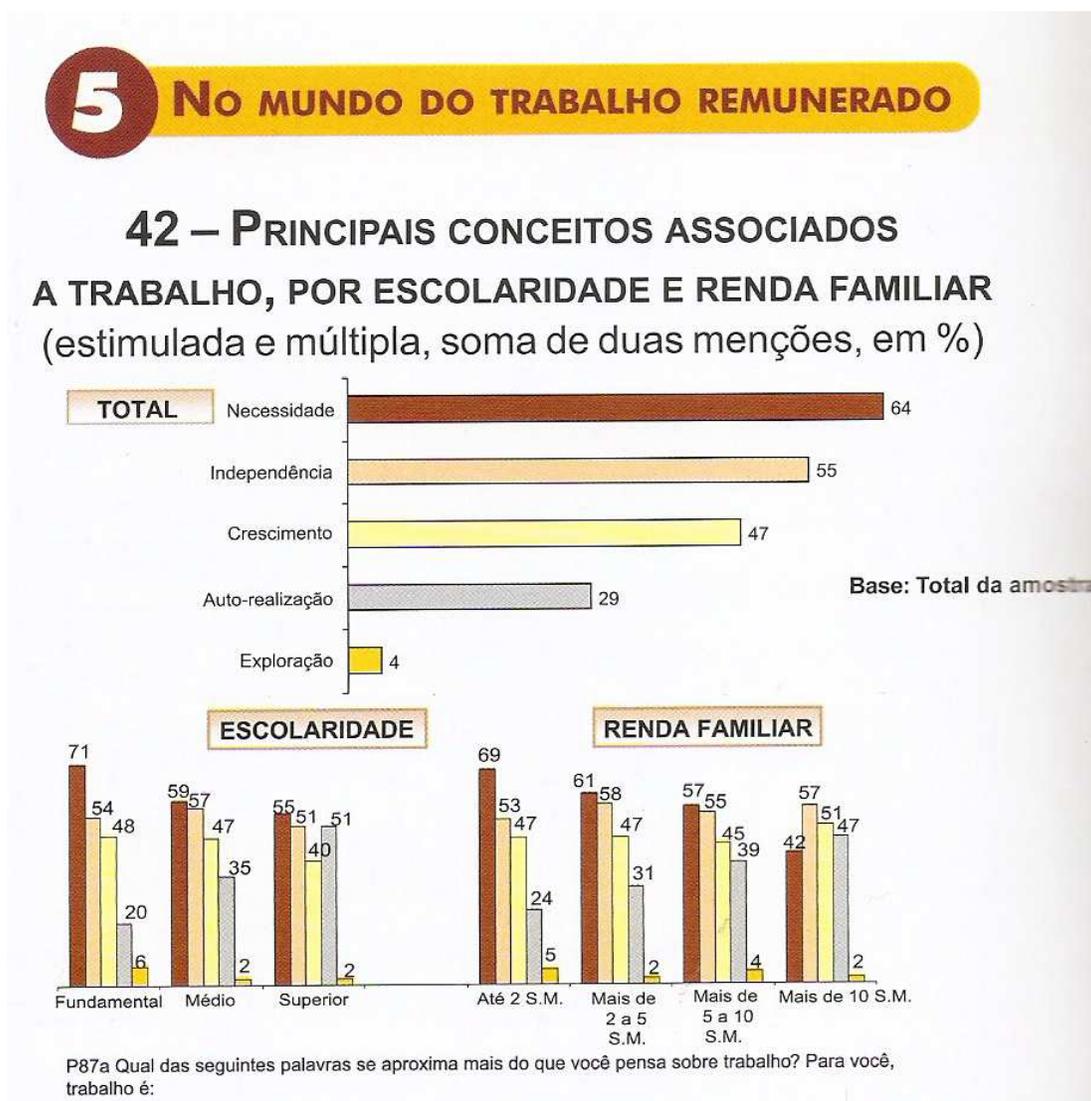
2.3. Por que trabalhar se podem somente estudar?

A partir do que foi apresentado até o momento sobre as expectativas dos pais com relação ao estudo e futuro profissional de seus filhos, percebe-se que os adolescentes geralmente são liberados do trabalho até finalizarem o Ensino Médio. Mesmo assim, alguns jovens optaram por trabalhar e estudar ao mesmo tempo ou abandonar os estudos e somente trabalhar. Então, por que trabalhar se os adolescentes podem somente estudar?

As expectativas e atitudes com relação ao trabalho, emprego e desemprego são dimensões de referências culturais entre os jovens. Considerando que o modelo cultural da sociedade industrial se caracteriza pela centralidade na ética do trabalho e que o mercado de trabalho é o campo onde se exercem coerções materiais e simbólicas dos indivíduos; a

experiência ou in experiência do mercado de trabalho constitui momento decisivo da redefinição identitária dos jovens (BAJOIT & FRANSSEN, 2007).

Guimarães (2005), questiona o motivo dos jovens trabalharem: “Qual seria o legado subjetivo do trabalho ou o que dele parece retirar o jovem trabalhador brasileiro?” Para tal, os jovens participantes da pesquisa realizada pelo Projeto Juventude escolheram associar uma de cinco palavras à idéia de trabalho: necessidade, independência, crescimento, auto-realização e exploração. A seguir o gráfico demonstra essa realidade.



Fonte: ABRAMO, 2005, p. 392.

Nas entrevistas, os jovens tratados nesta dissertação confirmam os dados estatísticos do Projeto Juventude, revelando que a busca por um trabalho se dá com o objetivo de (i) ganharem o próprio dinheiro e com isso satisfazerem suas vontades; (ii) já se sentirem adultos e precisarem de certa independência; e (iii) ajudar suas famílias. A seguir alguns trechos revelam estes aspectos que ajudam a compreender o motivo dos adolescentes irem em busca de um emprego mesmo sem terem finalizado os estudos, sendo a finalização dos estudos idealizada por seus pais.

Pra não ficar sem dinheiro. (...) [Com o dinheiro] Compro roupa, coisas pra mim, também saio para as “baladas” (Luciano, 17 anos, filho de Rose e Cláudio, segunda entrevista)

Ah, chega uma idade que não fica tão bem ficar pedindo dinheiro para o pai. (...) Porque já está adulto, já tem idade pra trabalhar. Ficar pedindo dinheiro para o pai fica estranho! (José Roberto, 16 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, segunda entrevista)

Bom, da parte de eu ter ganhado dinheiro trabalhando eu acho bom, mas hoje em dia eu não gosto muito de ficar pedindo dinheiro para os meus pais, porque eu acho que já está na hora de eu ganhar certa independência. Sair debaixo das asas dos pais, começar a arrumar meu serviço, começar a trabalhar, ter o meu próprio dinheiro, lutar pra conseguir o que eu quero. (...) Tem necessidade de ajudar em casa também porque nos dias de hoje é preciso ajudar em casa, principalmente agora que estamos com alguns problemas, eu estou sentindo que eu preciso ajudar em casa, até pelo fato de estar maior, mais crescido, ter uma idade maior, eu me sinto na responsabilidade de também ajudar meu pai e minha mãe (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista).

Apesar de essas terem sido as três justificativas que apareceram nas falas dos adolescentes justificando a iniciação ao trabalho, o aspecto mais predominante em suas falas foi o consumo. Todos os adolescentes se referiram ao consumo como principal motivo para trabalharem. A seguir algumas falas exemplificam essa postura.

Às vezes que eu conseguia esse dinheiro, se eu não me engano, ou eu comprei roupas, coisas pra mim ou então eu sai para comer alguma cosia, ou precisei pagar alguma coisa que eu já tinha comprado, aí eu trabalhava e conseguia esse dinheiro (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista).

Bom, eu gasto uma parte com a minha mãe, outra parte com a casa e pagando a minha moto (João Paulo, 18 anos, filho de Neusa, segunda entrevista).

Eu estou guardando esse dinheiro porque eu pretendo ir para o Paraná de novo ver a minha mãe. Também pretendo tirar a minha carta [de motorista] e mais pra frente inclusive comprar um carro e uma moto pra mim (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

Porém, a questão do consumo não aparece somente nas falas dos adolescentes que trabalham. Quando perguntado aos adolescentes sobre algum sonho que teriam, disseram: (i) estudar, (ii) conseguir um “bom” emprego, ou (iii) realizar seus desejos de consumo.

A: Qual é o seu maior sonho?

J. P.: A última vez que eu te falei era ser piloto de avião, agora o que eu mais tenho vontade mesmo é mexer com gastronomia, montar um restaurante

A: Por quê?

J. P.: Um dos fatos é que a gastronomia é a [área] que está dando mais dinheiro. E é uma coisa que eu gosto de fazer também (João Paulo, 18 anos, filho de Neusa, segunda entrevista).

A: Qual o seu maior sonho?

J. R.: Bom, por enquanto eu não tenho muitos sonhos. Só de arranjar um trabalho (José Roberto, 16 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, segunda entrevista).

A: Qual o seu maior sonho?

L: Ter meu carro.

A: Tem um carro específico que você gostaria de ter?

L: De começo eu queria ter um “chevetinho”.

A: Por que você gostaria de ter um carro?

L: Para me locomover, sair

A: O que você precisa para conseguir realizar esse sonho?

L: Trabalhar (Luciano, 17 anos, filho de Rose e Cláudio, segunda entrevista).

A: Qual é o seu maior sonho?

W: É ir para algum lugar, conhecer um lugar bem legal, bem calmo, por exemplo, Sebastião de Noronha, ou uma praia bem legal.

A: Como você vai fazer para conseguir alcançar esse sonho?

W: Eu vou batalhar, eu vou trabalhar bastante, quem sabe mais pra frente eu consigo.

A: Por que você ainda não conseguiu?

W: Porque o dinheiro que eu estou juntando é bem pouco ainda, mas eu pretendo juntar mais ainda para ver o que eu quero fazer mais tarde (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

A: Você tem um sonho?

V: Eu acho que o principal sonho de qualquer pessoa, não só a realização profissional, você quer ter a realização profissional para sustentar sua família. Então eu acho que o meu maior sonho é constituir uma família do jeito que eu imagino. Ter a minha casa do jeito que eu imagino, ter os móveis que eu imagino, em um lugar que eu imagino. Eu falo para o meu pai que eu realmente acredito nisso. E eu acho que quando eu me casar e tiver meus filhos, se a minha casa não for do jeito que eu imagino, que é um jeito bem complicado, eu vou ficar realmente frustrada (Vanessa, 17 anos, filha de Cleusa e Adoniram, segunda entrevista).

Para estes adolescentes o trabalho significa uma atividade que visa produzir riquezas e realizações materiais. Além disso, a questão do trabalho vem associada a uma determinada ordem social, distinta em duas dimensões principais: (i) o conteúdo moral, em

que a busca pela independência e autonomização são os pontos mais fortes, e (ii) uma dimensão de necessidade, em que o trabalho é tomado como gerador das possibilidades de sobrevivência.

Há ainda dois pontos observados neste subtítulo. O primeiro é sobre como esses adolescentes conseguiram um trabalho e o segundo é sobre as reflexões que os adolescentes fazem de seus trabalhos.

Sobre o primeiro ponto, embora os pais dos adolescentes afirmarem que gostariam que seus filhos terminassem o Ensino Médio para só então começarem a trabalhar, são esses mesmos pais ou familiares em geral que incentivam e buscam maneiras de seus filhos ou parentes iniciarem um trabalho.

A: Quando você começou a trabalhar?

J. P.: Comecei a trabalhar com 14 anos.

A: O que você fazia?

J. P.: Comecei como servente de pedreiro, depois passei para a pintura e agora eu estou trabalhando no mercado.

A: Como você conseguiu um emprego com 14 anos de idade?

J. P.: Com meus tios.

A: O que eles faziam?

J. P.: Meus tios são mestre de obra, e eu comecei trabalhando com um e depois passei para o outro.

A: E como foi isso? Você pediu? Eles te convidaram?

J. P.: Não, eles me convidaram para trabalhar. Eu ficava em casa sem fazer nada e eles chamaram. Como eu não tinha nada para fazer, fui (João Paulo, 18 anos, filho de Neusa, segunda entrevista).

A: Você trabalha há quanto tempo nesse sítio?

W: No sítio vai fazer um ano.

A: Como você conseguiu o emprego no sítio?

W: Através do meu pai. Meu pai já morou no sítio. Então, quando eu vim pra Campinas, fiquei na casa do meu pai e fiquei sabendo do sítio. Foi quando ele arrumou esse emprego pra mim.

A: Por que seu pai arrumou esse emprego?

W: Porque eu estava desempregado e também porque os outros serviços que ele trabalhava e que eu ajudava era muito pesado, e não tinha idade pra fazer esse trabalho pesado (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

A: Você disse que arrumava dinheiro com alguns trabalhos que você fazia. Que trabalhos eram esses?

F: Algumas vezes eu trabalhava com o meu pai, ele falava: “vamo, vamo trabalhar comigo”. Com o meu tio também eu trabalhava às vezes. O trabalho com a minha família foram todos relacionados com obra e construção. Também fiz alguns trabalhos para o mercado, ajudando eles a entregar panfleto. Mas só às vezes assim, quando eu precisava de dinheiro para alguma coisa e eu procurava meus pais e eles não tinham, eu ia atrás pra ver se eu conseguia aquele dinheiro.

A: Quanto você ganhava nesses trabalhos?

F: Olha, com o meu pai e com o meu tio, eles me pagavam por dia a diária de um ajudante normal que era R\$ 35,00 a diária. E no mercado eu ganhava acho que era R\$ 30,00 por dia para entregar panfleto o dia inteiro (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista).

Na maior parte dos serviços/trabalhos conseguidos a partir de familiares, o aprendizado se faz na prática e sem contrato formal. Os adolescentes recebem uma remuneração, o que eles e os pais apreciam, mas não recebem uma “verdadeira” formação profissional; além disso, efetuam tarefas subalternas e as consideradas mais “fáceis”.

O que as falas apresentadas acima revelam é que a influência da família nas percepções dos adolescentes sobre o trabalho e nas decisões que estes tomam para si está fortemente associada a sua iniciação ao trabalho. A experiência de seus pais e seus círculos de relacionamentos contribui para tal iniciação. Porém, a continuidade no trabalho e futuras escolhas podem sofrer influências das amizades, como mostra João Paulo (18 anos, filho de Neusa, segunda entrevista) que começou a trabalhar com seu pai e tio e em seguida fez sua escolha a partir de uma indicação de amigo.

A: Como você conseguiu esse emprego?

J. P.: “Entreguei um currículo para um amigo meu que trabalha lá e ele entregou para o chefe dele, depois fiz uma prova e passei.

A: Como era a prova?

J. P.: Bom, perguntava sobre as diferenças entre de margarina, a diferença entre miligrama e ml, quilo, essas coisas.

A: O que você faz no supermercado?

J. P.: Sou operador de caixa e repositor.

A: O que faz um operador de caixa?

J. P.: Ah, passa a compra, faz troco.

A: E o repositor?

J. P.: Repositor é aquele que quando acaba alguma coisa na prateleira, tem que repor.

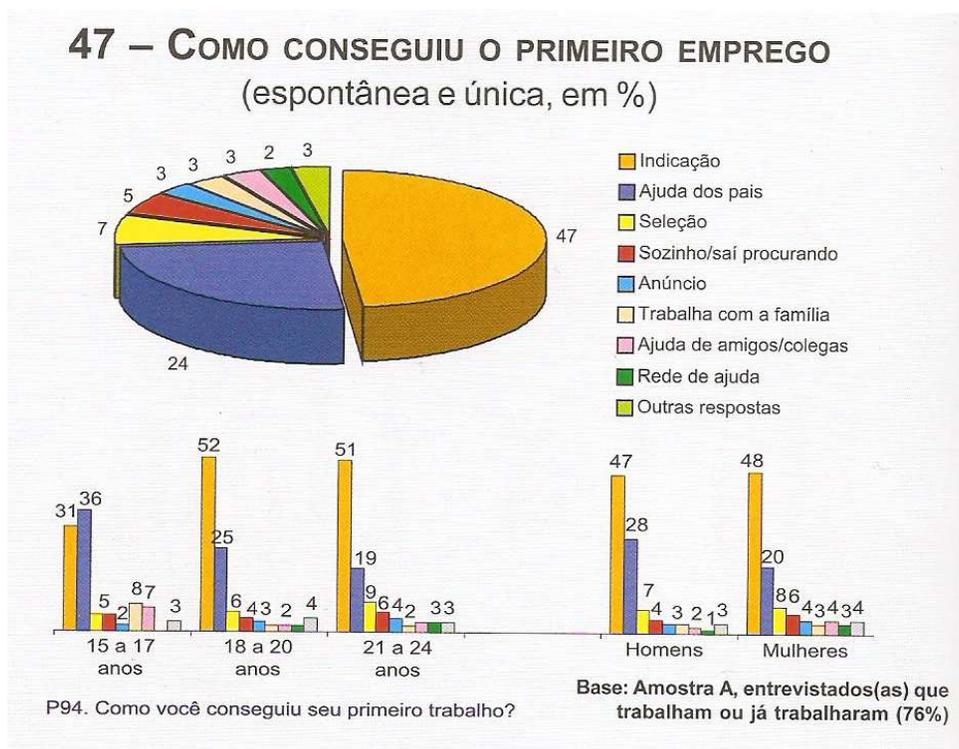
A: Você está gostando?

J. P.: Estou. É um emprego suave, sossegado.

Outro exemplo é o de Luciano (17 anos, filho de Rose e Cláudio, segunda entrevista) que não possui “serviço fixo” e trabalha alguns dias na semana com jardinagem e servente de obra. Ele consegue esses “serviços” por meio de seus amigos que já trabalham. “Eles me chamam e eu vou junto”. Luciano não possui dia certo de trabalho, às vezes trabalha a semana inteira ou três dias na semana.

Os dois casos apresentados acima, de João Paulo e Luciano, demonstram a presença dos amigos como influenciadores e incentivadores na vida dos adolescentes colaborando na construção de sua trajetória no trabalho.

De acordo com os dados obtidos na pesquisa Projeto Juventude, o quadro a seguir, mostra que as indicações (47% dos casos) e notadamente a ajuda dos pais (24%) foram as vias cruciais de obtenção de trabalho pelos jovens. Segundo Guimarães (2005), estudos sobre trajetórias de jovens no mercado brasileiro de trabalho chamam a atenção para a especificidade do movimento de ingresso juvenil, principalmente das classes média e popular. “(...) Mecanismos informais de intermediação são, entre eles, os mais poderosos instrumentos para dar início, de modo protegido e supervisionado por redes de familiares, conhecidos e amigos, às incursões no mercado de trabalho (*apud* LEITE, 2002 e 2003); Elas são uma forma de encarar o desafio do provimento de algum tipo de rendimento e a almejada independência”. (p. 170). A seguir, o gráfico abaixo revela a força dos elos parentais se fazendo sentir no momento da inclusão no trabalho.



Fonte: ABRAMO, 2005, p. 394.

As entrevistas feitas com os jovens dessa dissertação confirmam mais uma vez os dados do Projeto Juventude. Ou seja, o primeiro emprego “geralmente” (colocado em segundo lugar no gráfico acima), é obtido por alguma indicação familiar (ajuda dos pais).

No caso dos adolescentes desta dissertação que já trabalharam, o significado que atribuem ao trabalho está diretamente relacionado à definição de trabalho dado pela família. Quando questionados sobre o interesse em procurar um trabalho, os adolescentes relataram (i) o incentivo da família para a busca pelo primeiro emprego; (ii) a necessidade sócio-econômica familiar; e (iii) a idade própria para trabalhar.

É a partir das percepções de trabalho que esses adolescentes pensam e julgam seu trabalho e sua condição de trabalhadores. Dentre as reflexões que os adolescentes fazem sobre o próprio emprego/trabalho pode-se destacar (i) a associação entre trabalho e experiência, referindo-se que devido a pouca experiência que possuíam, não podiam exigir muito com relação ao salário; (ii) a valorização do trabalho pelo adolescente, como algo que o “adultiza” e se destaca entre os outros adolescentes; e (iii) a medição, de quão justo é o valor que recebem pelo trabalho que realizam, está vinculada ao esforço que realizam.

Neste sentido, os adolescentes percebem que um trabalho pesado é sempre mal remunerado, já um serviço “mais leve” é sempre bem recompensado. A seguir alguns exemplos dessa reflexão:

A: Que horário você fazia no serviço?

F: Era um dia só que dava para eu entregar os panfletos quase em todos os bairros que eles cobrem. Se eu não me engano, era de quinta-feira que eu entregava, alguma coisa assim, um dia de semana mesmo. Mas isso era mais nas férias porque eu não estava estudando. Agora nas aulas eu não tenho condições de trabalhar, até porque faltar da escola para ir trabalhar não compensa.

A: Por que você acha que não compensa?

F: Porque a prioridade hoje em dia é da escola. Independente de ter dinheiro ou não, a prioridade é ir pra escola. Estudar primeiro e depois se tiver como, trabalhar, se não, só estudar.

A: Você achava justo receber R\$ 30,00 e R\$ 35,00 pelo o que você fazia?

F: Bom, pelo o que eu fazia, sim, eu achava justo. Eu achava que estava com um bom salário, que conseguia um bom dinheiro pelo o que eu fazia, até porque eles (pai e tio) não estavam me pagando diferente de ninguém, era o mesmo valor a ser pago para todos. Então, eu achava justo sim o que eu recebia.

A: O que você achava do seu trabalho?

F: Não era um trabalho muito pesado, até porque eles não exigiam muito de mim, porque a minha capacidade era um pouco menor que a deles, porque eu não tinha experiência naquilo. Era um trabalho tranquilo e por isso eu achava justo, porque muitos que iam trabalhar no meu lugar em serviços bem mais pesados ganhavam o mesmo tanto que eu, então, eu achava bastante justo. Bem leve o tipo de

trabalho que eu fazia (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista).

A: O que você achava do seu salário?

L: Ah, eu achava bom. Estava ganhando bem.

A: E hoje? O que você acha do salário que você ganha?

L: Ah, eu acho que não ganho muito bem, não. Tenho mais obrigações e mais dívidas (Luciano, 17 anos, filho de Rose e Cláudio, segunda entrevista).

O caso de João Paulo (18 anos, filho de Neusa, segunda entrevista) explica bem essa questão de trabalho bem recompensado ou não de acordo com a função realizada, já que transitou por diferentes tipos de trabalho: pintor, servente e repositor em supermercado.

A: Como que é esse serviço de pintura?

J. P.: É pintura residencial, comercial.

A: E como que você consegue esse serviço?

J. P.: Agora eu não consigo mais porque eu deixei “quieto” esse negócio por causa de alergia a essas coisas, mas antes a gente deixava cartões nas casas das pessoas.

A: Quanto você ganhava por pintura?

J. P.: De pintura, eu tirava quinhentos reais por mês.

A: O que você achava desse dinheiro?

J. P.: Muito sofrido.

A: Por quê?

J. P.: Pelo fato de eu ter alergia a tinta, e também o desgaste, o perigo de cair do telhado. Para mim era muito pouco o que eu recebia. O mercado está sendo melhor porque é registrado, eu não pego peso, não faço nenhum esforço que me desgaste.

A: Você gosta do seu trabalho?

J. P.: Gosto

A: Por quê?

J. P.: Bom, é uma coisa que é uma fonte de renda. E também é um emprego sossegado pra mim, porque eu não posso pegar peso. Pra mim é um emprego sossegado.

A: O que você acha do seu salário?

J. P.: Acho bom, perto do que eu ganhava antes.

(...)

A: O que você achava de trabalhar como servente?

J. P.: Ah, era muito pesado.

A: Por quê? O que você fazia?

J. P.: Batia massa, carregava cimento. Pra mim era muito pesado.

A: Você se lembra quanto você ganhava?

J. P.: Cerca de R\$ 450,00 / R\$ 460,00 por mês.

A: Você trabalhava todos os dias?

J. P.: Todos os dias.

A: De que horas a que horas?

J. P.: Das 7h às 17h.

A: Por que você parou esse serviço?

J. P.: Ah, pelo fato de ser pesado. Depois eu recebi um convite para trabalhar com pintura com o meu vizinho, aí eu comecei a trabalhar com ele e agora eu estou no mercado também.

A: No que você trabalhava?
W: Eu era pedreiro, servente de pedreiro.
A: O que você achava desse trabalho?
W: Era muito pesado para a minha idade, não sei.
A: O que você acha do seu trabalho atual?
W: Nossa! É muito bom, não é cansativo, não é nada, não pega coisa pesada, nem nada. É bem melhor. A gente fica separando frutas, verduras e legumes, para mandar para as firmas, porque a gente trabalha com cozinha industrial e tem que separar essas coisas.
A: O que você acha do salário que você ganha?
W: Muito bom. Está ótimo (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

Enfim, os adolescentes percebem o trabalho como uma maneira de ajudar suas famílias, de adquirir independência financeira e de certo modo conquistar a liberdade. Isso está relacionado ao que disseram sobre como gastam o dinheiro que recebem comprando roupas, calçados, aparelhos eletrônicos, além de gastos com diversão. Alguns relataram, ainda, economizar parte do valor recebido para projetos futuros.

De acordo com alguns estudos (GUIMARÃES & ROMANELLI, 2002; OLIVEIRA & ROBAZZI, 2001; CAMPOS & FRANCISCHINI, 2003; AMAZARRAY, 2009 *apud* ASMUS & cols., 2005) os jovens buscam o trabalho como forma de consumir o que seus pais não tem condições de lhes dar. Além da questão do consumo, a possibilidade de melhorar de vida apareceu também nas falas dos adolescentes, algo já encontrado em outros estudos (OLIVEIRA & ROBAZZI, 2001; FISCHER & cols., 2003; SARRIERA & cols., 2001).

A partir das falas apresentadas neste item, percebe-se que o trabalho desses adolescentes é exercido no setor de serviços, classificado geralmente como de “apoio”, denominado como de menor complexidade, ou seja, “mais fácil”; não sendo, contudo, trabalho específico para a categoria infanto-juvenil, apesar de ter se popularizado como tal, podendo ser exercido por adultos, não sendo menos leve, menos perigoso ou menos insalubre pelo fato de ser desenvolvido por adolescentes.

No mundo do trabalho “adulto” tais tarefas correspondem à função de ajudante. A maioria desses adolescentes não tem carteira assinada. Além disso, nota-se também que o trabalho desses adolescentes pode ser entendido como rito de passagem para a vida adulta, o adolescente se percebe adulto e importante, porque já produz, tem autonomia financeira em relação a seus pais (OLIVEIRA & ROBAZZI, 2001).

Por fim, o trabalho na vida dos adolescentes continua sendo importante fonte de normatividade e experiência central de socialização. Trabalhar, no sentido de exercer uma atividade produtiva com caráter social assegurando independência financeira, é percebida pelos adolescentes entrevistados como uma expectativa básica, por vezes essencial, sempre importante. Entretanto, por trás da aparente homogeneidade das expectativas, as experiências vividas e os significados atribuídos ao trabalho são múltiplos (BAJOIT & FRANSSSEN, 2007).

2.4. Decisão: Trabalhar ou Estudar?

Os determinantes fundamentais, a lógica da inserção do adolescente no trabalho e o significado de trabalho para os adolescentes, dizem respeito tanto aos momentos que compõem o cotidiano do adolescente, como a família, a escola, o trabalho e o lazer, quanto aos fenômenos sociais mais abrangentes relacionados ao trabalho precoce, como por exemplo, a pobreza, o consumismo etc.

A seguir alguns trechos das entrevistas feitas com os pais demonstram que apesar de eles quererem que os filhos se dediquem exclusivamente aos estudos, também se preocupam com a importância de se trabalhar visando experiência, amadurecimento, valorização etc.

Nailton (36 anos, entregador de hortifruti, pai de Gustavo) espera que seu filho faça uma boa faculdade, de acordo com o gosto dele, e que seja bem sucedido. Para Nailton, Gustavo deve começar a trabalhar quando estiver “pronto”, inclusive gostaria que ele começasse a trabalhar somente depois que concluísse a faculdade. Para isso, Nailton espera ter condições para poder “banciar” os estudos do Gustavo. Apesar de ser a favor de que as pessoas trabalhem e estudem, disse que por ser pai, “morre de medo” de deixar o filho estudar a noite, devido à violência dos dias de hoje. Ele acredita que as pessoas devem começar a trabalhar após terminar a faculdade, porém acha interessante a proposta da “guardinha”, desde que cumpra com o ensino escolar. Ele acha que trabalhar e estudar é um pouco difícil, principalmente em determinados tipos de trabalho, mas é possível sim.

Cleusa (47 anos, esposa de Adoniram e mãe de Vanessa) acredita que o estudo é o único bem que os pais podem “investir” nos filhos, porque é a base do ser humano.

Afirmou que quando era pequena, o estudo até a quarta série era o suficiente para uma pessoa viver, mas hoje o mundo está mais exigente. Ela sempre diz que aquilo que uma pessoa aprende, ninguém “tira” dela. A pessoa que estuda aprende a viver socialmente e a “manter” um bom futuro. Entende que o estudo é um importante complemento do ser humano e que 16 anos de idade é uma boa idade para se começar a trabalhar além de ser possível uma pessoa estudar e trabalhar, por mais difícil que seja.

Vanessa (17 anos, filha de Cleusa e Adoniram, segunda entrevista) gostaria de começar a trabalhar com 14 anos de idade, porém, seus pais acham melhor ela começar a trabalhar somente quando estiver no Ensino Médio. Cleusa (47 anos, esposa de Adoniram e mãe de Vanessa) disse que a Edna (sua filha mais velha) gosta muito do que faz (estudar e trabalhar) e que nunca viu ninguém com tanto ânimo para trabalhar. Cleusa acha que ela deve gastar mesmo as energias que tem, para que quando ficar velha, aí sim, descansar.

Nilton (35 anos, pedreiro, marido de Dalva, pai de Fábio) acredita que o estudo é tudo na vida de uma pessoa. Em entrevista disse que praticamente não tem estudo, só sabe ler e escrever. Mesmo assim sabe que se estudar, a pessoa terá “mais chance de ir mais longe”. A única “coisa” que Nilton quer do filho é que ele estude. Disse que não “forçará” o filho a trabalhar como ele foi “forçado”. Porém, acha que uma pessoa pode começar a trabalhar entre 13 e 14 anos de idade. Para ele é vantajoso estudar e começar a trabalhar cedo, porque a pessoa cresce se “dedicando” mais e “valorizando” mais o dinheiro. Para ele é totalmente conciliável trabalhar e estudar, principalmente até concluir o Ensino Médio, porque na faculdade, os estudos são mais “puxados”. Para Nilton, se a pessoa não conseguir conciliar os dois, é preferível que comece a trabalhar mais tarde a ter que parar de estudar mais cedo. Segundo ele, o “bom de começar a trabalhar cedo” é que a pessoa “começa a se virar” e a se valorizar. Para ele, se a pessoa demora muito para conseguir um emprego, quando for trabalhar, não terá muita “disponibilidade” e gosto pelo trabalho. Acredita também que o dinheiro que a pessoa recebe deve ser gasto com ela mesma.

Dentre as entrevistas houve casos em que os pais gostariam que seus filhos só começassem a trabalhar depois que concluíssem um curso superior. Outros, porém, acreditam que os filhos deveriam estudar e trabalhar ao mesmo tempo, com o intuito de irem se “acostumando” com a vida laboriosa, para quando ficarem adultos, terem “ânimo” para trabalhar.

O trecho de entrevista abaixo mostra o que Silvia (38 anos, faxineira, esposa de Edvaldo, madrasta de Wesley) acha do trabalho na vida dos adolescentes:

A: Com quantos anos você acha que uma pessoa deve começar a trabalhar?

S: Eu acho que a gente pode começar a trabalhar cedo, desde que esse trabalho não venha atrapalhar o estudo, que nem aconteceu comigo. Porque se eu não precisasse tanto trabalhar mais cedo, eu teria estudado antes e trabalhar.

A: Que idade você acha ideal para começar a trabalhar?

S: Eu acho que a partir dos 14 anos já pode começar. Depende do serviço também que vai fazer. Desde que não seja um serviço muito pesado, e que não vá ocupar o dia todo.

Os pais acreditam ser importante o trabalho na vida dos adolescentes como forma de ajudarem financeiramente em casa. Nilza (39 anos, doméstica, esposa de Sebastião, mãe de Tiago) acredita que por volta dos 16 anos de idade seja uma boa idade para começar a trabalhar. Porém, acha que a pessoa deve trabalhar e estudar ao mesmo tempo, e que é possível conciliar os dois, apesar de ser cansativo, já há muitas pessoas que fazem isso. Nilza também acredita que ao começar a trabalhar os filhos devam ajudar financeiramente em casa, sempre quando os pais precisarem. Nilza disse que se Tiago quiser trabalhar antes dos 16 anos de idade, não irá “segurar” ele, porque se ele quer ter um dinheiro para ele e o futuro é dele não teria problemas. Outro exemplo é o de Madalena (37 anos, professora, esposa de Nailton, mãe de Gustavo):

A: Com que idade você acha que seu filho deveria começar a trabalhar?

M: Ah, acho que no primeiro colegial está bom. Dá para começar a ajudar.

A: Com quantos anos?

M: Uns 14, 15 anos.

A: Você acha que ele deve continuar estudando e trabalhando?

M: Eu acho. Meio período arruma um lugarzinho para trabalhar, alguma coisa para fazer, para aprender, e o outro meio período estuda.

Os pais também vêem o trabalho como um aprendizado, no sentido de os adolescentes compreenderem o “sacrifício” que é conquistar o que desejam, principalmente com relação a adquirir bens de consumo. A seguir a fala de Marlene (41 anos, doméstica, mãe de João Paulo) exemplifica um pouco isso:

M: Ele está numa idade em que quer tudo de marca. Ele quer tudo de marca, tênis de marca, porque o “fulano” tem o tênis de marca. E eu falo para ele que tudo isso custa dinheiro e se o que ele quer vem fácil, de graça, não vai valorizar. Então eu exijo que ele ajude para merecer aquela coisa de valor mais alto.

A: Seu filho entende bem quando você não tem dinheiro?

M: O Régis não entende muito não. Tanto que ele fala que é por isso que ele está trabalhando: “por isso que eu quero trabalhar. A mãe nunca tem dinheiro”. Mas não é assim. Meus gastos são grandes. Nós somos em três, eu e os dois e o gasto não é pouco.

A: O que você acha dele querer trabalhar?

M: Eu acho bom. Eu também comecei a trabalhar cedo e não me arrependo. Eu acho que eu cresci assim mais madura do que ele é hoje. Ele é muito infantil para a idade dele. Ele só pensa em brincar, jogar bola e andar de bicicleta. Eu também brincava, andava de bicicleta, mas eu tinha as minhas obrigações e fazia primeiro as minhas obrigações.

(...)

A: Com quantos anos você acha que uma pessoa deve começar a trabalhar?

M: Ah eu acho que catorze anos já é uma boa idade.

A: Por quê?

M: Eu acho que com catorze anos já é uma boa idade porque com catorze anos é a idade em que começa a querer as coisas melhores. Até os catorze anos você consegue comprar as coisas e engana: “Olha filho isso aqui que bonito”. A partir dos catorze anos eles querem ir na loja e escolher o que eles querem. Aí eu acho que está na hora de trabalhar para valorizar aquilo que tem. (...) Tem que aprender a valorizar as mínimas coisas porque se não valorizar as mínimas não vai aprender a valorizar as grandes também.

Segundo Vera (33 anos, doméstica, mãe de Kelly) trabalhar é tudo; é muito importante trabalhar e ter o “próprio sustento”, sem depender de outra pessoa para “sobreviver”. Ela se arrepende por “ter descoberto isso muito tarde” e acredita que as pessoas devam começar a trabalhar a partir do momento em que houver “necessidade”. Ela não vê “problemas” em a pessoa começar a ganhar dinheiro com o próprio “suor”. Para Vera, uma pessoa de 16 anos tem idade suficiente para começar a trabalhar. Porém, deve trabalhar e estudar, o que acredita ser conciliável. Disse ainda que os filhos devem contribuir economicamente, porque quando começam a ganhar o próprio dinheiro, passam a dar mais “valor” no dinheiro que recebem. Para ela, se a pessoa gasta todo o dinheiro de uma só vez, não aprende a dar valor para o trabalho que possui e para o dinheiro que recebe. Então se ajudam em casa com dinheiro, começam a dar mais valor a ele.

Outra preocupação dos pais que recai sobre a importância de se trabalhar na adolescência é a tentativa de se evitar a vadiagem juvenil. Dalva (44 anos, auxiliar administrativo, esposa de Nilton, mãe de Fábio) acredita ser muito importante estudar, principalmente pelo convívio com as outras pessoas. “A pessoa mais culta é mais fácil de se conviver” porque é uma pessoa que “entende mais as coisas” e não é tão “ignorante”. Uma pessoa que é “menos culta” é mais difícil “entrar as idéias na cabeça”. Além disso, o estudo é bom para “arrumar” um “emprego melhor”. Por outro lado, ela acredita que as pessoas

deveriam começar a trabalhar o mais cedo possível, porque ao trabalhar a pessoa se sente “valorizada” e “útil”. Além disso, o trabalho “ocupa a mente da pessoa” para não ir para a “malandragem”. Para ela, aos 15 e 16 anos de idade, “já dá para encarar em trabalho”. Porém, não deve parar os estudos. Ela acredita que é possível conciliar os dois até certo tempo, porque “quando chega para o mais pesado, para uma faculdade”, fica meio difícil para a pessoa trabalhar e estudar. Outro exemplo é a de Edvaldo (38 anos, pedreiro, marido de Silvia, pai de Wesley):

A: Quem trabalha na sua casa?

E: Eu e minha esposa. Tem meu filho, que estuda na parte da tarde e trabalha na parte da manhã. No condomínio onde a minha mulher trabalha, eu pedi um “servicinho” lá para ele. Para não ficar parado olhando para rua, então vai trabalhar.

A: O que você acha dele trabalhar?

E: Eu acho bom. Pelo menos ele não fica andado pela rua, dando o que falar para os outros. Então, estando entretido no “servicinho” dele é melhor do que ficar fazendo coisa errada.

Um aspecto interessante presente nas entrevistas foi que muitos dos pais não se arrependem de ter começado a trabalhar desde “cedo”, pois aprenderam a “se virar”. Entretanto, todos sentem a “falta” dos estudos que não tiveram na infância. Alguns pais procuraram fazer o supletivo na tentativa de resgatar a perda dos estudos, outros, gostariam de voltar a estudar, mas dizem não ter condições de trabalhar e depois estudar, mesmo acreditando ser possível esta conciliação. Estes pais afirmam que a idade em que estão não colabora muito para trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Pode-se concluir então, que a decisão de trabalhar e estudar está vinculada (i) às percepções que os pais dos adolescentes tem sobre trabalho e juventude; (ii) às necessidades da vida familiar enquanto ajuda financeira; e (iii) às percepções dos adolescentes sobre a entrada no mundo do trabalho. Desta forma, além da necessidade de aumentar a renda, o trabalho dos jovens é valorizado pelas famílias pelo seu potencial socializador, uma vez que, em tese, mantém os jovens ocupados e, portanto “longe dos riscos e descaminhos” da vivência na rua, como as drogas e a criminalidade. O trabalho contribui também para a formação ética e para o desenvolvimento de valores de responsabilidade e de solidariedade. A família compreende que a escola também cumpre papel protetor, por manter os filhos em local seguro. Por isso, para essas famílias, trabalho e escola não são excludentes (LACHTIM & SOARES, 2009).

CAPÍTULO III

ENTRE O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO

História de Família: João Paulo e Neusa

A história da família de João Paulo começa com sua mãe Neusa que está separada de seu pai há alguns anos. A história de vida de Neusa poderá ajudar na compreensão da trajetória de vida escolhida por seu filho João Paulo. Atualmente, João Paulo trabalha em um supermercado no período da manhã e da tarde e à noite estuda.

Neusa é uma mulher nascida em 2 de maio de 1965 no município de Campinas-SP. Apesar de sua família ser de Campinas-SP, moraram em outras cidades da região como Bauru-SP e Duartina-SP. Quando criança morava com seus pais e mais três irmãos. Eram ao todo seis pessoas em sua casa.

Quando criança, sua família era “muito pobre, abaixo da renda”, “uma classe muito baixa mesmo”. Para ela, “só não foram menino de rua, pedinte” porque seus pais ensinaram aos filhos “que isso era feio”.

Em sua casa trabalhavam seu pai e sua mãe. Neusa (nove anos de idade) e o irmão (dez anos de idade) “ajudavam” sua mãe na colheita de algodão. Ajudavam para que sua mãe tivesse dinheiro para comprar o que precisava, por exemplo, “roupa de cama”. Na época o salário de seu pai não dava para comprar “roupa de cama, guardanapo, toalha de mesa”.

Neusa não gostava de trabalhar na colheita porque as “costas doíam demais”, o “sol ardia” e o “peso era grande”. A venda do algodão era por “arroba”, então, tinha que “render” para “valer” o dia trabalhado. Começavam a colher o algodão às 7 horas da manhã e iam até às 17 horas. O “caminhão de bóia-fria” passava em sua casa e pegava-os para trabalhar.

Além disso, sua mãe e seu irmão plantavam algumas verduras e vendiam na rua para no final de semana terem um “dinheirinho” para comprar o pão e o leite. Ela conta que em sua casa “o pão e o leite” era somente aos finais de semana, durante a semana era só “café preto”.

Apesar das dificuldades, Neusa acredita que sua vida era mais feliz naquela época: “era feliz e não sabia”. Isso porque parecia que “tudo era festa” e alegria; hoje tudo é muito “complicado”.

Neusa trabalha desde os 8 anos de idade. Ela começou a “trabalhar como babá” cuidando de duas “meninhas”. Trabalhava em troca de roupas e calçados porque seus pais “eram muito pobres e não podiam comprar”, e como ela estava na escola, sempre queria andar “bonitinha”. Neusa conta que só tinha um “chininho havaianas” para ir para a escola, porém, como queria um “sapatinho” e um “vestidinho” começou a trabalhar.

Na época, Neusa tinha uma vizinha que era muito “cobrada pelo marido” para ajudá-lo no trabalho, pois era autônomo. Porém, ela dizia ao marido que não podia ajudá-lo porque tinha que cuidar das filhas. Neusa, então, se ofereceu para cuidar das meninas e sua mãe acertou tudo com a vizinha: Neusa cuidaria de suas filhas em troca de roupas e calçados, no horário oposto ao da escola.

Permaneceu neste emprego durante seis meses. Mas não gostava do trabalho porque achava “chato”. Conta que as meninas quando iam tomar banho, passavam sabão nos olhos, gritavam e choravam, e isso a irritava muito.

Passado um tempo sua família resolveu mudar-se para outra cidade. Neusa já com 11 anos de idade, voltou a trabalhar desta vez para sua professora. Conseguiu esse emprego após conversar com sua professora que precisava de alguém para cuidar de seu filho no período da noite, já que ela e o marido estudavam. Neusa aceitou a oferta e passou a morar no emprego porque saía cedo para a escola e tinha que cuidar da criança à noite. “De lá pra cá nunca mais” parou de trabalhar.

Trabalhou por três anos cuidando do filho de sua professora. Depois resolveu sair porque não queria mais cuidar de crianças. Ao sair, o filho de sua professora adoeceu e ela foi atrás de Neusa pedindo para que voltasse a trabalhar para ela. Neusa voltou e ficou por mais dois anos.

Na época em que trabalhou para sua professora, ganhava “meio salário mínimo” e gastava o dinheiro com roupa e brinquedos para seus irmãos, pois seu pai “nunca comprava brinquedos” para eles. Também as roupas que tinham eram “ganhadas” e nunca “compradas”. Neusa se referia como “mãe deles” (dos irmãos). Inclusive quando saiam

juntos, ela pedia para que eles a chamassem de “mãe”, para todos achar que eram seus filhos.

Neusa denomina-se muito “imprevisível”. Ela pode estar bem em um emprego, mas se algo a “desagradar”, não pensa “duas vezes” em sair do emprego. Quando cuidava do filho de sua professora, se desagradou com o menino que já tinha 4 anos de idade, “e ainda fazia sujeira nas calças”. Segundo ela, naquele tempo não havia “fralda descartável”, era só “fralda de tecido”, e era ela quem tinha que lavar as fraldas. Isso foi deixando-a “estressada” porque mesmo ainda sendo “criança” naquela época, ela já tinha cuidado de seus irmãos e sabia que criança com dois anos de idade já não usava fraldas. Disse ainda que quando estava somente com ela, o menino pedia para ir ao banheiro, mas quando a mãe dele estava junto, “ele fazia tudo nas calças” e quem tinha que limpar era Neusa. Por isso saiu do emprego. Quando Neusa voltou a cuidar do filho de sua professora, ele ficava menos tempo com ela, pois tinha a “escolinha”. Quando Neusa saiu deste emprego, voltou a morar com os pais.

Neusa estudou até a quinta série do Ensino Fundamental. Ela parou de estudar aos 15 anos de idade, porque precisava ajudar financeiramente sua mãe, que se separou de seu pai. Neusa gostava de estudar e era “muito inteligente”. Agora se sente “uma burra”. Também disse que muita “coisa” mudou e sente muita falta de estudar. Ela já pensou em voltar a estudar, mas os afazeres domésticos e o horário de trabalho fizeram com que desistisse.

Quando parou de estudar, Neusa conseguiu um emprego em uma “camisaria” como “pregadora de botão”. Ela trabalhava o dia inteiro de segunda e sexta e ainda fazia hora extra. Neusa “ganhava” um salário mínimo e entregava todo o dinheiro para sua mãe, que pagava o aluguel e sustentava a casa. Depois passou a trabalhar na “Campineira”, porque eles admitiam pessoas a partir de 16 anos de idade. Todo o salário que recebia entregava para sua mãe. Neusa só pedia dinheiro ou o que queria para sua mãe se realmente estivesse precisando daquilo. Então sua mãe ia e fazia “crediário” na loja para comprar, por exemplo, um calçado.

Entretanto, ficou pouco tempo na “Campineira” porque seu pai voltou a morar com eles e nessa volta foram morar em um lugar distante, onde não havia ônibus para levá-la ao trabalho.

Com essa mudança, ficou um tempo “parada, sem trabalhar até conseguir um trabalho como doméstica. Trabalhou um ano em um sítio, onde conheceu seu “ex-marido”. Neusa casou aos 16 anos de idade e ficou um ano “em casa”, sem trabalhar.

Em seguida começou a trabalhar porque o salário de seu marido não era suficiente para pagar as despesas. Trabalhou dois anos como doméstica e ao sair desse serviço foi para a “roça” onde trabalhou por 12 anos, mexendo somente com flores. Após estes anos ela e o marido mudaram-se para Americana-SP onde passou a trabalhar em uma loja de floricultura. Trabalhou dois anos em Americana-SP antes de se separar do marido e trabalhar somente como doméstica.

Neusa gostava de trabalhar na roça, exceto em época de frio quando tinham que plantar e as mãos doíam por mexer na terra molhada e gelada, além da posição que tinha que ficar: “cócoras”, o que era desconfortável.

Em seguida, Neusa trabalhou de doméstica em Indaiatuba-SP, porém disse que era muito “sacrificoso [*sic*]” pois tinha que acordar às 5 horas da manhã para pegar o ônibus às 5h30min e chegar em Indaiatuba às 8 horas da manhã. Quando saía do trabalho às 16 horas, o ônibus não coincidia com os horários e acabava chegando às 20 horas em sua casa. Neusa trabalhou de doméstica em Indaiatuba-SP por cinco anos. Ela conseguiu este emprego por meio de sua cunhada, que trabalhava na firma da dona da casa.

Atualmente Neusa trabalha de doméstica em uma casa no AlphaVille, um condomínio de Campinas-SP. Diariamente na casa onde trabalha, ela lava, passa, cozinha, cuida dos papagaios, etc. Neusa trabalha de segunda a sexta, das 8 horas às 17 horas e folga aos finais de semana. Aos finais de semana ela “trabalha em casa”. Neusa recebe mensalmente R\$ 460,00, mais uma cesta básica e uma “ajuda de custo” semanal de R\$ 30,00 para o ônibus. Neusa trabalha há dois anos nesta mesma casa. Ela conseguiu este emprego por meio da indicação de uma amiga afastada do trabalho de doméstica em função da “tendinite”. Ela conseguiu um “serviço no shopping como vendedora”, e passou o serviço de doméstica para Neusa.

Neusa gosta do trabalho que faz, porque seus patrões “são muito amigos” e “não trata a gente como empregada”. Se Neusa não está bem de saúde, pode ir ao médico sem que seja descontado do seu salário. Também se não está bem para fazer certos tipos de serviços, não precisa. Além disso, pode acompanhar os filhos e sua mãe ao médico. Disse

que seus patrões não são como “essas pessoas que tratam a gente profissionalmente”. Segundo ela, muitos patrões tratam as empregadas “profissionalmente”, e quando elas vão ao médico precisam levar o atestado no dia seguinte. Para Neusa, a relação com os atuais patrões é “ótima”. Disse que “é uma relação gostosa” e às vezes até vão ao mercado e ao shopping juntos.

Para Neusa, trabalhar é uma “terapia”. No trabalho se sente uma “pessoa totalmente livre como um passarinho”. Para ela, um bom trabalho é aquele em que tem a liberdade “para falar o que tá pensando”, que tenha respeito e “liberdade de administrar o que vai fazer naquele dia”.

Já um trabalho ruim é aquele onde a pessoa chega e o patrão diz que ela deverá levar uma “marmita” (levar seu próprio alimento para o trabalho). Segundo Neusa, isso é “humilhante” porque mesmo “cozinhando pra eles”, não pode comer a mesma comida. Ela nunca passou por esta situação, mas tem “amigas” que já passaram por isso. Segundo ela, existem muitas patroas que “jogam fora a comida, o bolo, o pão”, mas “não deixam a empregada comer”. Tem muito caso assim, principalmente no “AlphaVille” e ela fica “horrorizada com isso”. Para ela, isso é “muita humilhação”.

Neusa aprendeu o trabalho doméstico com sua mãe. Sua mãe era muito exigente e sempre pedia para os filhos “fazer e fazer bem feito” (a limpeza). Neusa “sempre” ajudou em casa, “desde criança”, por volta dos 5 anos de idade, quando ainda moravam em Bauru-SP. Eles moravam na fazenda do primo de seu pai.

Nesse tempo, seus pais trabalhavam na roça de café e levavam seu irmão junto. Neusa ficava sozinha em casa, então limpava, varria, “passava pano”, lavava louça, etc. Quando sua mãe voltava do trabalho já estava tudo limpo e arrumado. Sua mãe nunca lhe pediu para limpar a casa, mas Neusa sempre gostou de “ver tudo muito limpo” e fazia o serviço espontaneamente.

Atualmente, Neusa tem três filhos (uma menina e dois meninos) que só ajudam no serviço de casa se ela “mandar”, “olhar de cara feia” e ficar “brava”. “Se deixar por conta só deles, eles só brincam”. Geralmente pede para seus filhos, lavar a louça, secar e guardar, recolher a roupa do varal, tirar pó e varrer a casa. Neusa acha bom que os filhos ajudem em casa, e os lembra de que não terão ela a “vida inteira do lado deles”. Além disso, quando

crescerem, “se Deus der uma boa oportunidade, eles vão fazer uma faculdade”, e terão que saber fazer o serviço doméstico. Segundo ela, seus filhos precisam ganhar “independência”.

Neusa cobra que João Paulo a ajude nos serviços de casa, “exigindo que ele ajude”, arrumando a cama e limpando o quintal, porque assim dará mais valor, já que está “numa idade que ele quer tudo de marca”. Neusa sempre diz aos filhos que “tudo isso custa dinheiro”. Segundo ela, “se tudo isso vem de graça”, eles não irão “valorizar”. Então ela exige que eles arrumem tudo “para ele estar merecendo aquela coisa de valor mais alto”. Para ela, João Paulo não faz “nada”, então não tem motivo para ele não fazer o que ela pede.

Seus filhos não recebem mesada porque toda semana eles pedem dinheiro e se desse uma mesada “gastariam tudo de uma só vez”. Por isso, achou melhor dar o dinheiro aos poucos.

Quando Neusa dá dinheiro aos filhos, não pede nada em troca porque acha que “a educação não pode ter chantagem”. Às vezes quando ela dá o dinheiro para os filhos, eles a agradecem com um beijo e dizem que ela é “a melhor mãe do mundo”.

Segundo ela, eles compreendem quando diz que não tem dinheiro, mas às vezes “fazem bico, começam a chorar” e a reclamar que ela “nunca tem dinheiro” e por isso querem “arrumar trabalho”. Neusa acha bom ele querer trabalhar, porque ela começou a “trabalhar cedo” e não se “arrepende”.

Para Neusa, 14 anos é uma “boa idade” para uma pessoa começar a trabalhar porque começa a querer escolher o que quer comprar. Ela acha que este é o momento das pessoas começarem a trabalhar para valorizar aquilo que têm. Segundo ela, precisam aprender a valorizar as pequenas coisas, para depois saber valorizar as grandes. Até os 14 anos, dá para “enganar” (os filhos) e dar algo sem marca.

João Paulo chegou a trabalhar com o pai dele, que era motorista do CEASA. Ele acompanhava o pai nas férias e começou a ajudar os clientes a carregar as flores do “box” até o carro, e com isso começou a ganhar gorjetas. Esse dinheiro que recebia, gastava com “lanche” e “brinquedinhos”.

Neusa acompanha o desempenho escolar dos filhos. Ela não os ajuda nas lições da escola, mas os acompanha fazendo a lição e se vê que tem alguma coisa errada, ela apaga e pede para eles refazerem. Quando seus filhos “estão indo mal na escola” ela briga muito

com eles e diz que isso é a única coisa que eles fazem, e pergunta o que eles querem para a vida, se querem limpar “banheiro de rodoviária”, ou “puxar a carroça no lugar do cavalo”.

Quanto ao futuro de seus filhos, Neusa espera que “sejam honestos, decentes e trabalhadores”, que tenham uma “profissão decente”, “menos política, porque o restante” para ela “tudo é decente”. Neusa exige muito deles para que estudem, para que se “esforcem” para quando chegar na oitava série, fazer os simulados para o vestibular e estarem “craques”, pois ela não terá condições de pagar um “cursinho” (pré-vestibular).

Segundo ela, seus filhos acham que “não há necessidade” de estudar tanto “porque tem serviço de pedreiro, e pedreiro não precisa estudar”. Neusa insiste e diz que pedreiro “precisa estudar” para saber as “medidas” do que está fazendo, “tem que saber matemática também”, do contrário “não vai conseguir levantar uma casa”. “De qualquer jeito precisa de estudo”. Neusa tem vários sonhos, sendo um deles ter a própria casa e ver os filhos na igreja “louvando mais a Deus”.

Nota-se na história de Neusa uma diferenciação entre “trabalho” e “ajuda”, quando afirma que começou a trabalhar como babá e a ajudar a mãe na colheita de algodão na mesma época. Entretanto ela trata um como trabalho e outro como ajuda.

No capítulo anterior, pode-se conhecer o que os pais dos adolescentes entrevistados pensam sobre estudos, trabalho e o futuro de seus filhos e como isso influencia na percepção que esses adolescentes têm do trabalho.

Para este capítulo propõem-se analisar as experiências passadas dos pais dos adolescentes para tentar compreender de que forma isso influencia nas decisões dos adolescentes para a continuidade ou mudança em sua trajetória social. Para isso, subdividiu-se este capítulo em dois subtítulos com o intuito de compreender as construções do presente e as projeções do futuro a partir do passado vivido pelos pais dos adolescentes.

3.1. Experiências passadas: continuidades ou mudanças?

De acordo com D’Avila (1998) a progressiva construção de uma trajetória, fruto da articulação entre uma “transação biográfica” e uma “transação relacional”, conceitos propostos por Dubar (1992, 1994), expressam com muito mais proximidade aquilo que se observa a partir de um olhar retrospectivo de sua trajetória escolar.

Quanto à construção de uma biografia, propõe-se o entendimento baseado na suposição de que o passado não determina mecanicamente o futuro. Assim, esta articulação se apresenta sob a forma de uma dupla transação: “uma transação "biográfica" que consiste em projetar os futuros possíveis em continuidade ou ruptura com um passado reconstituído ("trajetória"), uma transação "relacional", que visa fazer conhecer ou não, pelos pares institucionais, a legitimidade de suas pretensões, tendo em vista objetivos e meios ("política") da instituição. “(...) Assim, o eixo temporal do social pode sempre sofrer o efeito (*s'infléchir*) de novas relações num espaço estratégico; inversamente, as relações num espaço social se estabelecem sempre entre indivíduos que adquiriram esquemas de percepção prévios” (DUBAR 1992, p. 521- 522).

Nesse sentido, a articulação entre essas duas transações, favorecendo a construção de uma biografia que supera as contingências determinadas pelo mero passado biográfico, é sensível, quando se tem em vista o peso que se constata no incentivo familiar e cooperação entre os amigos. A convivência com os amigos e suas aspirações, influencia nas percepções que os adolescentes construíram a partir das experiências e expectativas de seus pais, provocando algumas vezes mudanças em sua forma de pensar que levam ao adiamento ou antecipação da inserção no mundo do trabalho, acarretando a transferência de projetos profissionais e a definição de uma identificação adulta para o exterior da escola, tendendo, assim, a aproximar os jovens em torno de ambições, modos de vida ou prática de trabalho comuns, apesar das diferenças sociais e culturais.

Assim, o futuro se torna presente e absorve o passado. Importantes mudanças sociais e culturais incidem sobre as representações relativas às percepções construídas pelos adolescentes sobre o trabalho e seu futuro. As transformações nas relações de trabalho e o prolongamento da escolarização são provavelmente as mais importantes (PERALVA, 1997).

As entrevistas com os pais dos adolescentes mostram as mudanças ocorridas ao longo dos anos e como eles percebem essas mudanças, por exemplo, quando eram crianças as famílias eram formadas por um grande número de pessoas, hoje as famílias são reduzidas. Outro exemplo é a formação escolar: seus pais (avós dos adolescentes) não tiveram qualquer tipo de acesso à escola, mas os filhos (pais dos adolescentes) tiveram pelo

menos alguns anos de estudo. Hoje seus filhos (adolescentes) tem mais chances de estudar do que seus avós tiveram.

Abaixo segue um breve resumo da história e trajetória de Dalva (44 anos, auxiliar administrativo, esposa de Nilton, mãe de Fábio) retratando como era sua vida na infância e adolescência e como isso influenciou sua maneira de pensar na atualidade, tanto para a continuidade quanto para a mudança de sua condição sócio-econômica.

Dalva nasceu em Guaraí-GO e morava com seus pais e mais quatro irmãos. Seu pai era lavrador e sua mãe o ajudava na roça, com atividades “leves”, como a colheita. Seus pais nunca estudaram, mas sabiam escrever o nome e até uma carta, “coisas que aprenderam por si”. Enquanto seus pais estavam na lavoura, ela e uma irmã mais nova limpavam a casa; e uma irmã mais velha cuidava de todos os irmãos e fazia a comida, porque era algo perigoso para os menores fazerem. Acredita que por volta dos 6 anos de idade já ajudava em sua casa (pegava água no rio, lavava a louça, etc.). Sua mãe lhe ensinou a lavar roupa, a cortar o frango, etc. Menciona que era uma família simples e não tinha como aprender a limpar uma casa, porque não tinham muitos móveis. Por isso, diz que esse “serviço pesado”, aprendeu quando trabalhou na casa de sua ex-professora. Dalva gostava de ajudar sua mãe em casa porque se sentia útil. “Ficava sempre querendo fazer alguma coisa”, porque queria ajudar.

A condição de vida de sua família naquela época “era bem difícil”. Não chegaram a passar fome, mas passaram muita “necessidade”. Seu pai plantava para a sobrevivência da família e vender para outras pessoas, assim conseguia dinheiro para comprar o que faltava. Dalva pedia dinheiro para seus pais para comprar balas e outras “coisas bem simples” e seu pai quando tinha, lhe dava. Segundo ela, sua situação atual está melhor que antes.

Dalva disse que a relação dela com os pais era muito boa, apesar de não serem pais “carinhosos”. Seu pai era tranquilo e carinhoso e sua mãe era mais autoritária, mas conversava com os filhos. Muitas vezes, sua mãe batia nela e nos irmãos, porque faziam o que não devia, ou o “que ela achava que não devia fazer”. Ela concordava com seus pais quanto à maneira de lhes educar. Na época achava isso ruim, mas hoje vê que seus pais não tiveram educação e estudo para ter outra “forma de educar” os filhos. Era o jeito deles. Seus pais não eram “carrascos”. Seu pai nunca lhe bateu, mas sua mãe quando batia era para

“ensinar”, não era algo para “maltratar”. Hoje em dia, Dalva passa para o filho como foi sua criação e como era o respeito entre eles.

Somente quando foram morar na cidade é que os filhos passaram a estudar. Dalva começou a estudar com 8 anos de idade. Depois de dois anos na escola parou de estudar porque seu pai vendeu as terras que tinha em Goiás e mudaram-se para Maranhão. Nesse período em que ficaram no Maranhão (aproximadamente três anos), ela e os irmãos ficaram sem estudar porque não tinha escola na região. Conta que “choravam” porque queriam estudar e “pegava” os livros e os “mastigava”, ficavam “lendo e relendo” todo o tempo.

A terra no Maranhão era “muito ruim” e improdutiva. Depois de um tempo, seu pai vendeu essas terras e voltaram para “Goiás, foi quando sua mãe matriculou as filhas em uma “escola de fundo de quintal”, porque não havia vagas na escola pública. No ano seguinte, foram matriculadas em uma “escola pública”. Dalva com 13 anos de idade foi encaminhada para a terceira série do Ensino Fundamental. Atualmente ela tem o Ensino Médio concluído.

Segundo Dalva, seus pais eram preocupados com os estudos dos filhos. Inclusive eram eles que os matriculavam na escola. Quando foram para o Maranhão, seu pai se preocupou muito com a situação da escola de seus filhos e ficaram muito incomodados por não poderem estudar, já que achavam importante para conseguir um emprego e ter um futuro e uma condição de vida melhor.

Dalva pensava em fazer faculdade e se matricular no curso de Nutrição ou de Economia e inclusive prestou o vestibular. Porém, quando terminou o Ensino Médio, estava muito cansada e não sabia se iria continuar os estudos. Para ela estava “bom do jeito que estava”. Atualmente, ela não tem vontade de fazer uma faculdade, mas alguns cursos no SEBRAE na área de administração.

Dalva trabalha desde os 16 anos de idade e seu primeiro emprego foi em uma tabacaria onde trabalhava atendendo os clientes, no caixa, e na casa dos donos como doméstica. Dalva estudava na escola primária (1ª a 4ª série do Ensino Fundamental), quando sua professora lhe “convidou” para trabalhar como doméstica em sua casa onde passou a morar.

Ela acordava diariamente às 6 horas da manhã e limpava a casa, depois ia trabalhar na tabacaria. Após o serviço ia para a escola, onde estudava à noite até as 22 horas, depois

voltava para a casa de sua professora. Muitas vezes quando chegava da escola tinha que “arrumar a cozinha”. Disse que preferia lavar a louça à noite, para não tomar muito de seu tempo durante a manhã. Seus avós moravam na mesma cidade onde trabalhava, mas Dalva preferiu morar na casa de seus patrões porque ficava mais fácil para ir para a escola. Dalva não tinha folga, trabalhava todos os dias, inclusive aos finais de semana e feriados.

Nesse emprego onde ficou durante três anos recebia um salário, mas não “contava” com ele para fazer nada, porque era muito pouco. Para ela, este trabalho valeu para aprender como “fazer as coisas”, mas o achava “muito ruim” e pediu demissão.

Quando estava no final da oitava série do Ensino Fundamental, sua ex-professora pediu para que voltasse a trabalhar para ela. Dalva tinha planos de voltar para Goiânia, e sabendo que ficaria por pouco tempo voltou a trabalhar para ela: “ela não ia me prender por muito tempo”. Após concluir a oitava série voltou para Goiânia e deixou o emprego.

A partir de sua história familiar e de trabalho, Dalva acredita que as pessoas deveriam começar a trabalhar o mais cedo possível, porque ao trabalhar a pessoa se sente “valorizada” e “útil”. Além disso, o trabalho “ocupa a mente” para não “cair” na “malandragem”. Para ela, aos 15 e 16 anos de idade, “já dá pra encarar um trabalho”. Porém, os jovens não devem parar de estudar para trabalhar. Ela acredita ser possível conciliar as duas atividades.

Para o futuro de seu filho Fábio, Dalva espera que seja “tudo de bom”. Que ele se forme, tenha um “bom” emprego e que seja uma pessoa responsável. Para ela, um bom emprego é aquele que faça a pessoa se sentir “realizada”. Ela afirma que não gostaria que seu filho fosse “faxineiro”, apesar de “todo trabalho dignificar a pessoa”, ela aconselha seu filho a estudar para conseguir empregos melhores.

Ao longo do resumo da vida de Dalva apresentado acima pode-se notar mudanças e continuidades para o futuro. Mudanças no sentido de prolongar o tempo de estudos e continuidade no sentido de propor o trabalho na adolescência, mesmo sabendo das dificuldades. Ou seja, apesar de Dalva ter vivido experiências exploratórias nos trabalhos que teve, ela considera ser uma boa experiência de vida para os jovens e acredita que os jovens precisem trabalhar por volta dos 15 ou 16 anos para ocupar a mente e aprender algum “ofício”. Porém, tendo passado por dificuldades para concluir os estudos, Dalva

percebe a importância da escolarização e enfatiza a conclusão de uma graduação como uma expectativa para o futuro de seu filho.

A história de vida de Dalva serviu para exemplificar a questão tratada neste capítulo. Ou seja, a partir deste exemplo e de todos os outros apresentados nesta dissertação, resulta evidente que o passado contribui para a construção do futuro que é marcado por mudanças e permanências.

Neste caso específico identifica-se que a entrevistada reconhece que a maior mudança ocorrida no passado envolve a escolarização e, por isso no presente, almeja que seu filho alcance grau superior e tenha permanência no trabalho. E, isso porque trabalhou na juventude o que a leva a acreditar que seu filho também deva trabalhar nessa mesma faixa etária mantendo-se estudando.

3.2. Futuro: em busca de sonhos

De maneira explícita ou secreta, apresentada como clara estratégia ou como um sonho, o objetivo da maior parte dos pais é que os filhos alcancem uma posição social equivalente ou superior à sua (TOMIZAKI, 2007, p. 170)

A expectativa que os pais tem sobre o futuro dos filhos reflete nas percepções que os adolescentes elaboram sobre os estudos e trabalho. As expectativas profissionais dos pais com relação ao futuro dos filhos não se fixam em profissões específicas, mas em como prepará-los para o trabalho, em como “ser alguém” na vida. A expectativa pessoal prioritária em relação aos filhos era que evitassem qualquer comportamento que os levassem, futuramente a marginalidade e a práticas ilícitas. A seguir algumas falas dos pais sobre o que pensam sobre o futuro de seus filhos exemplificam a grande valorização dos estudos como algo possível de ascensão social.

Para o futuro deles [filhos] eu espero que eles sejam honestos, descentes e trabalhadores (Marlene, 41 anos, doméstica, mãe de João Paulo).

Eu espero que ele tenha uma profissão, que ele se dê bem, que ele arranje um bom emprego, mas eu acho que a escolha da profissão tem que partir dele. (...) [Os estudos na vida das pessoas] Eu acho muito importante, tanto para o trabalho, como para o aprendizado. Para viver em comunidade, eu acho muito importante (Madalena, 37 anos, professora, esposa de Nailton, mãe de Gustavo).

Ah, que ele faça uma boa faculdade, desde que esteja no gosto dele, e que faça sucesso. É o que eu espero (Nailton, 36 anos, entregador de hortifruti, pai de Gustavo).

Para o futuro dele eu espero que ele estude e tenha um futuro bom. Porque se ele não estudar, ele não vai ter futuro nenhum, não vai ter um bom serviço (Nilza, 39 anos, doméstica, esposa de Sebastião, mãe de Tiago).

Ah, espero que ele tenha um futuro bem melhor. Porque se ele está estudando, terá um estudo bem melhor do que o meu e lá no futuro vai arrumar um bom emprego para ele e seguir a vida dele (Sebastião, 36 anos, pedreiro, marido de Nilza, padrasto de Tiago).

Que não seja nem um pouquinho do que eu fui. No mínimo que elas [filhas] consigam ter uma profissão, exercer a profissão. Que nem o meu filho falava, quando ele era vivo, ele falava que queria ser veterinário. A faculdade de veterinária é uma das mais caras que tem, mas ele pretendia fazer, portanto ele começou a trabalhar aos 13 anos, e guardar dinheiro porque ele queria fazer faculdade de veterinária (Silvia, 38 anos, faxineira, esposa de Edvaldo, madrastra de Wesley, referindo-se a seu filho advindo de outra relação conjugal, falecido em 2005).

Ah, o que eu espero para futuro dos meus filhos é que tudo seja bom, que eles cresçam, vão trabalhar, ganhar seu dinheiro e vivam bem (Edvaldo, 38 anos, pedreiro, marido de Silvia, pai de Wesley).

Ah, eu espero que ele consiga estudar até o fim. (...) [Os estudos na vida das pessoas] É tudo. Estudar hoje é tudo. [por exemplo] Você chegar em um lugar e conversar com uma pessoa (Rose, 41 anos, desempregada, esposa de Cláudio, mãe de Luciano).

Ah, eu espero que seja um homem de bem, um homem que arrume uma profissão boa. Um homem responsável. E que não pare com os estudos que nem eu parei. Que continue os estudos para ser alguém na vida, que eu não consegui ser, então eu peço para Deus que ele consiga. (...) Porque hoje, sem estudo como é que você faz? Que nem a gente comentou, a gente não acompanha o mercado. Tem que estudar e sempre (Cláudio, 41 anos, mecânico de automóveis, marido de Rose, pai de Luciano).

Desta forma, a inserção laboral é associada pelos pais dos adolescentes ao valor moral do trabalho, por meio de palavras como “bom”, “importante”, “enobrece o homem”, “amadurecimento”, “dinheiro” (OLIVEIRA & cols., 2001, 2003, 2005; GUIMARÃES & ROMANELLI, 2002).

Passe-se agora para o que os adolescentes pensam sobre o próprio futuro. Percebeu-se durante as entrevistas certa dificuldade enfrentada pelos jovens em planejar o futuro. Quando convidados a refletir sobre o que fariam após o término do ensino médio, alguns tiveram dificuldade em responder. Dentre as respostas tiveram (i) aqueles que gostariam de continuar os estudos fazendo uma faculdade; (ii) aqueles que não tinham pensado muito sobre o assunto e (iii) a maioria que apostou em arrumar um trabalho/emprego e talvez

fazer cursos técnicos/profissionalizantes para tentar melhorar sua condição escolar (aumentando sua escolaridade) e obter melhor colocação no mercado de trabalho. Por exemplo, para o futuro, João Paulo (18 anos, filho de Neusa, segunda entrevista) pensa em: “primeiramente tentar terminar meus estudos e tentar fazer o curso. Aí depois, só Deus sabe! Ah, eu penso em ter uma casa junto com a minha família que, a gente mora de favor. Pretendo ter uma casa”. Continuando a entrevista, João Paulo ainda afirma:

A: Você já foi atrás para saber como é o curso de culinária?

J. P.: Fui ver o curso e está cerca de R\$ 390,00 por mês durante três anos.

A: Você pensa em fazê-lo?

J. P.: Penso, mas paro meu bolso não dá agora.

A: Por que fazer esse curso?

J. P.: Seria uma profissão. Porque o meu patrão tem esse mercado e um restaurante no Santa Isabel, aí ele estava querendo que eu fizesse esse curso para eu poder trabalhar no restaurante do bar dele

A: O que você acha disso?

J. P.: Acho bom porque hoje em dia um gourmet, um cozinheiro ganha muito bem.

A: O que é para você ganhar bem?

J. P.: Ganhar bem é na faixa de R\$ 1.000,00 / R\$ 1.500,00. Daí para cima.

Segue abaixo algumas falas retiradas da segunda rodada de entrevistas que também revelam um pouco sobre como os jovens pensam o próprio futuro:

A: Como você definiria o seu futuro?

V: Eu estou fazendo o Ensino Médio e [técnico em] logística. Vou me formar em logística e no Ensino Médio no fim do ano que vem. Quero trabalhar na área de logística, que não é a minha área, mas é uma área que está dando muito emprego na região e que eu tenho muitas chances de crescer. Trabalhando nessa área eu vou conseguir me manter, fazer faculdade, fazer psicologia mesmo. Mesmo que não for para eu trabalhar [na área], eu quero mesmo fazer psicologia. Talvez montar um consultório, fazer alguma coisa mais restrita, não quero ficar trabalhando para todo mundo. Não sei em que período desse tempo eu vou fazer intercâmbio, casar, ter meus filhos e continuar sendo psicóloga (Vanessa, 17 anos, filha de Cleusa e Adoniram, segunda entrevista).

[Para o futuro] Ah, eu pretendo terminar meus estudos, arrumar um serviço, acho que só. Depois prestar, sei lá, se eu não conseguir virar jogador de futebol, prestar uma faculdade (Tiago, 16 anos, filho de Nilza e enteado de Sebastião, segunda entrevista).

A: como você pensa o seu futuro hoje?

F: Eu penso hoje em dia em terminar o meu segundo e terceiro ano, terminar o meu Ensino Médio, tentar ingressar numa faculdade e a partir dela conseguir um emprego fixo. Até lá trabalhar em outros empregos, mas a partir do término da faculdade, conseguir um emprego fixo legal, com uma renda legal também para

tentar manter ou uma família ou então manter a minha família mesmo ou outra família que eu possa a vir constituir

A: Você pensa em fazer faculdade do que?

F: Atualmente eu não imagino o que fazer de faculdade, mas eu tenho dois anos, três anos para pensar. Acho que até lá eu consigo decidir (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista).

A: O que você pensa para o seu futuro?

L: Terminar meus estudos, servir o exército e comprar meu carro, minha moto e morar sozinho.

A: Como você pretende alcançar tudo isso?

L: Trabalhando e estudando (Luciano, 17 anos, filho de Rose e Cláudio, segunda entrevista).

A: O que você pensa para o seu futuro?

W: Que eu continue trabalhando cada vez mais. Nossa! É bem complicado, é bem difícil saber o que você quer mais pra frente. Eu pretendo mais pra frente arrumar um serviço e fazer alguns cursos.

A: Que tipo de curso?

W: Curso para entrar para a polícia. Eu pretendo ser policial e mais pra frente fazer um curso para entrar na polícia.

A: Como você pretende alcançar esse futuro?

W: Eu queria trabalhar ainda mais também, e pensar bem o que eu vou fazer mais pra frente (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

O futuro pensando pelos pais e o futuro almejado pelos filhos convergem em dois pontos: (i) a conclusão dos estudos básicos e (ii) conseguir um “bom” emprego.

A: O que seria um bom emprego?

T: Um bom emprego pra mim teria que ter pessoas legais no serviço, ganhar bem também

A: Quanto você acha que é ganhar bem?

T: Ah, sei lá uns R\$ 900,00, R\$ 1000,00 reais.

A: O que seria um emprego ruim?

T: Ah, ser servente deve ser ruim.

A: Por quê?

T: Ah, sei lá. Tem que ficar no sol, fazer muito esforço. (Tiago, 16 anos, filho de Nilza e enteado de Sebastião, segunda entrevista)

A partir da análise dos dados dos pais dos adolescentes pode-se perceber que a escolarização de seus filhos é vista também como uma forma de alcançar uma condição social melhor que aquela que lhes coube, reconhecendo que a qualificação para um “bom emprego”, diferentemente de “sua época”, passa necessariamente por uma escolarização mais prolongada.

Isto implica não apenas na valorização do estudo, mas no financiamento de condições para que seus filhos se dediquem integralmente aos estudos. Nesse caso, o

investimento educacional representa uma das estratégias de propulsão ou de manutenção da mobilidade social para essas famílias.

Os trechos das entrevistas permitiram visualizar a articulação da percepção positiva que os familiares tem sobre a dedicação de seus filhos aos estudos, para fortalecer estratégias de investimento educacional. Mas isto não significa que estes filhos gozem da exclusividade do investimento educacional. No contexto geral, a maioria dos adolescentes está seguindo a carreira escolar pelo menos até a entrada no mercado de trabalho. Porém, como observado nos capítulos, três adolescentes já trabalhavam antes de concluírem os estudos.

Considerando a estratégia do investimento escolar das famílias, tem-se o reconhecimento da ruptura da lógica da reprodução avaliada por meio da escolha e determinação pela continuidade dos estudos dos adolescentes até no mínimo o ensino médio.

Entretanto, a situação econômica não se altera e a equação do custo, risco e benefício pode levar até mesmo a um aumento do sacrifício dos pais, objetivando uma melhor situação financeira, bem como um melhor futuro para seu filho.

Mas será que "vale a pena mantê-lo totalmente na escola dedicado aos estudos, até última série do último nível?".

Para a maioria desses pais, a preocupação de possibilitar que seus adolescentes somente estudem, vem atrelada à questão do amadurecimento e ocupação que o trabalho pode agregar aos seus filhos, além de melhorar a condição financeira de toda família, revelando-se assim uma dualidade nos investimentos: trabalho x educação.

CONCLUSÃO

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao longo desta dissertação pode-se visualizar a partir de um grupo de adolescentes e suas famílias como as percepções sobre o trabalho e estudo são construídas e como essas percepções são importantes na formulação de trajetórias sociais, levando às seguintes conclusões.

A partir de tudo o que foi apresentado nesta dissertação, pode-se concluir que as representações sociais são indispensáveis para a compreensão da dinâmica social.

Nesta pesquisa foi fundamental compreender como os adolescentes constroem suas percepções de trabalho, para entender de que forma isso influencia seu modo de pensar e planejar o futuro.

Restou evidenciado que a dinâmica social envolve aspectos informativos e explicativos da natureza das ligações sociais, intra e intergrupos, e das relações dos indivíduos com seu ambiente social, tornando-se assim um elemento essencial para a compreensão dos determinantes dos comportamentos e das práticas sociais, conforme proposto por Abric (1994), citado por Oliveira (2001a).

Os adolescentes participantes dessa pesquisa atribuem sentidos bem claros a cada objeto analisado e associam a eles diferentes funções: se o trabalho parece funcionar como um mecanismo de legitimação de valores sociais, como a responsabilidade, a maturidade, a ocupação etc.; a escola parece ter o poder de libertar assegurando um futuro diferente daquele da família de origem, e ambos estão intimamente ligados às possibilidades ou impossibilidades de um futuro voltado para uma ascensão sócio-econômica, como explicitado a seguir:

(...) uma crença na escola como instituição capaz de transferir saber e de possibilitar um melhor futuro para crianças e adolescentes; e o trabalho como uma forma de reprodução de desigualdades na medida em que se impõe pela necessidade econômica das famílias e de valores sociais hegemônicos incorporados pelos jovens quando o associam a um valor moral (OLIVEIRA, 2001a, p.257).

A maioria dos adolescentes apresentava defasagem escolar e os que trabalhavam, demonstraram dificuldades para conciliar trabalho e estudo.

A pesquisa mostrou adolescentes expostos à exploração do trabalho, tanto com relação à remuneração e a condições de trabalho, quanto aos mecanismos sociais de proteção, ou seja, os adolescentes que trabalhavam durante o dia e estudavam à noite encontravam-se expostos a condições de trabalho tão perversas quanto a de seus pais.

A vida escolar encontrava-se prejudicada tanto pelo desgaste advindo do trabalho, quanto da formação escolar nada estimulante. A descrença e a decepção dos alunos em relação à escola pareceram ser responsáveis por afastar cada vez mais os jovens da possibilidade de aperfeiçoar a educação formal (BAJOIT & FRANSSEN, 2007).

Percebeu-se também que, embora os adolescentes tivessem mais anos de estudo que seus pais, estes já estavam exercendo ocupações similares a deles. Que de acordo com BAJAIT & FRANSSEN (2007) torna-se um fenômeno conhecido como regressão intergeracional.

Por fim pode-se afirmar que as percepções sobre o trabalho se apóiam em valores dados a ele (seja na ética, seja na necessidade) e em padrões de interpretar o significado do seu resultado (seja como provedor, seja como produtor de independência, crescimento ou auto-realização). Contudo, tem-se uma pluralidade de significados sobre os trabalhos produzidos no meio dos diferentes grupos, variando conforme as experiências familiares e círculo de amizades.

Contudo, ainda há necessidade de avançar no estudo empírico das fontes de explicação dessas diferenças de entendimentos e representações, reconhecendo o peso dos determinantes sociais que continuam a influenciar o acesso e a natureza da sua relação com o trabalho e, assim, compreender as diversas formas de viver a juventude e o próprio percurso profissional.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro paulo Martoni (2005). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- AMAZARRAY, Mayte Raya et al. (2009). **Aprendiz versus trabalhador: adolescentes em processo de aprendizagem**. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. vol.25, n.3, pp. 329-338. ISSN 0102-3772. doi: 10.1590/S0102-37722009000300006.
- ARIÈS, Philippe (1981). **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- ASMUS, C. I. R. F, RAYMUNDO, C. M. R., BARKER, S. L., PEPE, C. C. C. A., & RUZANY, M. H. (2005). **Atenção integral à saúde de adolescentes em situação de trabalho: lições aprendidas**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 953-960.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine (1988). **Sociologie des générations. L’empreinte du temps**. Paris : Presses Universitaire de France.
- AZEVEDO, J. S. Gabrielli de; MENEZES, W. F.; FERNANDES, C. M. (2000), **Fora de Lugar. Crianças e Adolescentes no Mercado de Trabalho**. Organização: Maria Regina Nabuco. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET. (Coleção Teses & Pesquisas, v. 2).
- BAJOIT, Guy; e FRANSSSEN, Abraham. (2007). **O trabalho, busca de sentido. In: Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPED.
- BARROS, R. P. de, HENRIQUES, R., MENDONÇA, R. (2002). **Pelo fim das décadas perdidas: educação e desenvolvimento sustentado no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, (Texto para discussão nº 857).
- BARROS, Ricardo Paes de; MENDONÇA, Rosane; VELAZCO, Tatiana (1996). **A pobreza é a principal causa do trabalho infantil no Brasil urbano?** in IPEA, *Economia Brasileira em Perspectiva*. Rio de Janeiro: IPEA, 2v. pp. 537 – 563.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas (1985). **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes.
- BRASIL (2001). **Trabalho Infantil**. Rio de Janeiro: IBGE.
- BRUNER, Jerome Seymour (1997). **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas.

- BOLTANSKI, Luc (2005). **Usos fracos e usos intensos do *Habitus***. In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie (orgs). **Trabalhar com Bourdieu**. Trad. Karina Jannini. Rios de Janeiro, Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, Pierre (2008). **Escritos de Educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- BOURDIEU, Pierre (1983). **A juventude é apenas uma palavra**. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Trad. Jeni Vaitsmen. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- CAMPOS, H. R., & FRANCISCHINI, R. (2003). **Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano**. *Psicologia em Estudo*, (Maringá), 8(1, especial), 119-129.
- CAMPOS, Herculano Ricardo; ALVERGA, Alex Reinecke de (2001). **Trabalho infantil e ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho**. *Estudos Psicologicos (Natal)*, vol. 6, no. 2, pp. 227-233.
- CAMPOS, Maria Machado de Malta (1991). *Infância abandonada: o piedoso disfarce do trabalho precoce*, in Souza, José de. **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec. Pp. 117 – 153.
- CASTRO, J. A. L. e CASTRO, D. S. L. (2002). *Aspectos jurídicos da proibição do trabalho infantil e da proteção ao trabalhador adolescente*, in Marques, M. E., Neves, M. A. E Neto, A. C. (orgs). **Trabalho infantil: a infância roubada**. Belo Horizonte: PUC Minas, Instituto de relações do Trabalho. Pp. 61 – 77.
- COSENDEY, E. M. V. M. (2002). *O trabalho infanto-juvenil: características e malefícios*, in Marques, M. E., Neves, M. A. E Neto, A. C. (orgs). **Trabalho infantil: a infância roubada**. Belo Horizonte: PUC Minas, Instituto de relações do Trabalho.
- D'AVILA, José Luis Piôto (1998). **Trajatória escolar: Investimento familiar e determinação de classe**. *Educ. Soc.* [online]. vol.19, n.62 [cited 2010-04-14], pp. 31-63. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100003&lng=en&nrm=iso>.ISSN 0101-7330. doi: 10.1590/S0101-73301998000100003.
- DUBAR, Claude (1998). **Trajórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos**. *Educ. Soc.* [online]. vol.19, n.62, pp. 13-30. ISSN 0101-7330. doi: 10.1590/S0101-73301998000100002.
- ELIAS, Norbert (1995). **Mozart: sociologia de um gênio**. Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahas.
- ELIAS, Norbert (1994). **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- ENGUIITA, M. F. (1989). **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 5-31; 105-131.
- FERREIRA, Bruno Edvaldo Silva e GARCIA, Agnaldo (2008). **Aspectos da amizade de adolescentes portadores de diabetes e câncer.** *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. vol.25, n.2, pp. 293-301. ISSN 0103-166X.
- FERREIRA, Marcos Artemio Fischborn (2001). **Trabalho infantil e produção acadêmica nos anos 90: tópicos para reflexão,** *Estudos de Psicologia*, v. 6, n. 2, p. 213-225.
- FERREIRA, Marcos Artemio Fischborn (1999). **Investigação dos comprometimentos do trabalho precoce na saúde de crianças e adolescentes.** *Relatório de Pesquisa.* Brasília: MTb/OIT.
- FERREIRA, M. A. F. & VALENZUELA, M. C. (1998). **Estudo epidemiológico dos acidentes de trabalho em Porto Alegre.** Porto Alegre: Escola de Saúde pública.
- FISCHER, F. M., OLIVEIRA, D. C., TEIXEIRA, L. R., TEIXEIRA, M. C. T. V., & AMARAL, M. A. (2003). **Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 8, 973-984.
- GOMES, Livia Godinho Nery & SILVA JUNIOR, Nelson da (2008). **Implicações políticas da semântica familista nos discursos de amizade contemporâneos.** *Psicol. estud.* [online]. 2008, vol.13, n.2, pp. 267-275. ISSN 1413-7372. doi: 10.1590/S1413-73722008000200009.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo (2005). Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- GUIMARÃES, R. M., & ROMANELLI, G. (2002). **A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG.** *Psicologia em Estudo*, (Maringá), 7, 117-126.
- HOELZEL, Flávia (2000). **O trabalho precoce e projetos de vida: um estudo em crianças e adolescentes do meio rural de Santa Cruz do Sul.** Dissertação de Mestrado. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul.
- LACHTIM, Sheila Aparecida Ferreira e SOARES, Cássia Baldini (2009). **Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgaste?.** *Rev. bras. enferm.* [online]. vol.62, n.2, pp. 179-186. ISSN 0034-7167.
- LENOIR, Rémi (1998). *Objeto Sociológico e Problema Social*, in Patrick Champagne, **Iniciação à Prática Sociológica**, Petrópolis: Vozes.

- LINHARES, Elizabeth Ferreira (2004). **Entre escravos e anjos: condições e significados da infância em um assentamento rural fluminense**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA.
- MARQUES, Vera Regina Beltão (2003). **Histórias de higienização pelo trabalho: crianças paranaenses no novecentos**. *Cadernos Cedes*, abril, v. 23, n. 59, p. 57-78.
- MARTINS, José de Souza (1993). **Massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec.
- MOTTA, Alda Britto da (Org.) (2004). **Dossiê: Gênero, Idades e Geração**. 42. ed. Salvador: EDUFBA e Editoria Caderno CRH. v. 17.
- MOURA, E. B. B. (2000). *Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo*. in Del Priori, M. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto.
- NETO, A. C., NEVES, M. A. e JAYME, J. G. (2002). *Setor informal: abrigo para o trabalho infantil*. in Marques, M. E., Neves, M. A. E Neto, A. C. (orgs). **Trabalho infantil: a infância roubada**. Belo Horizonte: PUC Minas, Instituto de relações do Trabalho. Pp. 79 – 98.
- OLIVEIRA, Denize Cristina de et al. (2005). **A positividade e a negatividade do trabalho nas representações sociais de adolescentes**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. vol.18, n.1, pp. 125-133. ISSN 0102-7972.
- OLIVEIRA, D. C., FISCHER, F. M., TEIXEIRA, M. C. T. V., & AMARAL, M. A. (2003). **A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais**. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5, 27-39.
- OLIVEIRA, Denize Cristina de, et al. (2001a) **Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. vol.6, n.2, pp. 245-258. ISSN 1413-294X.
- OLIVEIRA, Beatriz R. G. e ROBAZZI, Maria Lúcia do C. C. (2001). **O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce**. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [online]. vol.9, n.3, pp. 83-89. ISSN 0104-1169.
- PASSETTI, E. (2000). *Crianças carentes e políticas públicas*. in Del Priori, M. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto. Pp. 347 – 375.
- PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle (2000). **Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Makron Books.
- PERALVA, Angelina. **O jovem como modelo cultural**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6, mai./dez. 1997, especial sobre Juventude e Contemporaneidade.
- PIRES, J. M. (1988). **Trabalho infantil: a necessidade e a persistência**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.

- RIZZINI, Irene (2000). *Pequenos trabalhadores do Brasil*. in Del Priori, M. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto. Pp. 376 – 406.
- SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos (2005) **O papel da família e dos pares na escolha profissional**. *Psicol. estud.* [online]. vol.10, n.1, pp. 57-66. ISSN 1413-7372. doi: 10.1590/S1413-73722005000100008.
- SANTOS, G. M. (2002). *Trabalho infantil no Brasil*. in Marques, M. E., Neves, M. A. E Neto, A. C. (orgs). **Trabalho infantil: a infância roubada**. Belo Horizonte: PUC Minas, Instituto de relações do Trabalho. Pp. 43 – 46.
- SANTOS, M. A. C. (2000). *Criança e criminalidade no início do século*. in Del Priori, M. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto.
- SARRIERA, J. C., SILVA, M. A., KABBAS, C. P., & LOPES, V. B. (2001). **Formação da identidade ocupacional em adolescentes**. *Estudos de Psicologia*, 6, 27-32.
- SENNETT, Richard (2009). **O artífice**. Trad.: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record.
- SENNETT, R. (1988). **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Trad. L. A. Watanabe, São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, R. B. F. (2000a). **Trabalho infantil e construção da identidade de gênero**. Dissertação de Mestrado. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul.
- SILVA, Maurício Roberto da (2000b). **O Assalto à Infância no Mundo Amargo da Cana-de-Açúcar: onde está o lazer lúdico? O Gato Comeu?** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- SPINDEL, Cheywa R. (1988). **Crianças e adolescentes no mercado de trabalho**. São Paulo: Brasiliense. pp. 13 – 53.
- SZYMANSKI, Heloisa (2006). **Práticas educativas familiares e o sentido da constituição identitária**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. vol.16, n.33, pp. 81-90. ISSN 0103-863X. doi: 10.1590/S0103-863X2006000100011.
- TOMIZAKI, Kimi Aparecida (2010). **Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional**. *Educ. Soc.* [online], vol.31, n.111, pp. 327-346. ISSN 0101-7330.
- TOMIZAKI, Kimi Aparecida (2007). **Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança a cultura operária entre duas gerações de trabalhadores**. Campinas: Centro de Memória da Unicamp/ Arte Escrita Editora/ FAPESP.